

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário
ISSN 0870-1865
15 de Julho de 1993
Preço: 120\$00
(IVA incluído)
N.º 1021
Director:
Carlos Brito



PROGRAMA a festa!

Suplemento

AMORA-SEIXAL
3, 4 e 5 SETEMBRO
neste número



Manifestação, em Lisboa, dos trabalhadores têxteis

Mais uma semana de lutas

Págs. 3, 4 e 5



Carlos Carvalho com os Candidatos CDU do Concelho de Lisboa no encontro do Centro Vitória

Carlos Carvalho com a CDU de Lisboa

Págs. 12 e 13

Os

«refundadores»

— artigo de
Domingos Abrantes

Págs. 14 e 15



Cavaco na RTP

Fintas e fugas

Pág. 24



A Somália, cenário de uma guerra neocolonial

— artigo de
Miguel Urbano Rodrigues

Pág. 18



O Alentejo tem futuro

— artigo de
António Murteira

Pág. 16



Este número do «Avante!» inclui o Suplemento «a festa n.º 1» que não pode ser vendido separadamente.



Reunião da CDU do distrito de Lisboa no CT Vitória

RESUMO

7 Quarta-feira

O Conselho de Ministros aprova em sessão extraordinária o Plano de Desenvolvimento Regional, que, a ser aprovado por Bruxelas, permitirá um investimento de 6580 milhões de contos até ao fim do século ■ A Comissão Política do PCP denuncia a manobra legislativa do Governo que visa isentar os presidentes e vereadores de câmara da sujeição do regime de incompatibilidades ■ Trabalhadores dos têxteis, vestuário e calçado desfilam da Praça Luís de Camões até S. Bento, para denunciar os problemas do sector ■ Relatório da Amnistia Internacional denuncia casos de tortura e maus tratos em Portugal ■ Guntis Ulmanis é eleito presidente da Letónia ■ Militantes da oposição erguem barricadas em vários locais da capital congoleza, Brazzaville, exigindo a demissão do governo do general Joachim Yhombi Opango e da Assembleia Nacional.

8 Quinta-feira

O Conselho de Ministros aprova a reformulação do regime de pensões; na mesma reunião é apreciado um projecto de lei que visa diminuir o valor dos subsídios de desemprego ■ 300 trabalhadores vidreiros cortam a circulação de comboios na Marinha Grande, reclamando o pagamento de salários em atraso ■ A Comissão Nacional de Eleições corre o risco de encerrar por falta de pessoal, denuncia o seu presidente Melo Franco ■ Termina a conferência do G7 em Tóquio, que decide um plano de financiamento a Moscovo ■ Portugueses e russos tentam pressionar os EUA a endurecer as posições para com a UNITA ■ Felipe González apresenta o programa do governo nas Cortes Espanholas.

9 Sexta-feira

Os chefes de equipa das urgências do Hospital Distrital de Évora ameaçam demitir-se se não forem alteradas as condições de trabalho da unidade, à beira da «ruptura total e incontrolável» ■ O presidente do IPE - Investimentos e Participações Empresariais, Amaro Matos, envia uma carta ao seu homólogo do grupo Renault manifestando-se indignado e preocupado com a recente decisão de despedir 323 trabalhadores da fábrica de Setúbal ■ A Associação Sindical dos Trabalhadores dos Serviços Prisionais ameaça efectuar uma greve caso não seja resolvida a actual sobrelotação das prisões ■ Bill Clinton anuncia que a Rússia passa a integrar como convidado permanente o grupo do sete países mais industrializados ■ Felipe González é reeleito presidente do governo espanhol, com o apoio dos deputados socialistas e dos partidos nacionalistas catalão e basco.

10 Sábado

O secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhal, anuncia que o grupo parlamentar comunista vai requerer apreciação do novo decreto de alteração do regime das pensões ■ Mário Soares homenageia Salvador Allende, em Santiago do Chile, onde se encontra numa visita presidencial ■ Cavaco Silva desloca-se ao

Porto para apoiar os candidatos laranjas no distrito ■ A CGTP-IN entrega ao Governo, na reunião do Conselho Económico e Social, um dossier em que enumera mais de 700 casos de empresas com problemas de emprego ■ É nomeado um novo ministro da Defesa da Argélia, o general Lamine Zeroural, que substitui no cargo o general Khaled Nezzar ■ A Ucrânia e o presidente russo contestam a decisão do Parlamento de Moscovo de atribuir o porto de Sebastopol à Rússia ■ O presidente Bill Clinton e o seu homólogo Kim Yong Sam ameaçam a Coreia do Norte com medidas «apropriadas» caso não altere a sua atitude sobre a questão nuclear ■ A CDU do distrito de Lisboa tem um encontro no Centro Vitória, onde se analisam algumas estratégias para as próximas eleições.

11 Domingo

O secretário de Estado dos Mercados Agrícolas e Produtos Alimentares reconhece que houve casos de fraude relativamente aos fundos comunitários ■ Bagdad lança um apelo ao Conselho de Segurança das Nações Unidas para que impeça uma nova agressão militar contra o Iraque ■ 120 pessoas morrem vítimas das inundações que afectaram vários pontos da Índia ■ A polícia sul-africana revela que 109 polícias foram mortos e 1702 ficaram feridos nos confrontos violentos ocorridos nos primeiros seis meses deste ano.

12 Segunda-feira

É publicado o Relatório de Contas do Banco de Portugal que indica prejuízos de exploração, durante 1992, na ordem dos 81,8 milhões de contos ■ Cerca de 300 trabalhadores da TAP concentram-se frente ao edifício da empresa para assinalarem o 20º aniversário da carga da polícia de choque sobre uma manifestação proibida por Marcello Caetano ■ Boris Ieltsin consegue que a conferência constitucional aprove o projecto de uma nova Lei Fundamental para a Rússia ■ Os ministros da CE voltam a defender a necessidade de novas reduções nas taxas de juro para combater a recessão económica ■ Helicópteros americanos lançam, na Somália, um ataque com mísseis contra posições dos partidários do general Mohamed Aidid, provocando a morte de várias dezenas de pessoas ■ Um incêndio de grandes proporções deflagra a norte de São Marcos da Serra, Silves, interrompendo durante 20 minutos a circulação de comboios.

13 Terça-feira

Um «engano de computador» do Ministério das Finanças troca as cartas de 50 000 contribuintes por conta de outrém, no IRS; o Ministério fala apenas em 750 «erros» e garante que vai ser tudo resolvido «com rapidez» ■ O primeiro-ministro espanhol, Felipe González, anuncia a constituição do seu novo governo; do anterior executivo apenas cinco conservam os mesmos cargos ■ Um sismo, seguido de maremoto, abalou, de ontem para hoje, o norte do Japão, fazendo 240 vítimas, entre mortos e feridos ■ A Rússia, a Bielorrússia e a Ucrânia propõem-se criar um espaço económico comum, à margem da Comunidade dos Estados Independentes, a estrutura que pretendia substituir a ex-URSS.

EDITORIAL

Incredibilidades



Os últimos desenvolvimentos da situação política nacional continuam a demonstrar que a falta de credibilidade das propostas e das atitudes do PS dão largo campo de manobra ao

PSD e facilitam a propagação cavaquista de que não há alternativa à sua governação. Mais uma vez, na recente entrevista ao «Diário de Notícias», António Guterres vem afirmar que o «objectivo do PS em próximas legislativas é ganhar a «maioria absoluta»». Adianta mesmo: «Recusamo-nos a discutir cenários em que não a tenhamos.»

Não disse nada de novo. Foi exactamente o mesmo que pediram e afirmaram Almeida Santos, em 1985, Vítor Constâncio, em 1987, Jorge Sampaio, em 1991.

Dir-se-ia que é mais fácil o PS mudar de Secretário-Geral do que alterar uma estratégia eleitoral desadequada e desacreditada.

Entretanto, conhecem-se os resultados desta estratégia e de como sempre ficaram pensosamente distantes do pedido feito ao eleitorado.

É que não basta pedir maiorias, como fazem os dirigentes do PS, é essencial dar ao eleitorado uma perspectiva credível e um projecto que inspire confiança.

O país não acredita na maioria absoluta do PS sozinho. Os dirigentes socialistas têm abundantes razões para se convencerem de que estão a malhar em ferro frio quando fazem esse apelo.

A insistência na estratégia da maioria absoluta por parte do PS e a concomitante recusa da consideração de uma alternativa baseada numa convergência de forças democráticas, em que o PCP tem insistido e para a qual sempre se mostrou aberto é, provadamente, a causa principal das vitórias eleitorais do PSD e da sua manutenção no poder.

A incredibilidade da proposta do PS não reside, no entanto, apenas no inconsistente e desacreditado apelo à maioria absoluta, reside igualmente em todo o projecto político que lhe está associado e, sobretudo, na prática política do Partido Socialista.

É muito curioso notar que Guterres, sentindo a necessidade de marcar diferenças em relação ao PSD, se preocupe, na mesma entrevista, em acentuar que votar PS não significa uma grande diferença em relação ao PSD.

Não é «uma aventura», sublinha ele, e esclarece: «é uma mudança que se faz num quadro de princípios e valores claros e que permitem manter uma economia europeia e de

mercado e o conjunto dos beneficiários do progresso.»

Com esta observação, Guterres traz à memória os momentos mais negativos e comprometedores da prática do PS, como os entendimentos feitos com o PSD em matéria da revisão da Constituição, nomeadamente, os que escancararam as portas às privatizações e os que facilitaram a destruição do Serviço Nacional de Saúde e governamentalização e partidarização da comunicação social, bem como, em matéria de integração europeia, a ratificação de Maastricht sem debate, nem referendo e a persistente defesa de posições federalistas.

Com esta observação, o Secretário-Geral do PS atenua, também, o efeito de algumas críticas contundentes - que fez na mesma altura - à política social do Governo e recorda opi-

A maior incredibilidade que afecta a proposta do PS é a de que o país não acredita, com fundadas razões, que se chegasse ao poder sozinho fosse capaz de realizar uma política no essencial diferente da que é seguida pelo Governo do PSD.

niões defendidas por Daniel Bessa em matéria social e de semelhanças entre o PS e o PSD que nunca foram cabalmente desmentidas.

Guterres sente-se obrigado, é ele que o diz, «a apresentar uma alternativa credível ao PSD nos planos económico, social e cultural», mas a verdade é que não ousa apresentá-la e menos ainda praticá-la.

A maior incredibilidade que afecta a proposta do PS é a de que o país não acredita, com fundadas razões, que se chegasse ao poder sozinho fosse capaz de realizar uma política no essencial diferente da que é seguida pelo Governo do PSD.

Em vez da insistência teimosa e fechada de se apresentar como alternativa sozinho, o que só tem servido para bloquear a acção oposicionista ao Governo do PSD, o PS está confrontado com a necessidade e o desafio de se abrir ao diálogo com as outras forças democráticas, nomeadamente com o PCP, para a preparação de uma verdadeira alternativa credível.

Não pode deixar de se estranhar o tom peremptório com que o Secretário-Geral do PS dissocia o resultado das autárquicas de uma

eventual consideração da situação que possa legitimar a reclamação de eleições antecipadas por parte dos partidos da oposição.

É o PSD quem mais está a transformar as eleições para as autarquias numa batalha política com directa incidência na situação do Governo.

Cavaco Silva, com o peso do seu cargo institucional, está em plena campanha eleitoral pelo país, com os candidatos do PSD, ora se apresentando como Primeiro-Ministro, engravatado e fazendo inaugurações, ora se apresentando como chefe do partido, desengravatado e desancando as oposições, ora combinando as duas versões e falando sempre de estabilidade.

Mais explícito do que pode ser Cavaco Silva, desta estratégia da ligação das eleições para as autarquias com a estabilidade governativa, foi o secretário de Estado, Luís Filipe de Menezes, no passado fim-de-semana.

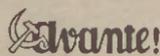
Disse coisas como esta: «um Governo PSD com autarquias social-democratas tem outras condições para governar e as autarquias outras condições para fazer obras» (tudo homogeneamente laranja que que é bom!); ou ainda mais: «se tivermos a maioria das autarquias teremos condições para manter a maioria e a estabilidade governativa». E se não tiverem, o que deve acontecer ao Governo?

Anote-se, ainda, que na entrevista à RTP na passada terça-feira, Cavaco Silva se mostrou particularmente inquieto com o resultado das eleições de Dezembro.

Por outro lado, a intensificação da campanha contra o Presidente da República e a favor da revisão da Constituição (atenção ao histórico discurso de Alberto João Jardim) demonstra que o PSD se prepara para dramatizar ao máximo a atmosfera política tanto para desviar as atenções da crise económica e social em que o país está mergulhado, como para condicionar psicologicamente o eleitorado nas eleições autárquicas.

Tudo isto aponta não para uma situação política de serena normalidade (como parece antes do Secretário-Geral do PS) mas para uma situação de tensão política agudizada pela grave situação social e pelas medidas do Governo para impor autoritariamente um «acordo global» aos trabalhadores que os faça suportar os principais custos da crise.

Para enfrentar esta situação, as direcções de actividade mais apropriada que se apresentam aos trabalhadores, aos comunistas e demais democratas da CDU é a intensificação da luta popular de massas e a preparação das eleições autárquicas em todas as vertentes onde se decide do resultado do acto eleitoral do próximo mês de Dezembro.



Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX. Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390 Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO: Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90, 7ª-A, 1100 Lisboa. Capital social: 15 000 000\$00. CRC matriculada: 47058. NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO: DISTRIBUIÇÃO ADE's Editorial Avante! — Av. Almirante Reis, 90, 7ª-A, 1100 Lisboa — Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 Fax: 815 34 95

Alterações de remessa: Até às 17 horas de cada sexta-feira. Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL INTERPRESS — Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas, Lda, Sector de Distribuição. Sede: Rua do Norte, 115, 1ª, 1200 Lisboa. Telef. (01) 342 07 84/342 23 49/342 22 04. Delegação Centro: Praceta Dr. Alberto Oliveira, 4, 3000 Coimbra Telef. (039) 71 35 77. Delegação Norte: R. Monte dos Pipos, 326, Guiões, 4450 Matosinhos Telef. (02) 953 15 66/953 17 49/953 17 50

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7ª-A 1100 Lisboa — Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90-7ª-A 1100 Lisboa — Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composto e impresso na Heka Portuguesa, SA R. Elias Garcia, 27 Venda Nova — 2700 Amadora Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (CONTINENTE) — 50 números: 5.400\$00; 25 números: 2.790\$00

REGIÕES AUTÓNOMAS — 50 números: 6.786\$00

ESPAÑA — 50 números: 8.326\$00

MACAU — 50 números: 13.042\$00

GUINÉ-BISSAU E S. TOMÉ E PRÍNCIPE — 50 números: 14.056\$00

EUROPA (e ARGÉLIA, MARROCOS, TUNÍSIA) — 50 números: 14.960\$00

EXTRA-EUROPA — 50 números: 18.760\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____

Morada _____ Telef. _____

Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

TRABALHADORES

Uma semana cheia de lutas

Trabalhadores têxteis, metalúrgicos e mineiros, vidreiros, da Quimigal, da Renault e da TAP realizaram, nos últimos dias, greves, concentrações e outras acções públicas denunciando os efeitos e os responsáveis da crise e exigindo que sejam garantidos os postos de trabalho, os salários e o futuro das empresas

Quarta-feira
Têxteis

Na tarde de quarta-feira, centenas de trabalhadores de empresas têxteis, de vestuário e calçado exigiram em Lisboa solução para a crise do sector. Respondendo ao apelo da federação dos têxteis (FESETE) e trazendo consigo os filhos, que ocuparam as primeiras filas, concentraram-se no Largo de Camões, junto ao Ministério da Indústria. Miramar não os recebeu, pelo que partiram em manifestação até ao Palácio de S. Bento. Cavaco Silva também não estava disponível para os ouvir.

Traziam consigo, para entregar aos governantes do PSD, um «livro negro» onde fazem o balanço da evolução do sector nos últimos dois anos e mostram que «é possível sair da crise». Feitas as contas pelas estruturas sindicais, naquele período verificou-se uma quebra de 27166 trabalhadores, o que corresponde a 7,8 por cento dos activos; as 221 empresas que encerraram ou faliram empregavam 21883 pessoas e fazem parte de um total de 379 empresas com «perturbações graves» que abrangem quase 64 mil trabalhadores.

Quinta-feira
Metalúrgicos

Representantes das estruturas de trabalhadores de uma centena de empresas da metalurgia, metalomecânica e minas participaram dia 8 numa «tribuna pública» promovida no Largo de Camões pela federação do sector (FSMMP) e os sindicatos filiados. Desde as 11 horas até ao fim da tarde, por ali desfilarão os problemas de grandes e pequenas empresas, a análise das suas causas e as medidas reclamadas para a sua resolução; os respectivos *dossiers* foram entregues no Ministério da Indústria, ali ao lado, na Rua da Horta Seca, e também aos jornalistas. A comunicação social foi também distribuída uma síntese em que a federação refere os efeitos sociais resultantes de encerramentos totais ou parciais de empresas nos últimos anos: uma acentuada precarização do emprego e a redução de quase 40 mil postos de trabalho. Entretanto, só nos últimos dois anos ultrapassou 2 mil milhões de contos o saldo negativo do comércio externo relativo a um conjunto de actividades deste sector.

Sexta-feira
Quimigal

Uma concentração de mais de uma centena de trabalhadores da Quimigal Adubos (Barreiro e Estarreja) acompanhou a reunião que teve lugar dia 9 em Lisboa entre uma delegação do pessoal e representantes da administração. Os manifestantes deslocaram-se depois da Avenida Infante Santo até à residência oficial do primeiro-ministro, «pois o Governo é o principal responsável pela ruína em que colocou um dos pilares fundamentais da química de base do nosso país», como afirma a federação do sector no comunicado de imprensa em que anunciava aquela acção, convocada para repudiar a decisão do Governo e da administração de paralisar a quase totalidade das instalações fabris, aplicar unilateralmente aumentos salariais de 2,5 por cento e alterar os horários dos turnos para diminuir a remuneração dos trabalhadores.

De 4.ª a 2.ª
Ivima

No dia 7, os vidreiros da Ivima entraram em greve por tempo indeterminado, até que a administração se comprometesse a pagar os salários de Junho. A partir daí, foi uma sucessão de plenários, cortes de estrada e da linha férrea do Oeste. Chegaram a erguer barricadas com pneus a arder, na sexta-feira, quando souberam de uma primeira proposta do delegado do Instituto do Emprego que previa o pagamento de apenas metade do salário de Junho e deixava o restante para um futuro «curso» de formação profissional em Agosto e Setembro. Finalmente, na noite de segunda-feira, após uma reunião com a administração da Ivima e da empresa que comercializa os seus produtos, foi anunciado que metade dos salários seria paga ontem e o resto amanhã.

Segunda e terça
Renault

Meio milhar de trabalhadores da Renault vindos de Cacia, Lisboa e Setúbal, concentraram-se no dia 12, frente à sede da empresa. Para essa tarde, em que teve lugar uma reunião com representantes da administração, foi convocada greve. Os trabalhadores protestam contra a intenção da Renault de despedir 323 pessoas na fábrica de Setúbal (o que



As crianças estiveram nas primeiras filas das manifestações em Lisboa dos trabalhadores do têxtil, vestuário e calçado



Representantes de uma centena de empresas da metalurgia, metalomecânica e minas participaram na «tribuna pública» no Largo de Camões

representa uma diminuição de 46,6 por cento, contra 2,8 por cento nas restantes fábricas do grupo francês, como se refere numa moção aprovada durante a concentração). A «postura negativa» da administração face à nova proposta da Comissão de Trabalhadores (utilizar o milhão de contos que vão custar os despedimentos para pagar salários, aceitando paragens técnicas e uma redução das remunerações em 7 por cento depois de esgotada aquela verba) levou à agudização das formas de luta: anteontem, na fábrica de Setúbal estiveram

em plenário permanente, deslocaram-se ao escritório do director para exigir o fim do «terrorismo social» que acompanha os contactos com o pessoal a despedir, cortaram o trânsito na EN 10 e cortaram a circulação ferroviária no Quevedo.

5.ª, 6.ª e 2.ª
TAP e LAR

A greve de 4 horas por turno efectuada nos dias 8 e 9 pelos trabalhadores da Climex deixou por limpar dezenas de aviões, as salas de embarque e casas de banho

do aeroporto da Portela, registando adesões elevadas. As reivindicações prendem-se com escalas de trabalho e classificações profissionais, aumento do subsídio de alimentação e criação do subsídio de transporte.

No dia 12 cerca de 300 trabalhadores da TAP concentraram-se junto ao edifício 25 da empresa para assinalar a data em que, 20 anos antes, a polícia de choque carregou sobre o pessoal ali reunido. A acção foi convocada pela CT sob a palavra de ordem «Ontem como hoje, unidos somos mais fortes» e representou mais uma

forma de protesto contra a violação do direito de negociação colectiva. Também na segunda-feira os trabalhadores de manutenção e engenharia da LAR/Euroair iniciaram uma greve por tempo indeterminado, que só terminará quando a empresa pagar o primeiro dos seus meses de salários em atraso - referiu à Lusa um dirigente do Sitava, sublinhando que as 300 pessoas que trabalham na empresa não receberam um único ordenado em 1993 e a empresa não avançou com propostas para resolver a situação.

... e mais estão já marcadas!

Várias acções estão já marcadas noutros sectores e empresas, enquanto a CGTP convocou reuniões de emergência para definir formas de luta a breve prazo (ver página 5).

Para ontem, a federação das Indústrias de Alimentação, Bebidas e Tabacos convocou uma concentração de dirigentes e activistas sindicais junto da residência oficial do primeiro-ministro, protestando contra o bloqueamento da negociação colectiva e exigindo aumentos salariais dignos e a redução dos horários de trabalho.

Na próxima terça-feira à tarde a federação do Comércio, Escritórios e Serviços promove uma concentração de activistas sindicais de **super e hipermercados** na Praça de Londres, para exigir do Ministério do Emprego a publicação das portarias de extensão da contratação colectiva do comércio (com a aplicação das tabelas salariais desde a sua

entrada efectiva em vigor), incluindo nelas os **super e hipermercados**, nomeadamente no que se refere a horários de trabalho e folgas semanais. Reclamam ainda a negociação do contrato colectivo para os **super e hipermercados**, cujo processo de conciliação se arrasta há 6 meses.

Na próxima quinta-feira, o Sindicato dos Trabalhadores da **Administração Local** realiza, de manhã, o «piquenique dos 5 por cento», frente à Secretaria de Estado do Orçamento. Para esta iniciativa de protesto contra os aumentos salariais impostos pelo Governo, o STAL anunciou que ia convidar representantes do executivo do PSD. Entretanto, uma resolução aprovada no plenário nacional de 30 de Junho admite a convocação de um dia de greve, caso se mantenha a intransigência governamental face às reivindicações dos trabalhadores constantes da Carta apresentada após a manifestação nacional de 28 de Maio.

TRABALHADORES

Que futuro para Setúbal?

Um assessor do primeiro-ministro respondeu à União dos Sindicatos que «pode ser só sol e areia»

Quando Cavaco Silva se deslocou a Setúbal para inaugurar a Escola Superior de Educação, meteu-se por «caminhos de cabras» para evitar encontrar-se com os trabalhadores de empresas com salários em atraso e postos de trabalho em perigo. No entanto, um seu assessor recebeu da União dos Sindicatos de Setúbal um dossier sobre a grave situação social do distrito. Quando os sindicalistas o questionaram sobre o futuro que o Governo reserva para Setúbal, o assessor retorquiu que «ninguém consegue adivinhar o futuro» e que «se calhar, o futuro será só de sol e areia». Mais uma, a juntar a tantas razões para exigir uma mudança de política... Mas, afinal, quais são os motivos que inquietam os trabalhadores e as suas estruturas e que tanto desprezo merecem dos responsáveis pela governação e pela crise?

«Na generalidade dos sectores de actividade é visível uma situação de crise séria», refere a união no dossier entregue ao assessor de

Cavaco Silva no dia 29 de Junho, pormenorizando: «os despedimentos são constantes, o encerramento e falência de empresas vão-se multiplicando, os salários em atraso crescem de novo, as dívidas à Segurança Social não param de aumentar. Mais de 14 por cento da população activa está no desemprego e agora até já os subsídios de desemprego e as prestações sociais começam a ser pagos com atrasos sistemáticos». Os problemas são ainda maiores porque «as mulheres, os desempregados de longa duração e os trabalhadores que vão sendo despedidos, já na faixa etária dos 40 ou 50 anos, são grupos sociais que se vêem completamente desamparados».

A união de sindicatos forneceu uma informação, a título exemplificativo, da situação em 10 sectores de actividade, apontando «alguns dos muitos casos que mostram o insucesso da política económica e social do Governo», particularmente na indústria naval, na Siderurgia, na metalomecânica, nas indústrias eléctri-

cas, química e têxtil, no sector corticeiro, na hotelaria e na agricultura.

Além de denunciar a gravidade da situação, o dossier recorda alguns factos que responsabilizam a política dos governos laranja pelos problemas que hoje atingem o distrito de Setúbal:

- o objectivo da Operação Integrada de Desenvolvimento de nivelar a taxa de desemprego da região com a taxa nacional nunca esteve próximo de ser conseguido;

- a estrutura produtiva não foi alterada de forma a sustentar o desenvolvimento económico e social; os sectores tradicionais e os mais fortes estão há muito em queda, em grande parte devido à política de reestruturações e privatizações;

- os subsídios e fundos comunitários não tiveram como resultado a consolidação, recuperação e modernização significativa do aparelho produtivo, tal como a diversificação industrial e a inovação não passaram dos discursos; a criação de novos empregos, mesmo fortemente subsidiada, ficou

sempre muito aquém do previsto, não chegando, nem de perto, nem de longe, para absorver os despedidos;

- o desajustamento das qualificações profissionais é enorme e não está a ser reduzido; a formação profissional não tem qualquer planificação sectorial e torna-se inconsequente quando depende dos fluxos financeiros da CE e dos imponderáveis dos circuitos burocráticos.

Para evitar que o futuro seja «só de sol e areia» para todo o distrito, a União dos Sindicatos de Setúbal considera urgente alterar a política económica e social, concretamente em relação a aspectos concretos: fim das privatizações, fim das reestruturações que têm como único resultado mais desempregados, fim do plano Mello para liquidar a Lisnave, promoção do emprego, formação profissional contínua e planificada, cumprimento das responsabilidades do Estado na Segurança Social e na Saúde, respeito pelos direitos sociais e sindicais e fim da redução do poder de compra dos salários.

Despedimentos alastram em Santarém

No período de um ano registaram-se mais de 2 mil e outros 1400 podem ocorrer a breve prazo

Num distrito onde a agricultura atravessa grandes dificuldades (com crescentes situações de dispensa de trabalhadores efectivos e cada vez mais escassa ocupação de mão-de-obra sazonal, principal fonte de emprego em vários distritos), todo o sector das indústrias transformadoras é atingido por uma crise que está a afectar seriamente o emprego. Um estudo da União dos Sindicatos de Santarém, a que o «Avante!» teve acesso, chama a atenção para a grave situação social que a política económica do Governo do PSD está a gerar e que levou à destruição de 2168 postos de trabalho no período de um

ano, especialmente na indústria têxtil (646 postos de trabalho em 5 empresas encerradas ou paralisadas), na indústria alimentar (599 em 4 empresas), na indústria do papel (556 em 2 empresas) e na metalomecânica (128 na FMAT).

A aplicação pelo Governo da «lei dos disponíveis» agravará o problema do desemprego no distrito. Para já, é conhecida a intenção de despedir 77 funcionários do Centro Regional de Segurança Social e 92 (contratados) do Hospital Distrital de Torres Novas (alguns dos quais poderão manter-se, mas passando ao regime de recibos verdes).

O estudo da União não

inclui os efeitos no distrito da «dispensa de pessoal» em empresas como a ex-Rodoviária Nacional, a CP e a EDP.

De qualquer forma, os mais de 2 mil postos de trabalho liquidados no último ano significam que 6,1 por cento do efectivo existente nas indústrias transformadoras do distrito de Santarém foram despedidos, afirma a USS, alertando para o facto de que este índice pode subir rapidamente para cerca de 11 por cento. Isto porque, afirma a União, a continuação da actual política levará a que também encerrem ou procedam a despedimentos empresas como a FUTRA, MIL e Costa Nery (do sector

metalúrgico), a IFM (madeiras) e várias do grupo Mendes Godinho.

A pressão dos trabalhadores e dos sindicatos levou recentemente a que, em tribunal, os credores chegassem a acordo para reabrir no final de Julho uma parte da Matrena, reabrindo a restante parte da empresa em Setembro.

Em defesa dos postos de trabalho e da viabilização das empresas, os trabalhadores da IFM e Mendes Godinho estiveram em greve no dia 30 de Junho, e efectuaram uma concentração, com cerca de 400 pessoas, defronte da sede social daquelas empresas em Tomar.

Jovens do Porto pelo emprego

Activistas da Interjovem do distrito do Porto concentraram-se no dia 30 de Junho à porta da delegação do Ministério do Emprego e Segurança Social (na foto) para protestar contra a incúria e falta de empenhamento do Governo no combate ao desemprego e no apoio aos desempregados, bem como no combate à precariedade de emprego, que atinge 70 por cento dos jovens empregados.

Encontra-se na Alemanha até dia 25 uma delegação de Évora da organização juvenil da CGTP. A visita insere-se num programa bilateral da União dos Sindicatos do Distrito de Évora e da estrutura da DGB do distrito de Main-Kin-

zing (Frankfurt), contando com o apoio da Câmara Municipal de Évora e da Associação de Municípios distrital, da Região de Turismo de Évora e do Instituto da Juventude.



À TABELA

ÓRGÃO DA COMISSÃO DE TRABALHADORES DA CP N.º 22

EDITORIAL OS FERROVIÁRIOS PRESENTES NA FESTA DO 1.º DE MAIO É IMPERIOSO MUDAR

Todos se lembram da última greve geral, que paralisou as principais fontes de produção industrial do País. Todos se lembram, nem o Sr. ...

... Magalhães

CONTAS DA CP MOSTRAM BURACÃO

Analisando o relatório e contas de 1992 da Companhia dos Caminhos-de-Ferro Portugueses, a Comissão de Trabalhadores da empresa vê confirmado o que tem denunciado à opinião pública. No último número do seu «À Tabela», num comentário intitulado «Vieram para destruir», a CT chama a atenção para que «o défice de exploração da rede nacional de caminhos-de-ferro está a crescer a um ritmo verdadeiramente descontrolado»: enquanto o plano de modernização e reconversão (1988-94) prevê para 1992 um prejuízo de 95 mil contos, o prejuízo real verificado é de 35,6 milhões de contos, 368 vezes superior!

No relatório e contas constata-se que já foram encerradas quase todas as linhas e ramais que aquele plano condenou à eliminação (faltam 50 km na Linha do Tua), o que leva a CT a comentar: «Privaram-se as populações do benefício do comboio para se chegar agora à conclusão de que os prejuízos aumentaram mais com as linhas fechadas».

O conselho de gerência congratula-se por ter reduzido drasticamente os efectivos da CP, conseguindo assim um aumento de produtividade de 8,5 por cento; mas - contrapõe a comissão de trabalhadores - «paralelamente, os prejuízos de exploração aumentaram no mesmo ano 10,3 milhões de contos», o que significa um agravamento de 41 por cento. As razões prendem-se, segundo a CT, com a descapitalização da empresa e os juros bancários, e com o facto de a companhia «mandar trabalhadores para casa, para logo a seguir entregar o trabalho que eles faziam a empreiteiros, com custos muito superiores aos que eram suportados pela CP».

A comissão de trabalhadores aponta ainda a «discrepância que existe entre os 9,7 por cento de aumento dos custos operacionais, e os 41% de aumento do saldo negativo global», concluindo que «não são, nem nunca foram os salários dos trabalhadores ferroviários os responsáveis pela situação de bancarrota para onde o actual conselho de gerência arrastou a CP, à força de tanta incompetência e tanta falta de transparência».

ALARDO

Depois de os trabalhadores terem cumprido um dia de greve e três dias de recusa de trabalho extraordinário em Junho, e terem convocado novas lutas para o início de Julho, a administração das Águas do Alardo aceitou «satisfazer minimamente» as reivindicações apresentadas, revelou o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Bebidas do Sul e Ilhas. A administração aceitou reduzir o horário semanal para 40 horas e 15 minutos, proceder a enquadramento e reclassificação profissional de 38% do pessoal (com as respectivas correcções remuneratórias), conceder compensações pecuniárias a trabalhadores com condições de trabalho mais gravosas, atribuir um subsídio de refeição de 200 escudos nos primeiros 6 meses deste ano e de 450 escudos no segundo semestre, compensar o gozo de férias entre Outubro e Abril, entre outras melhorias salariais e sociais, como a atribuição de uma sala à comissão sindical.

EFI

O julgamento relativo à indemnização pedida ao Estado pela empresa Eduardo Ferreirinha e Irmão, de Trofa, a que fizemos referência na semana passada e que estava marcado para 1 e 2 de Julho, foi adiado para 20 de Outubro, por solicitação do Ministério Público.

SANJO

O Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Norte anunciou que vai impugnar o despedimento colectivo de 55 pessoas que a administração da Sanjo pretende levar a cabo. Numa nota de imprensa que fez chegar à nossa redacção, o STIQN insere esta tentativa de despedimento na degradação da situação na Sanjo «à medida que se aproxima o dia 27 de Fevereiro», quando as instalações deverão passar para a imobiliária ENGIL.

O recurso da Sanjo ao regime especial de recuperação de empresas (definido pelo DL 177/86) é acompanhado de «sinais que nos levam a concluir tratar-se de uma habilidade jurídica, cuja finalidade não será viabilizar, mas antes deixar todos os trabalhadores no desemprego, sem hipóteses de receberem as respectivas indemnizações, bem como libertar-se do pagamento das dívidas aos credores», afirma o sindicato, que denuncia o recurso a métodos repressivos como «prática constante contra os trabalhadores e seus representantes» na empresa.

Na nota do STIQN manifesta-se surpresa pela «cobertura dada pelo Governo, através do Ministério do Emprego que, conhecendo ao pormenor todas as fases do processo, tem assumido uma atitude passiva».

TRABALHADORES

Acção sindical não fecha para férias

CGTP convoca reuniões distritais e sectoriais de emergência para preparar lutas imediatas

Ao divulgar, após a reunião de dia 9 do Conselho Nacional da CGTP, as propostas da central para o desenvolvimento económico e social do País, Carvalho da Silva acusou o Governo de ter uma *atitude pouco séria* no relacionamento com os parceiros sociais. O coordenador da *Inter* chamou a atenção para o facto de o Governo, pouco depois de ter anunciado a sua vontade de negociar um «acordo global», ter aprovado medidas tão graves como as que vieram aumentar a idade de reforma das mulheres e diminuir o valor das futuras pensões.

Comentando o «acordo global» que o Governo propusera no dia 5, no Conselho Económico e Social, para combater o desemprego até ao fim de 1994, Carvalho da Silva acusou o executivo de *pretender envolver os trabalhadores na gestão da crise, procurando responsabilizá-los pelas consequências futuras.*



Se o Governo não revogar as medidas que tomou dia 8, a CGTP convocará uma acção nacional pela Segurança Social

Planos para combater o desemprego até 1994 ou mais além - afirmou Carvalho da Silva, dando conta da discussão no Conselho Nacional - não têm significado sem haver *respostas e medidas concretas, a muito curto prazo, para evitar o aumento do desemprego e o encerramento de empresas, sem desbloquear a negociação colectiva e sem acabar com os salários em atraso.* Manifestando a disponibilidade da central para discutir tudo, incluindo formas de melhorar a competitividade das empresas, o coordenador da CGTP sublinhou que é necessário discutir também as questões sociais, consideradas componentes essenciais de uma política global.

A exigência de uma resposta do Governo aos problemas que dezenas e dezenas de milhares de trabalhadores hoje enfrentam acompanhou a entrega, nessa mesma sexta-feira, de um *dossier* contendo informações das

estruturas da CGTP sobre *mais de 700 empresas com problemas de emprego e salários em atraso*, e de um documento com dezena e meia de páginas de propostas da central para o desenvolvimento económico e social do País.

Apontando os responsáveis pela crise

CGTP adianta propostas concretas e imediatas

O Conselho Nacional da CGTP-IN aprovou um conjunto de «propostas para o desenvolvimento económico e social do País», documento que foi entregue ao Governo respondendo à proposta deste para um «acordo global» que envolvesse sindicatos e associações patronais até 1994.

As propostas da CGTP são apresentadas, como se afirma no texto divulgado aos jornalistas, «com o objectivo de contribuir, de uma forma séria e responsável, para a resolução dos problemas do desemprego, do crescimento da competitividade das empresas e da economia portuguesa». Entende a confederação sindical que «é urgente inverter a grave situação existente, o que passa por uma política diferente, justamente definida e reclama-

Este documento, discutido no Conselho Nacional da CGTP e depois entregue ao Governo e ao patronato no Conselho Económico e Social, foi considerado por Carvalho da Silva como um contributo extremamente valioso e uma base séria, sólida e construtiva da CGTP para a resolução dos problemas mais gra-

ves que os trabalhadores hoje vivem.

A gravidade dos problemas e o prosseguimento do ataque aos interesses e direitos de quem trabalha levaram o órgão dirigente da CGTP a decidir realizar *reuniões distritais e sectoriais de emergência para preparar acções de luta para os tempos próxi-*

mos, designadamente uma acção nacional pela Segurança Social, que terá lugar caso o Governo não revogue a legislação sobre reformas aprovada dia 8. O Conselho Nacional da *Inter* decidiu ainda apelar à aceleração, intensificação e convergência das lutas dos trabalhadores.

da pelo 7º Congresso da CGTP-IN, e que é indissociável da melhoria das condições de vida e da salvaguarda dos direitos sociais dos trabalhadores».

Comentando a recente cimeira comunitária de Copenhaga, a Intersindical Nacional constata que ela «reconheceu a gravidade da situação económica» na CE, «mas não basta reconhecer» e «não é solução para os problemas prosseguir a política que lhes dá origem». A CGTP critica a prioridade que continua a ser dada à convergência nominal, acusando o Governo de Cavaco Silva de executar uma política que «acentuou a fragilidade da economia portuguesa e a crescente dependência externa, pondo em causa a realização de uma estratégia de desenvolvimento económico e social adequada às realidades do País».

São especialmente visadas as «privatizações a todo o custo» e a entrega de milhões de contos de fundos comunitários a empresas que os utilizaram para financiar despedimentos e encerramentos. A CGTP entende que o Governo «não teve em conta a necessidade de alterar o padrão de especialização da indústria nacional, optando antes por uma política de baixos salários», o que «conduziu a um reforço da especialização em indústrias onde se verifica um fraco crescimento da procura e em que é maior a concorrência dos países em vias de desenvolvimento».

«Tudo isto tem contribuído para que a situação estrutural da nossa economia seja bem mais grave que a dos restantes parceiros comunitários e que, a nível social, não se tenha registado a desejada aproximação», refere a central, para quem «a preservação do emprego deve estar no centro da estratégia macroeconómica nacional». Só que, para isso, «é imprescindível haver maior crescimento económico, o que implica também a dinamização da procura», sendo «crucial» a manutenção e

melhoria do poder de compra dos salários.

Por considerar que «qualquer estratégia a adoptar no combate à crise implica necessariamente a promoção da dimensão social», a CGTP exige do Governo a garantia de que no Orçamento de Estado para 1994 não sejam reduzidos, em termos reais, os montantes destinados à Segurança Social, à Saúde e à Educação, «como base mínima aceitável», a que soma «o estudo do reforço dessas verbas, nomeadamente para a Segurança Social».

Neste quadro, a CGTP apresenta as suas propostas, orientadas em seis grandes **direcções**: defesa e criação do emprego, valorização dos salários, defesa e melhoria da Segurança Social, garantia de protecção e cuidados de Saúde, respeito pelos direitos individuais e colectivos dos trabalhadores e promoção da justiça fiscal.

Defesa e criação de emprego

Para a central, «qualquer acção de combate ao desemprego deve começar pela defesa do emprego existente», e pode mesmo dizer-se que «a eficácia de um plano de combate ao desemprego dependerá das medidas concretas e dos resultados obtidos na defesa do emprego existente e ameaçado de destruição a curto prazo». Com este objectivo, deveriam realizar-se reuniões nos sectores, regiões e empresas onde há a ameaça de elevados despedimentos, com representantes do Governo, dos trabalhadores e do patronato, para definir medidas concretas que permitam defender o emprego, aumentar a produtividade e a competitividade. A CGTP propõe que seja posto termo ao abuso da precariedade de emprego, que seja suspensa a aplicação da «lei dos disponíveis» e que sejam negociados os processos de reestruturação na Administração Pública, entre outras medidas.

O combate ao desemprego «passa estrategicamente pela modernização, rees-

truturação e diversificação da indústria», o que iria gerar emprego noutros sectores. A CGTP propõe uma série de medidas para a **criação imediata de emprego**, nomeadamente: aceleração da execução dos investimentos públicos com maior impacto na criação de postos de trabalho; empréstimos bonificados para equipamentos e subsídios para investimentos imateriais (estudos de mercado, gestão, inovação tecnológica, etc.); dinamização da construção de habitações; programas locais para jovens desempregados e trabalhadores pré-reformados.

Para a central, «a prioridade à **formação profissional** deve traduzir-se não só na atribuição de maiores recursos financeiros, como também na melhor utilização dos financiamentos existentes», o que passaria pela aplicação completa do acordo assinado na Concertação Social em 1991 e por medidas como a elaboração de planos de formação para os sectores mais afectados pela ameaça de despedimentos e onde se estão a verificar rápidas mutações tecnológicas.

No campo da defesa e criação de emprego, a CGTP propõe ainda que seja imediatamente institucionalizada por via legal a semana de **40 horas** em 5 dias como duração máxima do trabalho; este limite deverá ser de 35 horas para trabalho em condições penosas, perigosas ou insalubres, e de 37 horas para os menores de 18 anos.

A *Inter* exige medidas que combatam a **descapitalização fraudulenta** e a delapidação das empresas, propondo que tais actos sejam considerados como crimes e que o património pessoal dos sócios e administradores responda pelas dívidas aos trabalhadores.

Para uma **melhor utilização dos fundos estruturais**, a CGTP defende a participação dos parceiros económicos e sociais nos vários comités de acompanhamento a criar no âmbito do novo quadro comunitário de apoio.

Futuros pensionistas vão viver ainda pior

O aumento da idade de reforma das mulheres e a alteração da forma de cálculo das pensões de velhice e invalidez, decididos na semana passada pelo Governo, vêm agravar ainda mais as condições de vida dos futuros pensionistas

A CGTP manifestou o seu «mais veemente protesto» contra as medidas decididas no Conselho de Ministros de 8 de Julho e condenou «com veemência a atitude prepotente do Governo, que se escusou, em absoluto, ao diálogo com a CGTP-IN e, no mais profundo secretismo, aprovou esta legislação».

Numa nota que nessa mesma tarde distribuiu à comunicação social, a central considerou que o aumento da idade de reforma das mulheres, de 62 para 65 anos (a concretizar gradualmente até 1999), é «um acto claro de hipocrisia, que apenas servirá para agravar a situação social dos cidadãos», uma vez que «o Governo e o patronato estão a estimular a reforma antecipada compulsiva a partir dos 50 anos».

A Intersindical Nacional protesta contra a nova forma de calcular o valor das pensões. O novo sistema «reduz os montantes das pensões, uma vez que na determinação da remuneração de referência se considera, em cada ano, 14 meses de contribuições (actualmente são 12), o que faz baixar o salário de referência»; também a taxa anual de formação da pensão desce de 2,2 para apenas 2 por cento. O período de contribuições que dá acesso à pensão de velhice sobe de 10 para 15 anos. Por estes motivos, a confederação sindical afirma que «com a nova fórmula de cálculo,

os futuros pensionistas verão as suas pensões mais afastadas dos valores dos salários reais».

Igualdade

«Para o MDM, a igualdade defende-se diminuindo a idade de reforma dos homens para os 62 anos», afirma o Movimento Democrático de Mulheres num comunicado de imprensa em que condena o alargamento da idade de reforma das trabalhadoras. O MDM considera que o Governo «demonstrou claramente ser cego, surdo e mudo face às opiniões e reivindicações das mulheres trabalhadoras e de organizações femininas» que se pronunciaram contra uma medida que «lesa gravemente os direitos das mulheres trabalhadoras» e «é mais uma desigualdade a pretexto da igualdade».

Contra estas medidas pronunciou-se também a UGT que, num comunicado referido pela agência Lusa, afirma que o Governo «adoptou a solução mais fácil para si e a mais injusta para os trabalhadores».

Também em declarações à Lusa, a responsável pelo pelouro da Segurança Social na CGTP, Maria do Carmo Tavares, recordou que ainda na semana anterior uma delegação da *Inter* estivera reunida com o secretário de Estado, Vieira de Castro, que assegurou na altura que as propostas da central iriam ser levadas em conta e transmitidas ao ministro do Emprego, «quando, afinal, já tinha os diplomas prontos».

Para ontem a federação da Função Pública convocou uma conferência de imprensa onde iria divulgar um projecto de decreto-lei «que visa novo ataque ao actual sistema de Segurança Social».

Alentejo não vê respostas no novo PDR

«Exceptuando o projecto do Alqueva - com efeitos a prazo - não se vislumbra de novo um projecto de desenvolvimento global para o Alentejo que dê respostas às consequências da nova Política Agrícola Comum, que ponha em marcha um programa de desenvolvimento industrial adaptado à região, que promova a fixação de população e que melhore as condições de prestação de cuidados de saúde» - refere em comunicado a Direcção da Organização Regional de Évora do PCP.

Esta estrutura acusa ainda o Governo de apresentar em Bruxelas um conjunto de projectos que vão condicionar o desenvolvimento do País nos próximos anos «sem os debater e aferir com aqueles que no País deverão ser os protagonistas da sua execução».

A DOREV afirma que «à semelhança com o primeiro PDR, agora a terminar, a elaboração do novo plano - tanto quanto ao modelo de desenvolvimento como quanto às linhas de acção e principais projectos - caracterizou-se pela ausência de participação efectiva do País e dos seus órgãos

representativos: Assembleia da República, autarquias, estruturas de trabalhadores e empresariais».

A experiência mostra que existem «razões para temer que a situação do Alentejo no final do período de execução do próximo PDR seja a mesma de hoje quando está a terminar o que está em curso».

Segundo considera o PCP, «apesar dos mais de 200 milhões de contos aplicados até finais de 1992, o Alentejo continua a sofrer de um processo de despoamento acelerado, não se criou emprego, tendo a maior taxa de desemprego do País, a riqueza criada na região não cresceu e, em termos relativos, o Alentejo, e o distrito de Évora em particular, está mais longe da média do País do que estava há quatro anos, situação que só não é mais grave devido à actuação do Poder Local Democrático e das autarquias de maioria CDU».

Neste contexto, o PCP afirma que «8,3 por cento do total previsto para o País são insuficientes para as carências da região», sublinhando que se o valor de investimento por habitante é um dos maiores do



País «isso é assim porque o Alentejo tem vindo a perder aceleradamente população devido à política do PSD».

A DOREV recorda que entregou recentemente um conjunto de propostas à Comissão de Coordenação da região do Alentejo, reclamando mais meios e em particular mais incentivos ao investimento. Por outro lado, exige a participação das autarquias e estruturas sindicais e empresariais na gestão do

futuro PDR, salientando que os eleitos comunistas vão empenhar-se no maior aproveitamento de todos os fundos disponíveis para a elaboração de projectos que assegurem o desenvolvimento da região e a melhoria das condições de vida dos alentejanos.

Responsabilidades confirmadas

Os comunistas de Évora consideram que «se con-

firmam as responsabilidades da Administração do Hospital Distrital, em todo o processo que conduziu aos trágicos acontecimentos ocorridos», de acordo com «as notícias e cartas dos antigos e actuais responsáveis do Serviço de Hemodiálise do HDE, recentemente vindas a público.

O conhecimento das deficientes condições dos filtros para a purificação da água, bem como a continuação do deficiente fun-

cionamento do serviço desmentem as afirmações produzidas pela Administração do HDE e as conclusões do inquérito do Ministério da Saúde».

A DOREV diz que «a população perdeu confiança no HDE e reina a um sentimento de insegurança em todos os que têm de acorrer aos cuidados médicos daquela unidade hospitalar».

Acrescente-se que «o facto do PSD ter retirado a candidatura indigitada do presidente do conselho de administração do HDE às eleições para a CM de Évora é a demonstração de que o próprio PSD está a par das graves irresponsabilidades cometidas pela Administração atestadas na degradação das condições de prestação de cuidados de saúde como o denunciaram recentemente os responsáveis das equipas de urgência».

Na reunião da DOREV foram ainda analisados outros temas, nomeadamente as recentes alterações aprovadas pelo que afectam o cálculo das pensões de reforma, e a preparação das eleições autárquicas.

Sob a máscara da «justiça social» e «igualdade»

Governo corta nas pensões

Em comunicado do gabinete de imprensa, o PCP manifesta «a sua frontal oposição às principais alterações no regime de invalidez e velhice», anunciadas pelo Governo e sublinha que «a coberto de uma cínica e demagógica invocação de objectivos de *justiça social* e de *igualdade* entre homens e mulheres, se trata efectivamente da tentativa de imposição de um novo golpe contra interesses e direitos essenciais dos trabalhadores».

«Do conjunto de alterações anunciadas, são de destacar como sendo um inadmissível retrocesso social, a elevação de 62 para 65 anos da idade de reforma das mulheres bem como as diminuições dos montantes das reformas que serão provocadas pela diminuição de 2,2 para 2 por cento da taxa de formação das pensões e pela divisão da remuneração de cada ano civil por 14 meses (em vez de 12). Tudo indica também que o cálculo da remuneração de referência com base nos 10 melhores dos últimos 15 anos (em vez dos actuais melhores 5 dos últimos 10 anos) se traduzirá num prejuízo para

grande parte dos futuros reformados.

«A aprovação pelo Governo deste Decreto-lei, em completo desprezo pela oposição e pelas críticas manifestadas pelas organizações sindicais e sem esperar por qualquer consideração destas matérias no âmbito da discussão, em sede de concertação social, do propalado *acordo global para 1994*, vem mais uma vez deixar claro que o Governo do PSD concebe o *diálogo* e a *concertação*

socials como meras encações de legitimação e imposição autoritária da sua política contra os trabalhadores.

«Apelando a uma vasta mobilização contra a ofensiva governamental no domínio da segurança social, o PCP desde já anuncia que o seu Grupo Parlamentar, caso este Decreto-lei venha a ser promulgado, requererá a sua chamada a apreciação pela Assembleia da República, com vista à sua não ratificação».

Acidente ferroviário no Porto era previsível

«Infelizmente aconteceu o que era previsível desde a aquisição das novas automotoras» refere um comunicado do secretariado de Célula do PCP na CP/Porto, a propósito do acidente ocorrido no passado dia 7 deste mês, com uma das novas automotoras da linha Porto-Póvoa.

Os comunistas já tinham alertado em conferência de imprensa para as diversas anomalias técnicas que se vinham verificando,

«diversas vezes denunciadas pelos trabalhadores», ao que o conselho de gerência da CP e o Governo não quiseram dar ouvidos.

O recente acidente na Estação da Trindade, que «só por sorte não se transformou numa enorme tragédia», reforça as razões das justas preocupações e denúncias feitas pelo PCP, que há meses afirmava: «estas automotoras foram apresentadas como o

Por iniciativa da DORP Metalúrgicos debatem crise

Os problemas do sector metalúrgico no distrito do Porto esteve em análise e debate no passado sábado, durante uma reunião promovida pela DORP do PCP no CT da Boavista, em que participaram militantes comunistas metalúrgicos.

O encontro, que contou com a presença de Jerónimo de Sousa, membro da Comissão Política do PCP, concluiu que a actual situação no sector «reflecte a política desastrosa do Governo PSD e do patronato, que está na origem do agravamento das desigualdades e injustiças sociais na região e no País». Os comunistas qualificaram de «anti-social» a política que o

Governo e o patronato, «com a prestimosa ajuda da UGT, pretendem prosseguir e aprofundar com as medidas que estão a discutir na Concertação Social».

Na sua intervenção, Jerónimo de Sousa sublinhou que a situação de crise, que se abate sobre o sector na zona do Grande Porto, tem como causa essencial a ausência de uma estratégia de desenvolvimento económico e social, a inexistência de uma política activa de modernização e especialização produtivas, a

sujeição aos ditames e orientações de Maastricht e das transnacionais.

O dirigente comunista considerou que a política do Governo é o principal obstáculo à saída da crise, destacando a grande actualidade e validade das propostas do PCP no seu programa, nas 17 medidas e na intervenção do seu grupo parlamentar na AR. Por outro lado, Jerónimo de Sousa salientou a necessidade de desenvolver a luta como condição para alicerçar uma alternativa democrática».

Pesar pelo falecimento de João Pedro Frieiras

A Comissão Concelhia de Coruche do PCP emitiu um nota de pesar (que publicamos abaixo) pelo desaparecimento, aos 42 anos, de João Pedro Frieiras, falecido no passado dia 30 de Junho no Hospital de Stª Maria, vítima de doença prolongada. No funeral participaram centenas de pessoas, estando presente uma delegação da DORSA do PCP, para além do presidente e vereadores da Câmara de Coruche e de eleitos em várias autarquias do concelho.

«A Comissão Concelhia de Coruche do PCP ao tomar conhecimento da morte de João Pedro Frieiras, democrata consequente, sempre empenhado na luta pela defesa da democracia, da liberdade e da justiça social, condição que sempre assumiu com grande verticalidade no desempenho de cargos públicos para os quais foi eleito no quadro das coligações eleitorais em que o PCP tem participado (FEPU, APU e CDU), nomeadamente enquanto vereador da Câmara Municipal e vogal da Assembleia Municipal, vem testemunhar publicamente o seu profundo pesar pelo desaparecimento prematuro deste companheiro, na certeza de que o seu exemplo constituirá referência moral importante para todos aqueles que continuam a luta em que o João Pedro Frieiras sempre se empenhou».

supra-sumo das novas tecnologias, com pouca manutenção e menos gastos, mas na verdade foram gastos rios de dinheiro em sucessivas modificações, porque os comboios não têm potência, porque há dificuldades no acerto do programa de computadorização», etc., etc. Em resumo as novas máquinas estavam a transformar-se num problema para os maquinistas e a causar insegurança aos utentes.

PODER LOCAL

Freguesia de Cascais CDU é a única alternativa aos «candidatos de passagem»

— afirma José Casanova



Apresentação de candidatos em Leiria

Leiria

Decorreu recentemente um jantar de apresentação dos candidatos da CDU à Câmara Municipal e do cabeça de lista à Assembleia Municipal de Leiria.

Os candidatos à Câmara Municipal são **Sérgio Silva**, economista, de 33 anos (PCP), **João Lázaro**, psicólogo, 35 anos (PEV), **Edgar Carvalho**, 53 anos (PCP), **José Freire de Oliveira**, 47 anos (independente), **José Carlos Nogueira** (independente), **Júlia Amélia Carvalho dos Santos**, 46 anos (independente), **António Sousa Fortuna**, 60 anos, (PCP), **Vital Lopes Curto**, 63 anos (PCP), **José Nunes Bandeira**, 34 anos (PCP), **Susana Alves Timóteo**, 21 anos (PCP) e **Francisco Moreira**, 47 anos (PCP).

O cabeça de lista à Assembleia Municipal é **José Augusto Esteves**, de 45 anos, responsável da organização regional de Leiria, membro do Comité Central e do Conselho Nacional do PCP. José Augusto Esteves pertenceu à Assembleia Municipal de Leiria no mandato de 1986/89.

Na sessão interveio Sérgio Silva, que teceu fortes críticas à gestão municipal considerada «frouxa, sem dinâmica e sem vigor, submetida a fortes interesses especulativos (...) e penosamente submissa do Governo central (...), dominada pelo negociismo, pelo caos urbanístico, pelo favorecimento de interesses poderosos, pela corrupção, pela ausência de estratégia de desenvolvimento e pela falta de preocupações sociais».

Mais adiante afirmaria que sendo o PSD o principal responsável pela situação, tal «só foi possível graças à concordância do PS e do CDS».

O Partido Socialista foi acusado de ser «subserviente, conivente e venerando» e de estar «submetido aos princípios, práticas e interesses do PSD».

Finalmente, afirmou que «a única política alternativa é a da CDU», sendo necessário um grande reforço da votação para que possa ficar representada no executivo municipal.

Entretanto, num jantar-convívio, realizado num restaurante de Vieira de Leiria, com a presença de mais de 100 pessoas, a CDU fez a apresentação dos candidatos (já confirmados) às próximas eleições autárquicas, residentes na freguesia de Vieira de Leiria.

Maria Fernanda Teodósio, professora, presidente desta Junta de Freguesia entre 1980 e 1990, é de novo candidata, pela CDU.

Tomar

A Comissão Coordenadora da CDU do Concelho de Tomar, no âmbito da preparação das próximas eleições autárquicas, e «após uma ampla audição e debate com o objectivo de elaborar as listas a apresentar ao próximo acto eleitoral», divulgou o candidato à presidência da Câmara Municipal de Tomar.

Trata-se de **António Eduardo Conceição Serraventoso**, de 40 anos de idade, natural de Tomar e professor de Educação Física. Foi membro da AM de Tomar entre 1980 e 1989, é dirigente do Partido Ecologista «Os Verdes».

Viana do Alentejo

A CDU no Distrito de Évora tem vindo a apresentar as suas candidaturas aos órgãos municipais dos vários concelhos, tendo já apresentado em 10 dos 14 concelhos, designadamente: Alandroal, Arraiolos, Borba, Évora, Montemor-o-Novo, Mora, Portel, Redondo e Vila Viçosa.

Recentemente foi a vez da apresentação em **Viana do Alentejo**, num jantar-convívio que reuniu dezenas de pessoas e contou com a presença de **Raimundo Cabral**, membro do Conselho Nacional do PCP. A CDU apresenta à Câmara Municipal de Viana do Alentejo: **Estevão Machado Pereira**, de 26 anos, empregado, independente, e à Assembleia Municipal **João Henrique Garcia**, 31 anos, empregado, militante do PCP e membro da C. Concelhia de Viana do Alentejo. A CDU em Viana do Alentejo «aposta numa equipa jovem, com provas dadas em todo o Concelho, uma equipa que tire o Concelho do marasmo em que foi mergulhado nos últimos quatro anos», sublinhou-se.

Decorreu anteontem, num restaurante de Cascais, um animado jantar de apresentação da lista dos candidatos da CDU à Assembleia de Freguesia de Cascais, cujo cabeça de lista é **Joaquim Pires Isqueiro**, de 49 anos, profissional da Repartição de Finanças e membro do PCP. Participou na iniciativa o dirigente do PCP, **José Casanova**, membro da Comissão Política, de cuja intervenção apresentamos alguns extractos.

(...) A apresentação desta candidatura da CDU à Assembleia de Freguesia de Cascais confirma as preocupações essenciais, os critérios que presidem à composição das listas da CDU: gente que vive ou trabalha no concelho, com conhecimento dos problemas existentes e das soluções para eles, com provas dadas, com disponibilidade para, com competência e honestidade, trabalhar em benefício das populações.

Estas são preocupações exclusivas da CDU como pode ver-se se olharmos para as listas já apresentadas em Cascais quer pelo PSD quer pelo PS.

(...) O PSD aposta no passado, ou seja, na continuação da gestão culpada da degradação e do caos em que se encontra este concelho. Uma gestão à PSD, uma gestão que, tanto em Cascais, como em Sintra, como em Oeiras, se caracteriza pela incapacidade, pelo autoritarismo e a prepotência, pela irresponsabilidade, pelo desprezo pelos interesses da população e do concelho, pelas negociatas, pelo compadrio, pelo nepotismo.

Derrotar esta gestão e substituí-la por uma gestão democrática, participada, eficaz, transparente é um objectivo do interesse da população do concelho e, na actual situação, é a CDU que protagoniza a única alternativa credível.

(...) O PS repetiu em Cascais a receita que utilizou noutros concelhos: recorreu ao «candidato de passagem», à chamada «figura pública» que se candidata apenas com o objectivo de caçar uns tantos votos a municípios menos informados e que, não obtendo

êxito, se vai embora à procura de lugar público mais rentável.

(...) As candidaturas do PS aos órgãos municipais de Cascais apresentam, no entanto, especificidades próprias que importa referir e para as quais é necessário alertar a população do concelho.

Uma delas, e seguramente a mais preocupante, reside no facto de sempre que se fala na candidatura do PS a Cascais se lhe associarem nomes como Stanley Ho, Fundação Oriente, Interfina, OPCA... situação que torna legítimas as mais diversas interrogações... e que é capaz de explicar o facto de esta candidatura ter já anunciado que vai utilizar na campanha eleitoral uma verba de 15 mil contos.

(...) O candidato do PS à Câmara de Cascais gosta de falar e por razões misteriosas tem o espaço e o tempo mediáticos necessários para satisfazer esse gosto - e de cada vez que fala faz curiosíssimas revelações. Um dia disse: «Há gente no PCP que teria a maior alegria se eu fosse candidato pelo PS. A partir dessa altura tudo estaria explicado: a minha exclusão do PCP, da CGTP, etc., etc.». Dias depois era anunciado como candidato do PS à Câmara de Cascais.

Um dia afirmou o seu «entusiasmo com a ideia de combater a burguesia de Cascais». No dia seguinte disse: «Não vou ser o Robin dos Bosques de Cascais» e dias depois manifestava a sua disposição de acabar com o turismo de mochila e pé descalço.

Um dia afirmou: «comigo na Câmara tudo vai mudar»; e, no mesmo dia, definiu como modelo de gestão autárquica a gestão de Isaltino Morais em Oeiras - o que permite concluir: 1º - que o «candidato de passagem» por Cascais não só não conhece o concelho onde é candidato como nem sequer conhece o concelho onde habita; 2º - que os elogios à gestão «exemplar» da Câmara de Oeiras mostram o que esperaria Cascais se este «candidato de passagem» fosse eleito Presidente da Câmara; e, 3º - que o candidato do PS à Câmara de

Cascais vai votar PSD em Oeiras.

(...) Acresce que o «candidato de passagem» confirmou sê-lo, de facto, pois já tornou pública a sua intenção, resultante de compromisso com o PS, de só ficar em Cascais se o PS eleger mais um vereador ou seja se ele for eleito Presidente da Câmara. Se for «só» vereador, não ficará. Pode dizer-se que o candidato do PS ainda não chegou e já fala em ir embora.

Este desrespeito pelos eleitores mostra bem que para o PS e os seus candidatos - por mais «independentes» que eles sejam - os cascaenses «não são pessoas: são um negócio».

(...) Dizer que a CDU é a única alternativa em Cascais e que só a CDU pode garantir uma gestão capaz de, democraticamente, responder aos problemas do concelho, não é uma afirmação eleitoralista. É uma afirmação que corresponde à história do Poder Local neste concelho: primeiro com uma desastrosa e desastrosa gestão PS; daí para cá com sucessivas gestões calamitosas do PSD - sempre contanto com a conivência ou a passividade dos eleitos do PS; sempre deparando com a oposição firme e frontal dos eleitos da CDU. Apresentando como candidatos à Câmara e à Assembleia Municipal Carlos Sota e Vítor Silva, a CDU escolheu dois cascaenses com provas dadas nas autarquias do concelho que conhecem como ninguém; dois autarcas que são portadores das propostas concretas capazes de resolver os graves problemas existentes; dois cidadãos com disponibilidade total para utilizarem todo o seu saber e capacidade na resolução desses problemas - e apoiados e integrando equipas de homens, mulheres e jovens capazes de mudar para melhor o concelho de Cascais colocando os seus órgãos autárquicos - nomeadamente a Câmara e Assembleia Municipal - ao serviço do concelho e da sua população.

Candidatos por Carcavelos

Entretanto em Carcavelos foi também apresentado o 1º candidato da CDU à respectiva Assembleia de Freguesia. Trata-se de **António Eduardo Costa Sequeira**, de 54 anos, licenciado em Educação Física e professor efectivo na Casa Pia de Lisboa. Foi membro da Assembleia de Freguesia de Carcavelos em vários mandatos e é 1º vogal do

executivo da Junta desde 1990.

Na ocasião o candidato afirmou que «na equipa que hoje se torna pública e que integra membros das forças políticas que dão corpo jurídico à CDU e vários independentes, com ou sem filiação partidária, houve a preocupação de juntar homens e mulheres que apresentam, como característica comum, o facto de residirem há alguns anos na Freguesia onde, muitos deles, têm desenvolvido assinalável intervenção social. Tal facto é importante referir, numa altura em que outras forças políticas, não só no concelho de Cascais mas um pouco por todo o País, se aprestam a avançar, à cabeça das suas candidaturas, nomes sonantes oriundos de áreas tão diversas quanto possamos imaginar, mas sem qualquer vivência ou conhecimento anterior aos problemas autárquicos». Acrescentou ainda que «é preciso que a gestão da freguesia deixe de ser feita unicamente no interior da sala de reuniões do executivo» e travar rapidamente «a degradação que tem vindo a instalar-se em Carcavelos».

Usou também da palavra, na sessão o candidato da CDU à presidência da Câmara Municipal de Cascais (a que pertence a Freguesia de Carcavelos), **Carlos Sota**, que afirmou a dado passo: «Estamos em condições, pela nossa capacidade de gestão, pelo nosso conhecimento profundo do Concelho e através das nossas propostas, que têm dia a dia vindo a recolher cada vez mais apoios, de estancar a degradação e a descaracterização do Concelho, tendo como grande objectivo o



António Sequeira

bem-estar da população e aplicar um modelo de desenvolvimento que seja equilibrado, harmonioso e de qualidade». E concluiu: «Para este grande desafio, a CDU conta com todos: população, empresários, entidades sociais, desportivas e culturais que, conosco, serão agentes activos na vida do Concelho e todos terão direito à sua opinião».

Rectificação

Por lapso a que somos alheios, na edição passada saíram trocadas algumas candidaturas da CDU no Concelho de Santarém. Assim, o candidato à Junta de Freguesia de Póvoa da Isenta é **José Valbom**, enquanto o nome indicado para a Junta de Freguesia de S. Pedro do Paul é o de **Ricardo Costa**. Aproveitamos para acrescentar que, na referida sessão, **Eugénio Pisco** apresentou os candidatos a Santarém e **Vicente Batalha** falou sobre o trabalho desenvolvido e a desenvolver nas freguesias do Concelho.

NACIONAL

Produtores de leite contra política agrícola

Produtores de leite manifestaram-se na passada segunda-feira em Tocha e Ovar contra a política agrícola do Governo e em defesa dos preços do produto na produção. No mesmo dia realizou-se em Braga uma reunião de produtores de leite, no Auditório "Galécia".

As críticas ao ministro Arlindo Cunha foram a tônica comum. Os produtores acusam-no de ter feito uma negociação "ruinosa" com a Comunidade Europeia, antecipando o final da protecção do mercado agrícola nacional para Maio último, a troco de uma ajuda compensatória de cerca de cem milhões de contos. Também a redução dos preços de compra na produção congregou os protestos dos manifestantes, cuja mobilização já começou a dar os seus frutos.

Em Tocha, cerca de 500 produtores de leite do Baixo Mondego responderam ao apelo da Associação Distrital dos Agricultores de Coimbra (ADACO), com o apoio da Confederação Nacional da Agricultura (CNA) e manifestaram-se frente à fábrica da Lacticoop, com cuja direcção acabaram por chegar a acordo.

Segundo informações da CNA, a direcção da Lacticoop assumiu o compromisso de pagar, a partir de 1 de Julho, a baixa de 1\$00/litro na "ajuda compensatória à produção" instituída pela Comunidade. A Lacticoop assumiu ainda que vai pagar a totalidade dessa "ajuda" igual a 4\$50/litro mesmo que a Comunidade e o Ministério da Agricultura atrasem o referido pagamento, comprometendo-se por



Os produtores de leite sentem-se defraudados

outro lado a pressionar as outras organizações de compradores para que seja pago o tradicional "aumento sazonal" à produção, na base de 5\$50/litro entre Setembro e Fevereiro. Das negociações resultou também, no respeitante às quotas leiteiras, uma forte reclamação para que o INGA não atrase mais o processo de atribuição efectiva das quotas de produção.

À espera do ministro na Agrovouga

Em Ovar, por seu turno, cerca de 400 produtores de leite da região, com 50 máquinas agrícolas, concentraram-se na "Feira dos 12", deslocando-se depois até à Câmara Municipal onde foram recebidos por um elemento da vereação.

A acção, promovida pela União de Agricultores do Concelho de Ovar, em conjunto com a Associação da Lavoura do Distrito de Aveiro, contou igualmente com o apoio da CNA.

Na Câmara de Ovar, uma comissão dos manifestantes apresentou um conjunto de reclamações a ser enviado ao ministro da Agricultura e ao Governo, de que se destaca a exigência de aumento do subsídio de gasóleo, a baixa do preço de outros factores de produção e a contenção das importações desnecessárias. Na ocasião foi decidido que os produtores de leite da região vão pressionar os compradores (Proleite e Martins e Rebelo) no sentido de não haver novas baixas no preço do leite na produção e para que se pago o "aumento sazonal".

Os produtores de leite marcaram, entretanto, uma nova concentração de delegações de produtores para o próximo sábado, dia 17, na abertura da Agrovouga, em Aveiro, para expressarem ao ministro da Agricultura as principais reclamações do sector.

No comunicado à imprensa que dá conta destas movimentações, a CNA, as suas

Organizações filiadas e os produtores de leite afirmam que os agricultores portugueses não podem continuar a pagar "os maus negócios" do sr. ministro da Agricultura e do Governo com a CEE, como aconteceu com a Reforma da PAC e com a antecipação do Mercado Único para os produtos agrícolas.

Odefruta Um modelo à Cavaco

O primeiro-ministro Cavaco Silva visitou recentemente a exploração agrícola Odefruta, do sr. Thierry Roussel, em Odemira. Ficou tão impressionado com o que viu que não hesitou em classificar o empreendimento como "modelo". Quis mesmo registar para a posteridade a sua passagem por lá, pelo que se fez fotografar ao lado do referido Thierry Roussel.

O curioso do caso é que a exploração, elogiada por Cavaco como um exemplo a seguir, está à beira de fechar.

A situação não podia ser mais dramática. A Odefruta tem 83 000 contos de salários em atraso; 50 000 contos de dívidas à Segurança Social; 22 000 contos de outras dívidas; e solos esgotados, ou em vias disso, devido a uma sobreexploração intensiva, para além da utilização de DDT como pesticida e gás de mostarda para limpar o terreno.

Como se tudo isso fosse pouco, acresce que Thierry Roussel está a transferir todos os seus haveres pessoais e da empresa para Espanha, para onde, ao que consta, pensa mudar-se.

É ainda voz corrente em Odemira que Thierry Roussel se prepara para reconverter a exploração agrícola num projecto imobiliário, a exemplo do que já terá feito anteriormente em Espanha.

Finalmente, no "modelo" de Cavaco está em curso um processo de despedimento ou não renovação de contratos de centenas de trabalhadores.

Não fora a gravidade da situação, e os trabalhadores da Odefruta pensariam tratar-se de mais uma anedota do Governo. Assim, é "apenas" mais um escândalo na agricultura que Cavaco tanto se gaba de proteger e apoiar.

Governo degrada ensino do português no estrangeiro

A anunciada extinção de cursos e a drástica redução de horários no próximo ano lectivo impostos por recentes medidas do Departamento do Ensino Básico à rede de cursos de Língua e Cultura Portuguesa no estrangeiro preocupam, pais e professores portugueses residentes no estrangeiro, tendo os representantes do Conselho de Pais de Stuttgart manifestado ontem, em audiência agendada com o ministro da Educação, os seus receios de degradação imediata

da qualidade do ensino do português junto da comunidade emigrante.

Uma concentração de protesto junto ao edifício do Ministério da Educação acompanhou a ida da delegação àquela audiência, onde se manifestou o receio de estas medidas revelarem, a médio prazo, a eventual intenção do Governo de abandonar o apoio ao ensino da língua e da cultura portuguesas no estrangeiro.

URAP

UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES

DIRECTOR: MARIA DAS DORES CABRITA

SÉRIE 3 - N.º 65 - ABRIL/JUNHO - 1993

TRIMENSÁRIO - AVENÇA - PREÇO 20000

PROPRIEDADE DA UNIÃO DOS RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES

EDITORIAL

JORNALISTAS, MILITARES E INFORMAÇÕES DO ESTADO

AS LIBERDADES EM PERIGO

O País assustado, estupefacto, à caricata situação criada pelos deputados de maioria parlamentar ao negarem aos jornalistas ac-



URAP preocupada com liberdades

O trimensário URAP, da União de Resistentes Antifascistas Portugueses, imprimiu o seu número referente a Abril/Junho, publicando na sua primeira página um editorial intitulado «Liberdades em perigo», a propósito da recente ofensiva governamental e do PSD na área da informação: a limitação de circulação de jornalistas na Assembleia da República, o trabalho dos serviços de informação e as ofensas a militares de Abril são alguns dos temas focados no texto referido.

Outras matérias abordadas no boletim da URAP dizem respeito ao crescimento do fenómeno racista na Europa, a situação em Timor-Leste e as comemorações do 25 de Abril e 1º de Maio.

Sorteio da EP na Atalaia

No dia 11 de Julho, pelas 17 horas, realizou-se na Quinta da Atalaia o primeiro sorteio da EP da Festa do Avante 1993, com a presença de Fernando Vicente e Margarida Silva, da Direcção da Festa, e Domingos Gil, da Comissão Técnica.

O sorteio realizou-se na presença de várias dezenas de pessoas, camaradas e amigos que ali se deslocaram em jornada de trabalho para a construção da XVII Festa do «Avante!».

Sorteados publicamente os talões das EP's vendidas e entregues entretanto nos Serviços Administrativos, são os seguintes os prémios atribuídos:

1º Prémio — 9782

2º Prémio — 173 661

3º Prémio — 159 774

Estes prémios constam respectivamente de:

1º Prémio — Vale de férias ou de viagens no valor de 250 000\$00;

2º Prémio — Vale de material fotográfico no valor de 100 000\$00, da Fotorvo;

3º Prémio — Vale de livros no valor de 60 000\$00, da Editorial Caminho.

Os prémios devem ser reclamados nos Serviços Administrativos da Festa, na Av. António Serpa, 26, 2º-Esq. 1000 Lisboa, com a apresentação da EP premiada.

O prazo de levantamento termina a 30 de Setembro de 1993, devendo os premiados munir-se também de documento de identificação pessoal.



COMUNIDADE EUROPEIA

20 milhões de desempregados até final do próximo ano

O desemprego médio na Comunidade deverá atingir os 12 por cento, ou seja 20 milhões de pessoas, em finais de 1994, revela um relatório da Comissão Europeia divulgado a semana passada em Bruxelas.

Segundo informa a Lusa, o relatório, intitulado "O emprego na Europa em 1993", confirma a tendência para o crescimento do desemprego iniciada em 1992 e o seu agravamento até ao final do próximo ano. Segundo o comissário Flynn, responsável pelo pelouro dos assuntos sociais e das relações industriais, a Comunidade está em presença da maior crise de emprego desde 1985.

A incapacidade dos responsáveis comunitários para fazer face ao flagelo continua a ser a tônica dominante, limitando-se o comissário a afirmar que o ensino mais importante a retirar da crise é a necessidade de uma "mudança de atitudes e comportamentos".

"Já se acreditou que a chave para resolver o desemprego era o crescimento económico", disse, mas advertiu

logo que as teses avançadas em Copenhaga pelos Estados-membros (reforço da protecção dos sectores chave das economias, flexibilidade do emprego e redução dos custos salariais), por si só, não o resolvem.

De acordo com as estimativas da Comissão, os custos salariais na Alemanha representam quase seis vezes os mesmos custos em Portugal, país onde a mão-de-obra, em 1991, era a menos qualificada da CEE. Neste período, apenas 15 por cento da população activa portuguesa efectuara estudos superiores ou frequentara cursos de formação profissional.

No que se refere à protecção do emprego, a Comissão constata, na década de oitenta, uma flexibilização da protecção do emprego em três países, incluindo Portugal. Quer isto dizer que as leis que regulam os despedimentos, implicando prazos de pré-aviso e indemnizações, se tornaram mais permissivas, ao mesmo tempo que se liberalizaram os regimes de contratos a prazo em Portugal, Reino Unido, França, Espanha e Itália.

Descontrolo orçamental

O comité dos governadores dos bancos centrais dos Doze enviou entretanto, na segunda-feira, um relatório aos ministros das Finanças da CE reunidos em Bruxelas, onde se alerta para a deterioração das finanças públicas. O relatório constata que o défice orçamental dos Doze "se está a deteriorar rapidamente", atingindo este ano 6,3 por cento do PNB, "o nível mais elevado alguma vez registado na história da Comunidade".

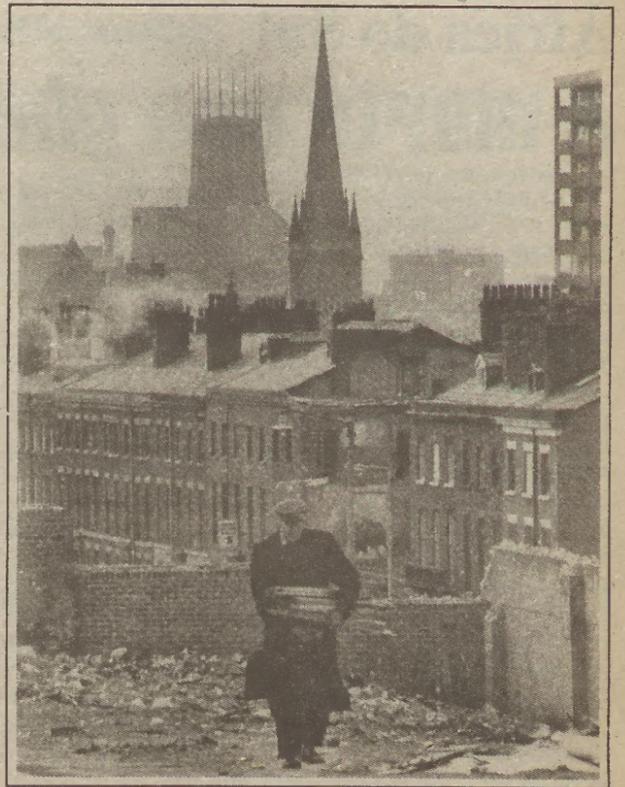
Também a dívida pública, segundo aqueles especialistas, deverá registar um novo recorde, correspondente a 67 por cento do PNB. Esta situação, dizem, dificulta os esforços para "assegurar a estabilidade dos preços, tornando mais difícil em alguns países a redução das taxas de juro oficiais, apesar da fraca actividade económica".

Os governadores dos bancos centrais referem ainda que a presente situação não resulta apenas da actual crise económica, sendo fruto de um conjunto de "factores

estruturais" acumulados ao longo dos anos e não corrigidos, apesar do crescimento registado na segunda metade da década de 80.

De referir que os dados apresentados pelos governadores ultrapassam bastante os chamados "critérios de convergência" definidos em Maastricht como condição para a União Económica e Monetária (UEM), segundo os quais o défice orçamental não deve ultrapassar os três por cento do Produto Nacional Bruto e a dívida pública não pode exceder os 60 por cento do PNB. Com esta situação, a possibilidade de entrada em vigor de uma moeda única em 1997 ou 1999, como previsto, é cada vez mais duvidosa.

Reunidos em Bruxelas, os ministros das Finanças não acrescentaram nada de novo à resolução do problema do relançamento económico e da redução do desemprego, limitando-se a reafirmar a "necessidade" de "medidas credíveis de médio prazo para reduzir os desequilíbrios fiscais". É a aposta, uma vez mais, na eliminação da alegada "rigidez" do merca-



Na Comunidade Europeia o desemprego continua a aumentar sem que os Doze encontrem soluções para pôr termo às crescentes angústias dos trabalhadores

do de trabalho ou, como disse o ministro Braga de Macedo, a necessidade de "uma diminuição dos custos directos e indirectos do trabalho". Como o próprio ministro reconheceu, este processo passa por um acordo social que não se afigura fácil, já que implica "diminuir as remunerações nominais".

Recorda-se que, na Cimeira de Copenhaga, os Doze encarregaram a Comissão de recolher nos Estados-membros, até 1 de Setembro, propostas para promover o emprego na Comunidade, com vista à sua discussão, sob a forma de "Livro Branco", na cimeira europeia agendada para Dezembro.

PDR em Bruxelas sem debate nacional

O governo português apresentou na passada sexta-feira, em Bruxelas, o seu Plano de Desenvolvi-

mento Regional (PDR), 48 horas depois da respectiva aprovação em Conselho de Ministros.

O facto em si não seria motivo de reparo, não fora dar-se o caso curioso de estar marcado para hoje, na Assembleia da República, o debate desse mesmíssimo PDR.

Das duas, uma: ou o plano apresentado em Bruxelas não passa de um projecto, e nesse caso é pura fanfarronice a afirmação de que Portugal "é o único dos quatro (países menos prósperos) que já sabe o que quer e do que necessita" em termos de financiamentos comunitários; ou o debate agendado para a AR não passa de pró-forma, sem mais utilidade do que a confirmação do autoritarismo e centralismo crescente do executivo.

A questão supra é na verdade uma falsa questão. Quando há dias o ministro Valente de Oliveira foi ao Parlamento anunciar generalidades sobre o PDR, no âmbito do debate sobre as Grandes Opções Estratégicas para o quinquénio 1994/99, o Governo propunha-se dar o caso por encerrado. Foram as críticas da oposição, designadamente do PCP, que o impediram. Octávio Teixeira denunciou a "posição politicamente intolerável" do Governo pretendendo conceder ao Parlamento apenas o debate dos "objectivos genéricos" e furtando-se "ao debate institucional das questões substantivas". Num golpe de teatro, o debate foi

remitido para a sessão extraordinária do Plenário da AR que hoje se realiza, no dia em que encerra o ano parlamentar.

Na quarta-feira da semana passada, com pompa e circunstância e ainda mais emproamento, Cavaco Silva fez o anúncio público do PDR; dois dias depois, como se disse, o Governo foi a correr entregá-lo a Bruxelas, procurando tirar partido com a prontidão da disputa em curso sobre a divisão do "bolo" dos dinheiros comunitários destinados à recuperação económica dos menos desenvolvidos.

O grande "senão" é que, a exemplo dos deputados, os principais interessados e destinatários do PDR não foram vistos nem achados, salvo do ponto de vista formal, na elaboração do mesmo.

Propaganda e faz-de-conta

Ao PDR - a que Cavaco Silva chamou a "Magna carta do desenvolvimento colectivo" - é atribuída a responsabilidade de gerar 28 por cento do investimento total da economia portuguesa nos próximos seis anos. Seria de esperar, no mínimo, que na definição das respectivas prioridades fossem consultados os legítimos representantes do Poder Local e, na ausência de regiões, o

único organismo que congrega a autarquias do país, a Associação Nacional dos Municípios. A par destes, também os parceiros económicos e sociais têm certamente uma palavra a dizer.

Não foi isso que sucedeu. O Governo, como fez em anos anteriores, limitou-se a cumprir a formalidade de "ouvir" os municípios, tal como ouve normalmente, os parceiros sociais, com carácter meramente consultivo. Os seus pareceres e as suas críticas, de um modo geral e de forma substantiva, não foram contemplados.

Com esta atitude, o executivo, mais preocupado em retirar dividendos políticos do anúncio dos milhões de contos (3500) que espera vir a receber da Comunidade, põe em causa o efectivo desenvolvimento regional, já que a definição de prioridades não é feita de baixo para cima, tendo em conta a situação real do país e as opiniões dos que melhor a conhecem, mas ao contrário, imposta de cima para baixo ao sabor das estratégias e objectivos do Governo.

O carácter propagandístico das medidas anunciadas por Cavaco Silva é ainda acentuado pelo facto de se apresentar como dado adquirido a duplicação dos fundos estruturais, quando na realidade não é isso que se passa.

O que ficou decidido na cimeira de Edimburgo, em

Dezembro último, não foi a duplicação das ajudas estruturais em cada um dos quatro países (Portugal, Espanha, Grécia e Irlanda), mas a duplicação, entre 1993 e 1999, do conjunto dos fundos que estes receberiam, entre 1989 e 1993. O que significa que a divisão do novo montante não tem necessariamente que assegurar a duplicação em todos os quatro países.

Na actual fase de negociações, apenas a Espanha tem já assegurada uma duplicação dos dinheiros comunitários (fundos estruturais e fundo de coesão), enquanto as verbas a canalizar para Portugal e Grécia dependem da definição da quota irlandesa.

Nos últimos cinco anos, Portugal começou, em 1989, com uma quota equivalente a 19 por cento da dotação total dos fundos, mas vai terminar, em 1993, com uma parcela da ordem dos 25 por cento do total. De acordo com dados da Comissão Europeia, a duplicação dos fundos em Portugal é alcançada com um valor próximo dos 17,5 mil milhões de ecus. Ora o PDR português conta com verbas dos fundos estruturais e do fundo de coesão da ordem dos 3,5 mil milhões de contos, o que ultrapassa aquele valor.

O montante previsto no PDR corresponde a mais do que a duplicação dos fundos recebidos por Portugal nos últimos cinco anos.



Mensagem a Nelson Mandela

O presidente do Grupo Coligação de Esquerda do Parlamento Europeu, camarada Joaquim Miranda, enviou ao líder do Congresso Nacional Africano (ANC), Nelson Mandela, uma mensagem de solidariedade por ocasião do seu 75º aniversário.

Felicitando o dirigente sul-africano pelo importante trabalho que, com o ANC, tem vindo a desenvolver desde a sua libertação por uma sociedade democrática e não racial na África do Sul, o eurodeputado comunista sublinha a importante vitória alcançada com a marcação das primeiras eleições livres naquele país para Abril de 1994.

Os pesados custos em vidas humanas de cada novo passo para a democracia na África do Sul demonstra, como afirma Joaquim Miranda na sua mensagem, como a solidariedade internacional continua a ser necessária neste momento crucial do processo sul-africano.

Reafirmando a solidariedade do Grupo Coligação de Esquerda e votos de felicidade para Mandela e o seu movimento nesta importante luta, a mensagem garante o apoio dos membros do Grupo no Parlamento Europeu como nos respectivos países, disponibilizando-se para prestar ao ANC a assistência que for possível durante a campanha eleitoral até à instauração da plena democracia na África do Sul.

INTERNACIONAL

África do Sul

A morte nos ghettos

O Congresso Nacional Africano (ANC) está a preparar para o próximo dia 24 uma importante Conferência para restabelecer a paz na província do Natal, que viveu novo surto de violência desde o anúncio da marcação das primeiras eleições multi-raciais para 27 de Abril de 1994.

Desde fins da década de 80, milhares de negros perderam a vida em confrontos em que se destaca o papel do partido negro de direita Inkatha de Buthelezi. Há pouco mais de uma semana, pelo menos mais 50 pessoas foram mortas nas localidades negras de Kachelong e Thokoza.

Falando numa conferência de imprensa em Joanesburgo, depois de uma delegação do ANC ter sido recebida por oficiais superiores da polícia em Pretória, Jeff Radebe, principal representante do ANC na região meridional do Natal, afirmou que a organização anti-apartheid está empenhada na implementação de um programa de comícios conjuntos ANC-Inkatha.

Este programa foi acordado durante as recentes conversações entre Nelson Mandela e o líder do Inkatha, Buthelezi.

Representantes do ANC, em todas as regiões afectadas pela onda de violência, vão reunir-se no próximo dia 19 para discutir a aplicação das decisões tomadas durante essas conversações.

O chefe do Departamento Jurídico do ANC, Matthew Phosa, disse que o movimento pediu entretanto uma reunião urgente dos signatários do acordo nacional de Paz para discutir a violência política na província do Natal.

O ANC intentou, por outro lado, uma acção judicial contra Walter Felgate, dirigente do Partido Inkatha,

por ter ameaçado "desencadear a ira dos dois milhões de zulus" para protelar as eleições multi-raciais de Abril de 1994.

Matthew Phosa sublinhou, na mesma ocasião, que o ANC actuará com a maior firmeza contra os membros das suas unidades e auto-defesa que utilizem indevidamente armas dos arsenais do ANC.

O problema da violência conta-se hoje entre os mais graves do país e tem claramente a ver com forças empenhadas em sabotar um processo de democratização que naturalmente levará as forças políticas anti-apartheid, e em particular o ANC, ao poder.

Muito significativamente, o surgir de novas ondas de violência acompanha os avanços negociais. As forças de esquerda e a Conferência das igrejas sul-africanas, que tomou também posição de condenação da nova onda de violência, têm vindo a reclamar o controlo multipartidário urgente de todas as forças de segurança como única "terapia" para o problema.

O próprio ministro sul-africano do Desenvolvimento Constitucional, Rolf Meyer, figura-chave do governo nas negociações multipartidárias, afirmou que só a realização de eleições multi-raciais, tão cedo quanto possível, poderá pôr fim à violência.

"Se alguém pensa que podemos pôr fim ao conflito político no país sem eleições democráticas... essa opção não existe", sublinhou Meyer, numa clara contraposição ao "Grupo dos Africanos Preocupados" (CO-SAG) que, tal como o Partido Conservador, de raiz africano, e o Inkatha, se manifestaram contra a ratificação da data das eleições pelo foro de negociações multipartidárias.

Os "ultras" da direita branca dispõem de 10 000 a 15 000 homens armados e treinados - segundo as estimativas de Wim van Booyse, analista político sul-africano. Na sua opinião, contarão com o apoio de 700 000 dos quase 5 milhões de brancos da África do Sul. Em Maio passado, a maioria destes múltiplos grupos armados unificou-se na "Frente do Povo Africano", sob a chefia de antigos altos responsáveis militares.

A dimensão da violência é impressionante.

Mais de 10 mil pessoas foram mortas, desde a libertação de Nelson Mandela, a 3 de Fevereiro de 1990, uma das datas marcantes do processo que está a conduzir ao fim do apartheid. Segundo um recente relatório da Comissão dos Direitos Humanos, só no mês de Junho ocorreram 352 incidentes de violência política, que terão causado pelo menos 25 mortos. O Natal, com mais de 18 pessoas a serem mortas mensalmente desde o início do ano, é uma das zonas do país mais atingidas.

Angola

Observadores do processo de paz condenam a UNITA

A «troika» de observadores do processo de paz angolano reconheceu o «direito legítimo» do governo de Luanda «à autodefesa» e criticou fortemente a Unita por prosseguir a sua política de desrespeito pelos acordos de paz.

Os observadores «concluíram», segundo declaração final conjunta, que a Unita «continua a sua estratégia militar de atacar, capturar e ocupar território» e «persistiu na sua política apesar dos amplos esforços da comunidade internacional para restabelecer o cessar-fogo».

«Dadas as actuais circunstâncias, os observadores reconhecem que o governo de Angola tem o direito legítimo à autodefesa e vêem com simpatia os seus esforços para adquirir os meios necessários para se defender», afirma a declaração conjunta.

Os observadores reiteram, no entanto, que deve continuar a ser objectivo da comunidade internacional restabelecer o cessar-fogo, «incluindo a total observância do triplo zero», completar os principais aspectos dos acordos de Bicesse e aplicar os princípios adicionais do memorando de entendimento de Abidjan.

Apelando a uma imediata cessação das hostilidades, os observadores pressionam a

«Depois de contribuir, em 1992, com 30 por cento do total de pessoas assassinadas em incidentes de violência política, o Natal concorre actualmente com 54 por cento», frisa o relatório da Comissão dos Direitos Humanos, que realça ainda a flutuação da violência no centro mineiro-industrial de Witwatersrand - Pretória-Vereeniging (PVW).

Uma nota de esperança - num quadro em que o número de mortos continua a ser "alarmantemente elevado" - a sua redução em 23 por cento no primeiro semestre deste ano, relativamente a igual período do ano passado.

Nota de esperança que, num processo acidentado e dramático, mais se destaca no plano político. Naturalmente com a marcação das eleições multi-raciais para Abril do próximo ano. E desde já, a 19 de Julho, meta calendarizada pelo foro negocial multipartidário para acordo sobre o Conselho Executivo Transitório, primeiro órgão de partilha formal do poder entre Pretória e a maioria branca.

MARCHA PELA PAZ em ANGOLA

17 Julho 93 - Sábado - 19.00 H.
Praça da Estrela - Pav. Carlos Lopes

ESPECTÁCULO

21.30 H. - Pav Carlos Lopes

PARTICIPAÇÃO DE ARTISTAS
ANGOLANOS E PORTUGUESES

APOIO AO "GRANDE ENCONTRO" INICIATIVA DA AAMA-ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DA MULHER ANGOLANA
CAMPANHA DE SOLIDARIEDADE COM A LUTA DO POVO ANGOLANO PELA PAZ

No âmbito da «Campanha de Solidariedade com a Luta do Povo Angolano pela Paz» que o CPPC está a promover juntamente com algumas centenas de outras organizações e por iniciativa da AAMA — Associação dos Amigos da Mulher Angolana, irá realizar-se no próximo dia 17 de Julho, sábado, um conjunto de iniciativas designadas «Grande Encontro», Marcha pela Paz em Angola e Espectáculo pela Paz em Angola.

O programa e horário da iniciativa serão os seguintes:

19 horas:

Vigília na Basílica da Estrela.

19.30:

Concentração frente à Basílica, Praça da Estrela.

Marcha pela Paz em Angola

Percurso - Rua da Estrela, Rua Pedro Álvares Cabral, Largo do Rato, Rua Braamcamp, Praça Marquês de Pombal, Pavilhão Carlos Lopes.

21.30:

Espectáculo Pela Paz em Angola com participação de artistas angolanos e portugueses e intervenções políticas das organizações.

PCP apoia

A Marcha pela Paz em Angola conta com o apoio das direcções das organizações regionais de Lisboa e Setúbal do Partido Comunista Português.

Em comunicado conjunto, as duas organizações do PCP apelam «aos comunistas, a todos os progressistas e à população em geral de Lisboa e Setúbal», para que participem na Marcha.

No comunicado, condena-se veementemente a UNITA «pelas suas responsabilidades na tragédia que assola a terra angolana», e denuncia-se que «em desrespeito pelos acordos de Bicesse e a vontade popular manifestada nas eleições, cujo processo e resultado foram reconhecidos pela comunidade internacional, a UNITA está a lançar Angola numa situação dramática, provocando morte, destruição e fome».

Novas adesões

Novas adesões e apoios à campanha de solidariedade com a luta do povo angolano pela paz têm vindo a surgir, nomeadamente por parte de organizações do PCP.

Em comunicado recentemente divulgado, o Executivo da Comissão Concelhia de Setúbal do PCP apela a que «cada militante contribua para a campanha com a entrega no Centro de Trabalho» de um quilo de feijão, arroz, farinha ou leite em pó, «independentemente de nos sindicatos, nas empresas, nas autarquias, nas colectividades, nos vários movimentos e associações, entre os jovens, junto de comerciantes e cooperativas, também cada comunista ter uma palavra a dizer e um acto a fazer».



Encontro PCP-PCE

Uma delegação do PCP composta por Agostinho Lopes, Domingos Abrantes (ambos da Comissão Política e do Secretariado do CC), Domingos Lopes, do CC, encontrou-se com uma delegação do PCE, composta por Javier Navascues, do Comité Federal do PCE, e ainda Santiago Gonzalez e Manuel Martin.

As duas delegações analisaram a situação económica e social nos dois países, com particular incidência nas consequências do Tratado de Maastricht, assim como os efeitos da crise do capitalismo. Trocaram também opiniões sobre a importância da luta conjunta dos comunistas, dos trabalhadores e de outras forças de esquerda por uma alternativa à actual crise.

Bósnia

Propostas para uma paz possível enquanto prossegue a guerra

Prossegue, apesar de tudo, o processo negociado na Bósnia, enquanto, paralelamente, as partes em confronto tentam afirmar posições no terreno, continuando a impor-se às populações um quotidiano de guerra e violência que já causou muitas dezenas de milhar de mortos.

No passado fim-de-semana, oito dos dez membros da presidência colegial bósnia anunciaram, em comunicado, ter chegado a acordo sobre um projecto de organização da Bósnia-Herzegovina como "Estado federal".

O futuro Estado assegurará, diz o comunicado, "a igualdade de direitos dos cidadãos e dos três povos constitutivos (muçulmano, sérvio e croata) da Bósnia-Herzegovina".

"A presidência está de acordo em que os territórios das unidades federadas não sejam delimitados exclusivamente em função de princípios étnicos", prossegue o documento, sublinhando que as unidades "não poderão ser consideradas como territórios nacionais".

Nos termos do projecto, "as unidades federadas não podem concluir acordos internacionais que prejudiquem os interesses e a integridade territorial da Bósnia-Herzegovina e das suas unidades federadas".

Este projecto, diz o comunicado da presidência bósnia, será submetido à apreciação dos co-presidentes da conferência de Paz, David Owen e Thorvald Stoltenberg, "para que, nas próximas negociações de Genebra, seja tratado em pé de igualdade com as iniciativas das outras partes", notadamente o projecto servo-croata de Confederação.

Na véspera, em declarações proferidas à chegada ao local de reunião com a presidência bósnia, em Zagreb, o mediador da CEE, David Owen, descrevera a fórmula "uma Bósnia composta de três Repúblicas" como sendo "merecedora da maior atenção".

"Não é - ressalvou - a solução ideal, mas penso que



Crianças bósnias. Jogos de guerra num país devastado

se pode construir um país sobre esta base".

Owen subscrevia, desta forma, implicitamente, o projecto servo-croata de Confederação, observando, ainda, que "não é, como pensa a maioria das pessoas, uma divisão. Confere uma grande margem de autonomia às três Repúblicas".

Propostas e projectos polémicos. Em qualquer dos casos só viáveis com o apoio das populações a que dizem respeito.

Isso mesmo é defendido pelo comandante das tropas da ONU na Bósnia, general Philippe Morillon, que afirmou, em recente conferência de imprensa, que qualquer que seja a solução encontrada para a Bósnia, a comunidade internacional deve cuidar de que "essa solução respeite o direito de cada um de ficar no território dos seus antepassados e voltar a ele se de lá sair por medo e por causa da violência".

Morillon disse que a divisão étnica da Bósnia-Herzegovina poderá conduzir a uma situação semelhante à da faixa de Gaza, e dar origem a "conflitos prolongados".

O comandante dos "capacetes azuis", de regresso a França, considerou como ideias simplistas, acreditar que "separar três irmãos" - o croata, o muçulmano e o sérvio - bastaria para resolver os problemas.

"As coisas não são assim tão simples", frisou, porque não há apenas três irmãos, mas "milhões de indivíduos, centenas de milhar dos quais foram arrancados às suas raízes e continuam ameaçados de expulsão da terra dos seus antepassados".

Na opinião do general, os que tiveram essa "ideia simples esqueceram que as consequências seriam criar qualquer coisa semelhante à situação na faixa de Gaza e abrir caminho a conflitos prolongados".

Entretanto, a paz surge como uma necessidade literalmente vital e de dia para dia mais urgente.

Desde o início do conflito na Bósnia, há cerca de dois anos, já morreram cerca de 140 mil pessoas, declarou estes dias um jurista norte-americano designado pela ONU para inquirir sobre os crimes de guerra na ex-Jugoslávia.

Cherie Bassiouni, professor de Direito Penal da Universidade de Chicago, ilustrou a violência desta guerra dando, como exemplo, os 57 000 mortos norte-americanos em sete anos de guerra no Vietnam e os 20 000 mortos em 50 anos de conflitos no Médio Oriente.

Neste momento, a situação na Bósnia central é um "desastre humanitário" e os recursos ainda disponíveis em Sarajevo estarão com-

pletamente esgotados dentro de dias, segundo informação do alto comissariado da ONU para os Refugiados e organizações não governamentais.

A população da Bósnia central, cerca de 700 000 pessoas, está "completamente dependente da ajuda humanitária". As colheitas não podem ser feitas, os frutos apodrecem nas árvores e não há transporte de mercadorias. A situação no terreno torna praticamente impossível a circulação de "comboios" humanitários, e apenas 25% dos "stocks" disponíveis foram entretanto distribuídos.

A situação não é melhor na capital da Bósnia, também ela totalmente dependente da ajuda humanitária. A ponte aérea - cerca de 20 aviões por dia - apenas supre 60 por cento das necessidades da cidade.

A falta de electricidade e água arrasta a cidade de Sarajevo para "o desastre", advertiram organizações não-governamentais em missão na cidade.

Esta situação levou a Organização Mundial de Saúde (OMS) a pedir ao Conselho de Segurança da ONU a adopção de "medidas urgentes" para restabelecer a situação sanitária e hospitalar em Sarajevo e nas restantes cidades bósnias sitiadas.

Alemanha

Desconhecidos incendiaram um imóvel ocupado parcialmente por estrangeiros em Kempen (sul da Baviera), ferindo 13 pessoas.

Uma pessoa ficou gravemente ferida em consequência da queda de uma escada e mais doze, metade das quais estrangeiras, ficaram intoxicados pelo fumo.

Os incendiários, que entraram no imóvel através da garagem, danificaram diversos veículos antes de atear o fogo.

Em Roth, próximo de Nuremberga, outro grupo de desconhecidos incendiou o serviço de estrangeiros local, destruindo o mobiliário e a documentação ali existente.

Os atentados contra estrangeiros na Alemanha depois do incêndio de Solingen, que custou a vida a cinco turcas em 28 de Maio, já ultrapassa as três dezenas.

Suíça

O Conselho Federal suíço (Governo) autorizou, no passado dia 23, a exportação de material bélico para a Indonésia, noticiaram os jornais «Bund» e «Tags-Anseiger».

O material, fornecido pela empresa «Oerlikon Contraves», consiste em peças e munições para canhões anti-aéreos no valor de 10 milhões de francos suíços (cerca de 1,1 milhões de contos).

Ao noticiar a autorização de exportação, a imprensa suíça de língua alemã recordou a repressão sangüinária do exército indonésio contra diversas minorias, nomeadamente a população de Timor-Leste.

França

O Senado francês aprovou, por 230 votos a favor e 89 contra, um projecto de lei que reforça o controlo da imigração.

O texto obteve os votos da coligação dos conservadores, liberais e centristas, que dominam a câmara alta, contra os socialistas e comunistas que se opuseram às medidas previstas para reforçar o controlo sobre os estrangeiros.

O projecto de lei, que causou enorme polémica no país nos últimos tempos, transferindo nomeadamente do MNE para a polícia a decisão de asilo, mereceu já a forte crítica das associações religiosas e de direitos civis, que o acusam de violarem a liberdade dos 94 milhões de estrangeiros que vivem na França.

Somália

Várias dezenas de pessoas morreram vítimas de um ataque de helicópteros americanos às posições dos partidários do general Mohamed Aidid.

A situação que actualmente se vive na Somália levou o governo italiano a pedir a suspensão dos combates por considerar que se sobrepõem actualmente à conciliação.

O ministro italiano dos Negócios Estrangeiros disse que Roma pretende um «reexame das finalidades da missão» da ONU na Somália e, nomeadamente, um reexame dos meios utilizados para realizar os objectivos de «pacificação, conciliação e de ajuda humanitária».

Geórgia

O Conselho de Segurança das Nações Unidas pediu o envio de 50 observadores para a Geórgia, onde combates entre forças georgianas e independentistas abkhazes provocaram no último mês mais de um milhar de mortos.

Numa resolução adoptada por unanimidade, o Conselho de Segurança da ONU refere a necessidade de «um processo de paz» implicando as partes em conflito «com a participação» da Rússia.

Negociações de paz estão entretanto a decorrer em Moscovo, onde o representante da Geórgia, Alexandre Kavsadze, anunciou que mais de um milhar de georgianos, civis e militares, morreram no último mês na Abkhazia, oeste da Geórgia.

O conflito entre georgianos e abkhazes rebentou com nova força em Agosto último após a chegada a Sukhumi de tropas georgianas na sequência de uma declaração de independência do Parlamento abkhaze.

Iraque

As autoridades iraquianas apelaram ao Conselho de Segurança da ONU para que impeça «uma agressão militar contra o Iraque» motivada pelo actual diferendo com as Nações Unidas por causa do desarmamento.

Numa mensagem ao presidente em exercício do Conselho de Segurança da ONU, David Hannay, o ministro dos Negócios Estrangeiros iraquiano, Mohammad Said As-Sahhaf, acusou a equipa de inspecção da ONU de ter agido em sintonia com um «complot» fomentado por «forças inimigas».

Segundo As-Sahhaf, as forças em questão «buscam pretextos» e «querem preparar o terreno para uma nova agressão» contra o Iraque.

Crianças da sombra
OIT denuncia trabalho infantil

Cerca de 200 milhões de crianças, com idades entre os 4 e os 14 anos, são exploradas nas minas da Colômbia, nos campos da Califórnia, nas fábricas artesanais da Índia ou nos campos de jasmim do Egipto.

A denúncia foi feita pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), num livro intitulado «As crianças da sombra», inteiramente consagrado à exploração da mão-de-obra infantil, e nestes dias divulgado em Genebra.

«O fenómeno não se limita aos países pobres, está divulgado nos países ricos como os Estados Unidos, onde são exploradas crianças latino-americanas e, agora, na Rússia», declarou o porta-voz da OIT, Carlos Bauvert, na apresentação da obra.

Uma das acções da OIT, no âmbito do seu programa

internacional pela abolição do trabalho infantil, consiste em encorajar as organizações locais a promoverem a escolarização destas crianças.

A luta contra a exploração da mão-de-obra infantil contribui ainda para aumentar os salários em geral.

Na Rússia, por exemplo, as crianças podem ganhar em dois ou três dias o salário mensal dos pais, disse Bauvert, lembrando que é exactamente nos países onde as crianças são exploradas que os salários dos adultos são mais baixos.

Considerando que, apesar das dificuldades, resistências e mesmo recuos, as campanhas pela abolição do trabalho infantil têm dado alguns resultados, Bauvert afirma que será preciso ainda meio século para conseguir pôr fim a este problema.

Convívio da Coligação no Vitória, em Lisboa

CDU avança para Sintra, Oeiras e Cascais

Um encontro-convívio de activistas e candidatas da CDU do Distrito de Lisboa, realizado no passado sábado no Centro Vitória com a presença de **Carlos Carvalhas**, deu particular atenção às candidaturas da Coligação nos municípios de **Sintra, Cascais e Oeiras**, autarquias onde, como sublinhou o Secretário-Geral do PCP na sua intervenção final (de que damos alguns extractos nestas páginas), "a gestão da CDU seria de grande importância para as populações, para a defesa dos seus interesses, para o seu desenvolvimento e teria um importante significado político". Antes haviam falado os cabeças de lista à presidência destes municípios (respectivamente **Lino Paulo, Carlos Sota e Tavares da Cruz**), cujas intervenções também condensamos. Além de Carlos Carvalhas e dos oradores que o antecederam (os candidatos, da CDU, Lino Paulo, por Sintra, Carlos Sota, por Cascais, e Tavares da Cruz, por Oeiras), estiveram presentes na mesa do encontro **Rui Godinho**, vereador na Câmara Municipal de Lisboa e 2ª figura do executivo lisboeta, **Artur Bártolo**, vereador na Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, **Manuel Veiga**, presidente da Assembleia Municipal de Loures, e **Manuel Vieira**, vereador na Câmara Municipal da Amadora (todos de novo candidatos pela CDU nos cargos que actualmente ocupam), e ainda **Elvira Nereu**, do Comité Central do PCP. O encontro-convívio funcionou com informalidade, havendo um lanche à disposição dos presentes após as intervenções dos oradores, permitindo as trocas de impressões usuais nestas circunstâncias e um ambiente de amena cavaqueira. Os "trabalhos", propriamente ditos, desta iniciativa da CDU assentaram nas intervenções já aludidas, foram dirigidos por Rui Godinho e dividiram-se em dois blocos: um primeiro onde, sucessivamente, os cabeças de lista da CDU às Câmaras Municipais de Sintra, Cascais e Oeiras resumiram as suas propostas eleitorais, e um segundo onde usou da palavra o Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalhas.

Lino Paulo

"Falar do trabalho que a CDU tem desenvolvido em Sintra é falar do trabalho de uma equipa que, para além de conhecer bem o Concelho, tem vindo a realizar uma série de encontros temáticos em todas as Freguesias sobre os problemas que preocupam as populações", começou por afirmar **Lino Paulo**, o prestigiado cabeça de lista da CDU à Câmara Municipal de Sintra, onde é o mais conhecido e veterano vereador ao serviço deste município, o 4º mais populoso do País. Sintra tomou-se um Concelho de extremos: a par de belezas únicas no País e, até, no mundo, sofre uma óbvia e crescente degradação ambiental, patrimonial e, sobretudo, urbanística. Profundo conhecedor de todos estes problemas, Lino Paulo apontou claramente os responsáveis desta situação: "em primeiro lugar, as gestões PSD e CDS, mas também os autarcas do PS, que têm dado apoio aos piores actos de gestão dos primeiros". E frisou que "os maiores desmandos praticados em Sintra têm sido feitos apenas com os votos contra da CDU", enquanto "o que de melhor se tem realizado, foi feito pela Coligação Democrática Unitária, tanto no Concelho como nas freguesias", através de intervenções concretas na habitação, nos equipamentos sociais, no desporto, na educação, "onde o trabalho realizado tem uma marca clara - a da CDU". Por isso "em Sintra há duas montras: a da degradação urbanística, da responsabilidade das gestões e conluios PSD/CDS e PS, e a do ordenamento e da resolução dos problemas graves, fruto do empenho e do trabalho da CDU". E acrescentou:

"É por isso que partimos com confiança para as próximas eleições, apresentando uma equipa que merece a confiança do Concelho".

Referindo algumas linhas mestras da actuação da CDU na futura gestão de Sintra, Lino Paulo afirmou o objectivo de lhe alterar a situação de dormitório para a de uma verdadeira cidade, "o que exige a desconcentração e a descentralização de competências no trabalho autárquico", assinalando, igualmente, as propostas para a defesa dos interesses da zona rural. "Olhamos o desenvolvimento em todas as suas componentes - friso - a económica, a social e a cultural, tal como defendemos um desenvolvimento participado, contando com o homem concreto para a resolução dos problemas concretos". E concluiu, com uma forte nota de optimismo: "Há que eleger a CDU para terminar com o desgoverno em Sintra. A partir de Dezembro vamos mudar o Concelho!"



Tavares da Cruz

"Em Oeiras, estas são as primeiras eleições com a nova divisão administrativa que criou as freguesias de **Algés (englobando Miraflares), Cruz Quebrada/Dafundo, Linda-a-Velha, Queijas/Linda-a-Pastora e Porto Salvo**", começou por recordar o candidato da CDU à presidência da Câmara Municipal de Oeiras, **Tavares da Cruz**, que acrescentou: "Esta novidade representa a concretização de um velho anseio das populações, a que o PCP e a CDU deram um impulso decisivo, apresentando propostas nesse

sentido desde 1988, tanto nos órgãos autárquicos como na Assembleia da República", enquanto o PSD e o PS sempre se opuseram. "Estamos certos - disse - que as populações reconhecerão nas urnas a acção da CDU e o papel decisivo que os seus candidatos irão ter na defesa e na satisfação dos interesses das novas freguesias".

Depois de acusar a gestão PSD de ter gasto "centenas de milhares de contos para vender a imagem de que é bom viver em Oeiras" enquanto a sua real actuação se tem pautado pelo privilegiar dos negócios em detrimento das pessoas, o candidato da CDU exemplificou a desastrosa actua-

Intervenção de Carlos Carvalhas

A confiança da CDU assenta num património de realizações e no prestígio conquistado no trabalho

(...) Acabámos de ouvir os candidatos às Câmaras de Sintra, Cascais e Oeiras que apresentaram as linhas de força dos seus programas tendo manifestado o seu profundo empenhamento na batalha autárquica que vamos travar.

São democratas comprovados e bem conhecedores dos seus concelhos e problemas.

A gestão da CDU nestes concelhos seria de grande importância para as populações, para a defesa dos seus interesses, para o seu desenvolvimento e teria um importante significado político. (...)

A importância das autarquias para a resolução dos problemas das populações é inegável apesar da política centralizada do PSD.

Este facto e a situação socioeconómica do país conferem também às eleições autárquicas uma importante oportunidade para o povo português afirmar uma vontade de mudar de rumo e ver executada uma política radicalmente diferente.

De facto o declínio de Portugal em termos de industrialização e de actividade produtiva é infelizmente uma realidade, em consequência de uma política de centralização de capitais, de uma política que tem beneficiado as actividades especulativas e que tem desprezado a economia em troca de fundos comunitários.

Com efeito, a nossa indústria está em queda livre. O índice da produção industrial caiu em Fevereiro pelo 27º mês consecutivo e a taxa de utilização de capacidade produtiva no primeiro trimestre deste ano situou-se nos 75% ou seja o valor mais baixo desde 1987.

Todos os grandes sectores de actividade têm sido atingidos com graves consequências no domínio social como se pode ver nomeadamente na Área Metropolitana de Lisboa. É necessário agir contra a engrenagem da recessão. Mas agir contra essa engrenagem implica uma política globalmente diferente que não procure, por exemplo, colocar o acento na redução dos custos salariais - produtividade aparente sobre o trabalho vivo - negligenciando os outros custos materiais e financeiros (a eficiência dos capitais).

Por outro lado, a diminuição das taxas de juros dos emprés-

timos, por nós há muito reclamada, é positiva mas não chega, quando se verifica uma nítida retração do mercado interno e externo. É aliás significativo que o défice comercial com a Espanha e com a CEE se tenha vindo a agravar fortemente. A exigência de medidas de salvaguarda (preferência comunitária...) para certas actividades industriais, para as pescas, para a agricultura cujo desenvolvimento é uma condição da revitalização do espaço rural impõe-se cada vez com maior premência bem assim como o abandono dos critérios monetaristas de Maastricht. Os "ayatolas" do livre cambismo, são em geral os portas-vozes das transnacionais e dos países mais desenvolvidos e normalmente advogam a causa do "Frei Tomás".

Os EUA, por exemplo, que é um dos países que mais prega o livre cambismo para os outros não, hesitam em utilizar a secção 301 da sua legislação comercial quando se quer proteger e o Japão não lhe fica atrás, pelo contrário.

Não é a política de estender a mão à caridade dos fundos estruturais que nos resolve os problemas, mas uma política de dignidade nacional que faça valer os nossos direitos, que defenda o nosso aparelho produtivo que é uma panela de barro face às panelas de ferro das outras economias da CEE. As encenações, a coreografia e o marketing político que o Governo tem realizado na apresentação de "pacotes" e agora no Plano de Desenvolvimento Regional (PDR) pode servir a "imagem" do Governo, mas não resolve os problemas: recorde-se que o último PDR também foi apresentado com grande pompa e circunstância como indo modernizar o aparelho produtivo e corrigir as assimetrias regionais. A realidade aí está. Aliás, o Governo nunca explicou porque é que apesar do volume de fundos comunitários e nacionais os rendimentos reais dos agricultores caíram nos últimos seis anos mais de 30% e a agricultura portuguesa está hoje mais fragilizada do que antes. Vender Portugal, a sua moeda, as suas empresas públicas e a sua capacidade de ser senhor do seu próprio destino é uma política que terá a nossa total oposição e o nosso combate firme e decidido.

A degradação social e a gestão da CDU

A degradação da situação económica tem as suas repercussões na degradação da situação social, no acréscimo dos fenómenos de insegurança, na marginalização, na crescente desresponsabilização do Estado em áreas sociais fundamentais, nos ataques à segurança social e aos reformados e ao acréscimo da extensão da toxicodependência.

É inaceitável a passagem da idade da reforma das mulheres de 62 para 65 anos bem assim como a alteração da fórmula de cálculo reduzindo ainda mais aquelas prestações sociais.

O Decreto-Lei do Governo de alteração ao regime de pensões de invalidez e velhice, que iremos requerer a sua apreciação pela Assembleia da República, com vista à sua não ratificação, constitui um grave atentado aos direitos dos trabalhadores e revela a hipocrisia do Governo ao decidir tal medida no preciso momento em que diz querer realizar "a concertação social".

Por tudo isto, consideramos da maior importância o reforço do Poder Local, que estando próximo dos cidadãos pode dar um contributo inestimável na superação dos problemas, na atenuação das consequências sociais da crise, na criação de condições que dentro do seu ambiente facilite a vida às populações.

Na verdade, o Poder Local continua a desempenhar um papel essencial como factor de enriquecimento da vida democrática, da aproximação das populações do poder e instrumento e estímulo à democracia participativa.

Uma particular atenção na Área Metropolitana de Lisboa terá de ser dada a uma intervenção autárquica integrada. Reafirmamos que a requalificação da vida nas cidades, a devolução de uma dimensão humanizada ao seu funcionamento é uma questão de maior significado numa política democrática que se

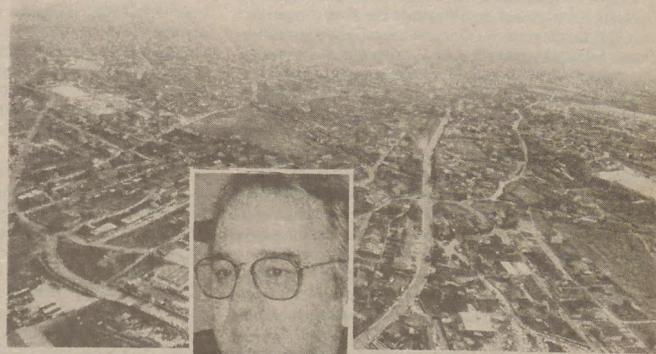
ção do PSD/Isaltino Morais à frente do município de Oeiras: "a reestruturação dos serviços não foi feita para servir as populações, enquanto as questões ambientais, a limpeza e a higiene urbana, a saúde pública e o património histórico continuam a degradar-se. A dívida pública a médio prazo é já de seis milhões de contos, fazendo com que o serviço da dívida atinja, em 1993, mais de 20% das receitas correntes".

A alternativa a esta política na Câmara de Oeiras não está no PS, "que tem nas suas fileiras quem exalte o modelo PSD, nomeadamente o seu candidato por Cascais. A alternativa válida à gestão PSD é a CDU - frisou - cujo programa aponta para a melhoria da qualidade de vida das populações e para a criação de um verdadeiro espírito de solidariedade humana". E apontou alguns exemplos concretos desse programa: urgência na aprovação do PDM "e a criação de condições para que a sua execução acabe com os desmandos que se têm verificado em matéria de urbanizações e construções", reestruturação dos serviços, preservação do ambiente, incremento da cultura, protecção dos espaços históricos, apoio ao ensino e ao equipamento



Lino Paulo

«Vamos mudar Sintra a partir de Dezembro!»



Tavares da Cruz

Soluções para Oeiras com o homem por objectivo



Carlos Sota

Uma equipa CDU para dar forças a Cascais

«A candidatura da CDU à Câmara de Cascais com o lema FORÇA CASCAIS, tem vindo dia a dia a ganhar dinâmica, força consensos e apoios nos mais diversos sectores do Concelho, reconhecimento que advém da equipa e das linhas programáticas que apresenta à população do Concelho», começou por dizer o candidato da CDU à presidência da CM de Cascais, **Carlos Sota**, que possuiu:

«Somos uma equipa que conhecemos o Concelho como poucos o conhecem, conhecemos o seu sentir e as suas tradições, as suas gentes, o seu lado bom, e o sofrimento quem tem sido, continuamente, insuflado por sucessivas e desastrosas gestões da responsabilidade do PSD/PS. No entanto e pelo o que é dado a observar, assiste-se já hoje, por parte do PSD e do PS, à mentira e à demagogia, fazendo crer junto da opinião pública do Concelho que não são eles os verdadeiros responsáveis pela degradação e descaracterização que assolou Cascais.»

Neste ponto, o candidato sublinhou: «Se é verdade que o PSD governa Cascais há 14 anos consecutivos, sendo o maior responsável, não é menos verdade que o PS já deteve a Presidência da Câmara e, nos últimos 8 anos, tem tido uma postura de passividade e de convivência com o PSD nas decisões mais gravosas para o Município e sua população.»

E Carlos Sota considerou: «Estamos certos, e a população de Cascais assim o vem exigindo, de que é necessário mudar a actual gestão do Município de Cascais e que a CDU é a única força política que tem condições para o fazer. Possuímos uma estratégia e um Programa que tem no seu conteúdo a participação e opinião da população e outras entidades da vida do Concelho.»

Pormenorizando um pouco os objectivos da CDU, o orador acrescentou:

«Implementaremos uma estratégia que tenha como grande objectivo dotar Cascais de infra-estruturas condignas e equipamentos capazes de inverter a acelerada degradação de vida, que afecta uma cada vez maior parte da população do Concelho. Colocaremos em prática as condições necessárias a transformar, de uma forma planificada, participada e transparente, o Concelho de Cascais num "sítio" apetecível e agradável em todas as vertentes: urbana, ambiental, económica, social e cultural, promovendo o desenvolvimento de novas iniciativas e projectos.»

E concluiu: «A CDU está apenas vinculada a um compromisso e a um grupo: o desenvolvimento harmonioso do Concelho e a criação de bem-estar em toda a população. Estamos certos que a população de Cascais vai confiar na Equipa da CDU, para dar mais força a Cascais.»



centre no bem-estar das populações.

Não se pode aceitar que se sacrifique a qualidade do urbanismo e a qualidade de vida das populações aos lucros especulativos e ao desordenamento do território.

A ocupação humanizada do território, capaz de devolver a dimensão social e cultural às cidades, uma concepção que encare o solo como um bem escasso orientado para o uso do interesse público necessário também à fruição de tempos livres, da cultura e lazer é particularmente importante nos casos de Sintra, Cascais e Oeiras.

Estão aqui neste encontro/convívio activistas e candidatas da CDU, que conhecem bem os problemas dos seus concelhos e que conhecem bem a Área Metropolitana de Lisboa. São homens e mulheres que dão todas as garantias de um trabalho honesto e competente ao serviço das populações.

E esta dedicação e empenho em resolver os problemas é ainda de importância acrescida quando se sabe que o Governo vai persistir na sua política o que significará uma acentuação da crise económica e de ainda maiores dificuldades sociais.

A CDU parte com grande confiança para as próximas eleições autárquicas, pelo valioso património de realizações, pelo prestígio conquistado no trabalho, no diálogo e na promoção da intervenção das populações, pelo respeito adquirido, pelos compromissos assumidos e pela experiência, dedicação e competência reconhecidos aos eleitores do PCP e da CDU (...)

social para a juventude e a 3ª idade, etc.

E concluiu:

"A CDU é a alternativa à gestão do PSD em Oeiras porque conhece melhor os problemas do que qualquer outra força política, apresentando para todos eles soluções que colocam o homem como objectivo", constituindo os candidatos da CDU aos diversos órgãos autárquicos do Concelho "um conjunto de mulheres e homens experientes no trabalho autárquico e profissionalmente competentes".

Os "refundadores"

O movimento sindical como organização de classe, apesar da profundidade e mesmo gravidade dos problemas que enfrenta, revela uma enorme vitalidade e continua a desempenhar papel determinante no desenvolvimento da luta de massas contra a exploração, pelo progresso social, revelando-se uma organização indispensável e insubstituível para a defesa e promoção dos direitos dos trabalhadores.

A realização do VII Congresso da CGTP-IN e a ampla e combativa movimentação de massas de resistência à ofensiva patronal e governamental são a esse respeito exemplos confirmativos.

Num quadro de profunda crise - económica, social, política e moral - que de uma ou outra forma atravessa praticamente todos os países capitalistas, crise que se faz acompanhar de uma das mais poderosas e graves ofensivas desencadeadas nas últimas décadas, pelo grande capital, contra o mundo do trabalho, num quadro em que a par da grandeza da resistência dos trabalhadores, se assinalam derrotas e retrocessos significativos nas suas conquistas, num quadro de grandes dúvidas e hesitações e quando se fazem balanços e reavaliações de experiências, de percursos e de projectos, é normal, se não mesmo inevitável, o surgir de grande diversidade de apreciações e contribuições com vistas a responder aos problemas e a ultrapassar as dificuldades.

De todo este emaranhado surge uma abundante "produção teórica" sobre a chamada crise do movimento sindical, devendo merecer particular atenção aquela que, partindo de um dado objectivo de carácter geral e universal e de dificuldades reais e profundas, questiona a natureza e o papel do movimento sindical, branqueia a natureza exploradora do capitalismo, recusa a luta de classes, advogando a renovação do movimento sindical na base de um novo imaginário, cujo conteúdo essencial se resume ao abandono da natureza de classe da organização sindical.

A consagração das características fundamentais da CGTP-IN feitas pelo VII Congresso e conseqüentemente a recusa das concepções ditas "renovadoras" e "europeístas", tendo sido uma magnífica resposta a ideias liquidacionistas e capitulacionistas, deveria ter levado algumas pessoas a reflectir com mais serenidade. Mas, ao que parece, o repúdio pelas suas teses teve o condão de as pôr em ebulição fazendo surgir de rajada todo um conjunto de teorizações sobre a crise do sindicalismo e de receitas capazes de dar corpo a uma plataforma conducente à renovação-refundação do movimento sindical português e até europeu.

Passando os olhos pela galeria de tão mui nobres cavaleiros de novas teorizações desde logo são visíveis alguns traços comuns, apesar da habitual viseira usada quando se encontram em trânsito para outras paragens.

Quase todos, se não mesmo todos, se propuseram renovar o Partido Comunista Português, quando dele faziam parte, embora hoje (o que já então era uma evidência) não se reconheçam no comunismo.

Quase todos, se não mesmo todos, se propuseram renovar e refundar a esquerda (no singular para assinalar o timbre da exclusividade), embora hoje esteja claro, como já o estava ontem, que na nova esquerda de que falam não cabem os comunistas.

Quase todos, se não mesmo todos, foram propagandistas do "novo pensamento"; sem nunca terem percebido do que falavam, o que os não impedia de defender o "governo mundial", o advento da "democracia universal" e outros disparates do mesmo tipo.

Quase todos, se não mesmo todos, têm por hábito citarem-se e copiarem-se uns aos outros, superando desse modo a falta de originalidade e a estreiteza do mundo em que se movem.

Quase todos, se não mesmo todos, apresentam não poucas vezes como reflexão própria e original produtos de "contrabando", pescados nas teses de sociais-democratas empenhados em criar um movimento sindical europeu subordinado à lógica do capitalismo e em particular à lógica de Bruxelas e sobretudo pescados em águas italianas, embora a prática política e sindical dos dirigentes máximos do sindicalismo italiano se esteja a revelar pouco edificante. Depois de centenas de milhares de trabalhadores terem em Itália repudiado os conluios desses dirigentes com o patronato, mimosando-os inclusive com ovos e tomates (pelos vistos insuficientes pois esses dirigentes acabam de acordar um Pacto Social, verdadeira traição aos interesses dos trabalhadores), no mínimo, a experiência italiana deveria ser considerada pouco recomendável, para quem se propõe renovar o movimento sindical português.

1

O jantar dito de homenagem a José Luís Judas constituiu um ponto alto, uma espécie de síntese dessa produção teórica. Pelas teses defendidas nos discursos, pelos projectos de trabalho avançados, pelo auditório reunido onde sobressaía uma forte componente UGT, mais do que um encontro de amigos, foi sobretudo, o pretexto para a divulgação de bases "programáticas" para a "refundação" do

movimento sindical português, embora J. L. Judas não saiba muito bem como o conseguir, apesar de a ideia - como confessa - quase se lhe ter tornado uma obsessão.

E, à falta de ideias, não lhe ocorreu nada melhor do que criar "a coisa" (sempre a inspiração italiana), "uma coisa que não sendo organização, seja algo, algo sem estatutos, sem registo notarial, nem dirigentes", "uma coisa que reúna periodicamente, aberta ao público, de reflexão sobre temas sindicais e sociais". [1]

De reflexão? Depois de se ouvir J. L. Judas dizer, falsificando despudoradamente a história do movimento operário, que "hoje como ontem, o objectivo último dos sindicatos continua a ser a transformação democrática do capitalismo" [2], dir-se-ia que não se deve perder tempo com tais teorizações, mas não é bem assim, pois elas nada têm de inocentes e dispõem de meios de difusão inestimáveis.

Retomando a linha tradicional da social-democracia de branqueamento da natureza exploradora do capitalismo e da defesa da coabitação sindicatos-patronato, a grande originalidade das teses "renovadoras", bem vistas as coisas, resume-se a considerar que o capitalismo tem um lado bom (o democrático) e um lado mau (o neoliberal) e que, superado este, se viverá no melhor dos mundos possíveis.

Neste quadro, os sindicatos não devem aferrar-se às "reivindicações tradicionais" e ser "propositivos", "negociadores", "co-responsáveis" (pelo sistema obviamente), entregando os seus destinos a gente aberta, moderna, gente não enfeudada a aparelhos sindicais ou partidários, isto é, só ao aparelho dos "renovadores".

Estaremos a exagerar? Vejamos as coisas mais em pormenor.

2

Há alguns meses, fruto do "labor académico" e de "métodos científicos", foram anunciadas ao mundo, com pompa e circunstância, as bases (as chamadas 6 características essenciais) para o advento do sindicalismo moderno, o qual deve ser, unitário, participado, negociador, de luta, solidário e autónomo. [3]

Desde logo se torna necessário uma observação, que é a de não sabermos a quem verdadeiramente atribuir a paternidade da teoria. É que, substituindo-se a palavra luta pela palavra conflitualidade, não conseguimos descortinar nenhuma diferença na ordem, na forma e no conteúdo entre as 6 características apresentadas por A. Teodoro e as defendidas, muito antes dele e menos enfatuadamente, pelo italiano Luigi Cal. De qualquer modo, para nós, tal coincidência é um pormenor pouco relevante, se comparado com a verdadeira essência da originalidade de tais ideias que se resumem, bem vistas as coisas, a preconizar o enterro do sindicalismo de classe, objectivo último a que subordinam tudo o resto de forma coerente e insistente.

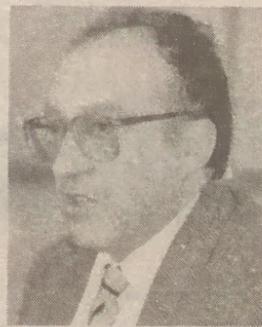
3

No conjunto das características essenciais, a solidariedade constitui a parte substantiva do edifício teórico dos "refundadores", uma espécie de "ovo de Colombo" para as desgraças humanas, de tal modo importante que há, por exemplo, quem considere que para os sindicatos, nos próximos anos, "o principal desafio é o da solidariedade". [4]

A questão da solidariedade, tornou-se um factor social relevante, radicado em causas objectivas.

A dimensão da exclusão social - apesar das ambigüidades que o conceito encerra -, as condições de extrema pobreza a que são votadas grandes massas humanas, numa época em que os prodigiosos avanços técnico-científicos, criaram condições materiais para solucionar problemas candentes dos trabalhadores e dos povos, despertou vastos sectores sociais para a compreensão de que se impõe uma sociedade mais justa, que garanta a utilização racional dos meios disponíveis para a satisfação das necessidades do ser humano e não para a sua alienação e que assegure uma mais equitativa distribuição da riqueza, uma sociedade que dê combate às causas da miséria e da pobreza.

A solidariedade como "valor do sindicalismo" é património da classe operária, uma classe que com a sua luta contra a exploração, pela liberdade e o progresso social, se elevou acima dos seus próprios interesses, dando à solidariedade um novo conteúdo, um conteúdo de classe. A solidariedade de classe, com a organização constituíram importantes instrumentos de luta contra a exploração e as arbitrariedades patronais, coisa bem diferente da filantropia pequeno-burguesa ou da "co-participação social", objectivo de oportunistas de diferentes matizes que ao longo de décadas têm procurado meter os sindicatos no leito da exploração capitalista.



DOMINGOS ABRANTES
Membro da Comissão Política

Quando se multiplicam as estafadas teorias da partilha equitativa das dificuldades, entre o trabalho e o capital, as quais têm servido invariavelmente para amortecer a resistência dos trabalhadores, o que se impõe é desenvolver um mais forte movimento reivindicativo.

As teorizações sobre a solidariedade avançadas pelos "refundadores" revestem-se de extrema gravidade na medida em que, embora denunciem (não todos) os malefícios do neoliberalismo, na prática absolvem a exploração capitalista acabando por culpabilizar os sindicalistas e os trabalhadores pela situação dos deserdados, apelando não ao combate contra as causas da pobreza, mas à partilha da miséria.

É assim que se apela a "um sindicalismo que recuse novos corporativismos resultantes de uma acção centrada apenas (sublinhado nosso) nos sectores mais qualificados ou especializados de maior peso negocial e que assumam as desigualdades (sic) na distribuição do saber para o mundo do trabalho". [5]

As ideias são bastante embrulhadas, não explicitam que desigualdades devem ser partilhadas, não se ficando



sequer a saber, por exemplo, se se trata da partilha dos postos de trabalho, que por enquanto os nossos "refundadores" só abordam em surdina, essa moderna e peregrina descoberta de solução para o problema do flagelo do desemprego, forma de precarização do emprego, uma réplica de "esquerda" à precarização neoliberal, como se a filosofia da solidariedade que a justifica lhe alterasse o conteúdo e as consequências.

Entretanto, para gáudio do patronato, o que se segue é bastante mais claro (e mais insultoso para com os sindicatos) ao afirmar-se que "a realidade do sindicalismo de hoje em muitos casos é do alcance de enormes vantagens materiais (sublinhado nosso) por parte de pequenos grupos profissionais que ocupam, em determinadas posições económicas, posições estratégicas". [6]

Trata-se de pura propaganda anti-sindical, e embora se saiba que os "refundadores" não primam pela consistência de ideias, não deixa de ser verdadeiramente surpreendente esta fúria contra as camadas "privilegiadas" do sindicalismo (não do capital), vindo de pessoas que ainda há pouco tempo tudo viam em função das "camadas e classes sociais mais dinâmicas" ou dos "sectores sociais mais

importantes", embora nunca tenham esclarecido sobre o que falavam.

E tudo isto é dito numa altura em que o capital refina as formas de exploração, que o crescimento do desemprego galopa e a repressão patronal atinge cada vez maior número de sindicalistas.

Não preocupados com as causas da miséria das massas, fugindo a falar da exploração capitalista como o diabo da cruz, vendo a raiz dos males dos trabalhadores no facto de estarem a ser "segmentados pelo processo produtivo e afastados pelo individualismo e por essa doença que se chama o neocorporativismo", [7] a grande solução está no estabelecimento urgente da solidariedade, coisa muito simples, segundo dizem desde que se "ponha os sindicatos a intervir em áreas que não são as tradicionais, como a política fiscal, a segurança social, a habitação e, na sua opinião, o ensino", [8] pois para a pessoa em questão, a "pior exclusão (social) é a falta de acesso ao ensino" [9].

Não pode deixar de espantar a originalidade e simplicidade com que se resolvem os mais graves problemas sociais, mas é mesmo preciso andar-se muito distraído para defender que os sindicatos se devem ocupar da política fiscal, da segurança social e de outras reivindicações como se nunca o tivessem feito e desde há muito não fosse uma linha reivindicativa insistentemente por eles seguida.

Em Portugal, como por essa Europa fora, os governos de direita, ou social-democratas, colocaram a segurança social sob o ponto de mira da sua política, não porque os sindicatos desprezem a sua importância, mas porque sobre-

É muita fruta para qualquer pobre mortal que tenha aprendido que o dever primeiro dos sindicatos é defender os interesses dos trabalhadores. É que já não estamos no século XIX e "a evolução do trabalho e da sua natureza está pondo em causa a centralidade do conflito de trabalho como frente de luta". [11]

Mas já agora, sempre gostaríamos de saber em que é que o defensor destas teses se fundamenta para concluir que o papel do movimento sindical se reduz ao que diz, dado que a mudança de campo não lhe dá o direito à falsificação e deturpação da história.

Não é do conhecimento geral o papel determinante desempenhado pelo movimento sindical na defesa da liberdade e das conquistas democráticas e que a sua luta é do interesse de todas as forças democráticas e progressistas?

A tese da "centralidade" foi copiada *ipsis verbis* de um outro "renovador", [12] mas mais do que discutir a sua paternidade o que importa reter é que sob esta forma abstracta para fugir a esclarecer a questão central e fundamental, que é a de se saber se a evolução tecnológica elimina a exploração do trabalho assalariado, o que se pretende afirmar é que a luta entre o trabalho e o capital é coisa do passado, apesar da vida diária demonstrar que essa luta (e as suas causas) está bem viva na sociedade contemporânea.

5

Capitalismo significa, de forma sintética exploração do trabalho assalariado. Em torno dos níveis salariais trava-se uma luta constante, entre os trabalhadores e o patronato. Qualquer colegial aprendeu que os lucros dos capitalistas funcionam em geral na razão inversa dos salários e que por isso mesmo aqueles tudo fazem para os rebaixar, coisa que só a luta constante dos trabalhadores pode contrariar.

É sabido que os níveis salariais, não sendo únicos, são no entanto essenciais para a determinação do nível de vida dos trabalhadores, mas eis que se não quando, os "renovadores" descobrem que para o sindicalismo moderno "a luta pelos aumentos dos salários passa a ser secundária na actividade sindical". [13]

Um verdadeiro hino à conciliação trabalho-capital. Como tudo seria mais fácil (pensarão os capitalistas) com um movimento sindical domesticado por estes ideólogos. Evitar-se-ia essa coisa horrível da luta de classes (não as classes), os trabalhadores deixar-se-iam explorar calma e pacificamente e o governo não ficaria com o odioso de decretar tectos salariais.

6

No "novo imaginário" dos sindicalistas ditos modernos encontramos ainda outras pérolas dignas de nota.

Na actualidade, a busca do lucro máximo, tomando o nome de modernização do aparelho produtivo e competitividade das economias, lança no desemprego, massas crescentes as quais o patronato, os seus governos e os "renovadores-fundadores" tentam convencer que é necessário que assim aconteça para bem da eficiência, da criação de mais riqueza e do livre mercado.

Entretanto milhares e milhares de trabalhadores da têxtil, da indústria naval, da Renault, dos transportes, etc., ameaçados de serem lançados no desemprego, lutam desesperadamente pela defesa dos postos de trabalho. É uma luta de quem só tem como propriedade a sua força de trabalho e cujos destinos se ligam a ter ou não trabalho.

Mas os "renovadores", esquecendo-se que a sorte dos trabalhadores despedidos e dos patrões não é a mesma, pondo-se acima das consequências sociais das reestruturações industriais, defendem abertamente o encerramento das empresas que consideram inviáveis, anatematizam os sindicatos por serem incapazes de ver que, no caso português, com a sua luta "mais não fazem que tentar conservar um sistema produtivo caduco". [15]

Apesar da sua extensão, a citação que se segue torna-se necessária por ser bastante elucidativa quanto à indigência teórica e prática dos "renovadores".

"Os sindicatos só são agentes impulsionadores do processo económico e social na medida em que entendem a economia, não como um valor em si mesmo, mas como instrumento necessário para a promoção da solidariedade e da igualdade". [16]

Há, todavia, um pequeno pormenor que o defensor da ideia da "casa comum" (a empresa é também "um lugar de realização do homem" e de "produção de riqueza") não explica como é que se promove a igualdade, ao esquecer-

-se que são os proprietários dos meios de produção (os patrões) que determinam como e para quem se produz, se apropriam da riqueza produzida e que na lógica da busca do lucro máximo, entra a exploração, mas não entra a lógica da igualdade e da solidariedade.

E no entanto é partindo do princípio que nesta hora difícil de crise, trabalhadores e patrões estão todos no mesmo barco, que por essa Europa fora governos e direcções sindicais vendidas aos interesses do capital apelam a que os trabalhadores aceitem sacrificar salários, regalias sociais e maior precarização do emprego, em nome da competitividade.

7

Por tudo isto pensamos que a referência à luta, apontada como umas das características essenciais do sindicalismo moderno só tem sentido se interpretada como forma de cobrir as teses de enfeudamento aberto do sindicalismo ao capital. Aliás, a concepção que têm da luta assemelha-se mais a uma espécie de tiro de pólvora seca. Desaparece, na teoria dos "renovadores-refundadores", qualquer ideia da intervenção das massas, como princípio básico do sindicalismo. Este tem como função "protagonizar a representação dos trabalhadores nos inevitáveis conflitos de interesse", mas esse protagonismo exerce-se pela "negociação de tudo quanto respeita aos trabalhadores transportando para o plano institucional a força dos que representa". [17]

Luta, para os "renovadores", quer dizer negociação e negociação quer dizer concertação social (nacional e europeia), democracia sindical quer dizer poder sindical exercido por um punhado de iluminados, de preferência à escala europeia, sem a tutela das massas e dos aparelhos sindicais que consideram abomináveis.

8

O movimento sindical e os trabalhadores estão confrontados com graves problemas socioeconómicos. O capital, num quadro de correlação de forças alterado a seu favor, procura aprofundar e consolidar as suas posições, desferindo novos golpes nas conquistas sociais dos trabalhadores.

Multiplicam-se as acções para desarticular o movimento sindical como força mobilizadora e organizadora da resistência e luta dos trabalhadores.

Mas é igualmente verdade que o movimento sindical de classe criou sólidas raízes nas massas e que continua a ser a força e a esperança de quantos se dispõem a resistir à ofensiva do capital e a lutar por uma vida de verdadeiro progresso social.

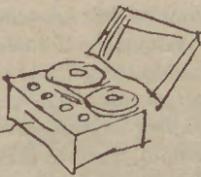
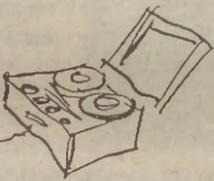
O extraordinário desenvolvimento da luta social, travada em condições muito difíceis, expressão de vitalidade do movimento sindical de classe, é uma resposta concludente àqueles que, perante as dificuldades, pregam a conciliação e a capitulação.

Quando por aqui e por ali se multiplicam as estafadas teorias da partilha equitativa das dificuldades, entre o trabalho e o capital surgidas sempre em períodos de crise, mas que, como a experiência demonstra, tem servido invariavelmente para amortecer a resistência dos trabalhadores e levar mais fundo as medidas gravosas contra os seus interesses, o que se impõe é desenvolver um mais forte movimento reivindicativo, alicerçado nas justas aspirações das massas e na sua activa intervenção.

São muitos os activistas sindicais e os trabalhadores que não se vergam às dificuldades, que não aceitam como definitivo e irreversível o quadro criado. O movimento sindical de classe é o único projecto capaz de unir os trabalhadores e de os mobilizar para a luta. Atento ao fluir da vida, respondendo criativamente aos novos problemas e aos novos desafios, o movimento sindical ultrapassará as suas dificuldades e reganhará novo vigor. A condição é que sejam defendidas as suas características essenciais, razão da sua força e do seu prestígio. É igualmente condição que se dê combate e se derrote no plano das ideias e da acção prática, o capitulacionismo e o enfeudamento do movimento sindical à gestão do capitalismo.

NOTAS

[1] José Luís Judas, discurso no jantar de homenagem, em 29/4/93; [2] idem; [3] A. Teodoro, Jornal Público, 3/3/93; [4] J.L.J., discurso no jantar de homenagem; [5] A. Teodoro, discurso no jantar de homenagem; [6] idem. A tese da "defesa corporativa das elites de assalariados e das elites sindicais" foi igualmente defendida por B. Moura in JN de 14/3/93. [7] J.L.J., discurso no jantar de homenagem; [8] J.L.J., DN 2/12/92; [9] idem; [10] B. Moura, Jornal Público 29/3/93; [11] idem; [12] Veja-se BM, Jornal Notícias 14/3/93; [13] J.L.J., in DN 21/12/92; [14] J.L.J., entrevista à revista Fortuna; [15] J.L.J., Jornal Público, 24/2/92; [16] J.L.J., discurso no jantar de homenagem; [17] A. Teodoro, discurso no jantar de homenagem.



tudo depois de Maastricht, e com mais nitidez na Cimeira de Copenhaga, competitividade e reestruturação industrial passou a ser sinónimo de liquidação de importantes conquistas sociais.

4

Mas que entendem por áreas "tradicionais de intervenção" de que falam com tanto desprezo e cujo abandono consideram essencial para o advento de um movimento sindical moderno?

As suas próprias palavras são suficientemente esclarecedoras para se perceber que o "novo imaginário" no fundo não passa do "velho imaginário" de submissão do trabalho ao capital, apresentado como se de coisa moderna se tratasse.

Segundo a cartilha dos "renovadores-refundadores" ficamos todos a saber que para superar a crise do movimento sindical é essencial que este compreenda que o seu papel "não poderá continuar a reduzir-se à defesa dos trabalhadores como tais". [10]

O Alentejo tem futuro

Que futuro para o Alentejo?

Nos últimos tempos, mais uma vez, tenho calcorreado o Alentejo. E mais uma vez se me colocou a questão — que futuro para esta imensa e bela região, com quase um terço do território nacional e para as suas gentes?

Sobre a questão aqui ficam seis notas, em vésperas da aprovação do novo Plano de Desenvolvimento Regional/Quadro Comunitário de Apoio 1994-1999, em vésperas da entrada em vigor da nova reforma da PAC/Política Agrícola Comum, quadro no horizonte se perfilam, com toda a importância, as eleições autárquicas de Dezembro próximo.

Primeira nota

No Alentejo, não nos conseguiram nem conseguiram tirar a esperança, a dignidade, a nossa identidade cultural, a vontade de trabalhar e de lutar.

Procuramos ter a percepção clara das realidades, das realizações e contrariedades do tempo presente; das nossas possibilidades e limitações, para podermos continuar em frente, como indivíduos e sociedade, solidários e humanos, procurando sempre a harmonia possível do homem com os espaços rurais e urbanos.

Segunda nota

Apesar das adversidades, por vezes bastantes duras, impostas por um poder político cada dia mais enfeudado aos interesses de classe da grande capital nacional e internacional, desligado das realidades e insensível, **conquistámos e construímos um Poder Local Democrático, de maioria CDU no Alentejo**, que, contrastando com a incapacidade do poder central, está a realizar uma notável obra.

Beja, Évora, constituem exemplos nacionais de eficácia de gestão autárquica democrática e Évora alcançou a classificação de Património da Humanidade.

Conseguimos, com a luta persistente de mais de 20 anos, arrancar a decisão política sobre a construção do empreendimento de Alqueva e o Plano de Réga do Alentejo, que poderão ser, bem conduzidos, traves mestras do Alentejo do século XXI.

Temos hoje na região a Universidade de Évora e os Institutos Politécnicos de Beja e Portalegre.

Os trabalhadores, em condições bem difíceis, persistem em organizar os seus sindicatos e criaram recentemente o Secretariado Sindical Inter-Regional do Alentejo.

Os empresários e agricultores criam as suas organizações de classe e surgem núcleos empresariais e associações de agricultores.

Os jovens avançam com estruturas e pólos de intervenção económica, social, cultural e estudantil.

Apesar dos esforços, em contrário, do Poder Central, o Alentejo respira, vive, trabalha e luta por dias melhores.

Terceira nota

Os estragos da política governamental são muito graves, estando a conduzir a uma perigosa fragilidade do tecido social, laboral e empresarial e a situações de ruptura em diversas áreas.

Direitos e liberdades fundamentais estão a ser negados aos alentejanos:

- **Expulsam-nos da nossa terra.** Mais de 30% da população foi obrigada a partir. A manter-se esta política o êxodo continuará até ao ano 2000.

- **A desertificação e o envelhecimento humano estão a atingir um ponto perigoso.**

- A densidade populacional é de 20 habitantes por Km², havendo concelhos como o de Mértola onde a densidade populacional já não chega aos 8 habitantes/Km². Aldeias inteiras e imensas áreas estão despovoadas e praticamente abandonadas.

- **Aos que ficam é negado o direito ao trabalho.** Vinte pessoas em cada cem activos estão desempregadas. A taxa de desemprego aproxima-se dos 20%, três vezes mais que a nível nacional.

- O desemprego cresceu 28% no último ano.

Milhares de trabalhadores em cerca de 100 empresas e locais de trabalho de todo o Alentejo estão a ser vítimas da política governamental:

- 29 empresas encerram ou paralisaram, com despedimentos e rescisões;

- 25 empresas têm salários em atraso;

- mais de 30 pequenos empresários familiares foram à falência;

- a instabilidade cresce em importantes empresas como a «Batista Russo», Cidade e Irmãos, a Fino's e a Robinson, a Martins e Rebelo e a Ziva;

- Crescem os ataques aos direitos sindicais em empresas como a Melka, Siemens, Telepac;

- Até a «Pirites Alentejanas», em Aljustrel, foi encerrada ao abrigo do *lay-off*, pondo em perigo o ganho-pão de mais de 400 trabalhadores e a existência da própria vila de Aljustrel;

- Também os trabalhadores da Base Aérea n.º 11 de Beja estão a ser despedidos, com a saída da Força Aérea Alemã;

- E a ODEFRUTA, no Brejão, em Odemira, onde até o Primeiro-Ministro se deslocou, apontando-a como um exemplo a seguir, numa atitude de humilhação para com os agricultores portugueses, está às portas da falência o que significará a perda de 900 postos de trabalho e que, afinal, o «tolo» é o Primeiro-Ministro e não os agricultores. Duzentos trabalhadores já receberam carta de suspensão. Os salários estão atrasados dois meses.

Isto é o espelho de uma política, sem dimensão nacional, sem justiça social, nem solidariedade — Baixo Alentejo em desertificação, com cerca de 20% de desempregados, onde praticamente não há empresas, três das maiores — Pirites Alentejanas, Odefruta, Base Aérea n.º 11 de Beja, põem em perigo o posto de trabalho, o salário, de cerca de 1500 trabalhadores, que não têm qualquer outra fonte de rendimento.



Na região, a grande maioria dos idosos vive abaixo do limiar de pobreza e são vítimas de exclusão social; sobrevivem com pensões inferiores a 15 700\$00 e reformas de 17 600\$00 e 25 000\$00.

A situação agrava-se face a um Serviço de Saúde que se degrada de dia para dia, e a insuficientes equipamentos de apoio — lares, centros de dia e apoio domiciliário.

Limitam-nos o direito à saúde:

- Nos hospitais do Alentejo há 2 dermatologistas para 400 mil habitantes;

- É deficiente ainda a cobertura de cuidados primários de saúde no Distrito de Portalegre, como nos outros distritos;

- No Hospital Distrital de Beja faltam especialistas no serviço de urgência;

- Em Mértola há, quando há, 4 médicos para 10 mil habitantes e... cerca de 4000 habitantes não têm médico de família;

- Em Odemira, a 130 Km de Beja, por ausência de uma maternidade, as mulheres dão à luz em ambulâncias a caminho de Beja, assistidas pelo motorista;

- Em Ferreira do Alentejo, já em meados deste mês, morreu mais um homem, porque o Centro de Saúde não tinha médico;

- E no Serviço de Hemodiálise do Hospital Distrital de Évora morreram 19 pessoas.

Impedem-nos de aproveitar os recursos do Alentejo e face à ausência de uma política de desenvolvimento integrada, os valores acrescentados são levados para fora da região:

- O Alentejo produz 90% da cortiça nacional, de que somos o primeiro produtor mundial. Mas a quase totalidade é transformada fora da região e a 400 Km da zona de produção;

- Mais de 60% dos mármorees portugueses são produzidos no Alentejo, mas são vendidos em bruto e transformados noutras zonas ou até no estrangeiro. A própria extracção de mármorees enfrenta problemas estruturais que podem ameaçar a sua existência.

- Temos no Alentejo dos mais importantes centros mineiros da Europa em concentrados piritosos. Face à incapacidade do Governo para construir as metalurgias do cobre e do estanho, são transformadas no exterior. A própria extracção está ameaçada, com o encerramento de uma das empresas, a Pirites Alentejanas, como já referimos.

- Não se tomam, ou não se tomaram a tempo devido, medidas para potenciar o aproveitamento de infra-estru-

■ **António Murteira**

Membro do CC do PCP

Deputado por Beja

turas tão importantes como o Porto de Sines ou a Base Aérea n.º 11 de Beja;

- Boa parte dos recursos hídricos continuam por aproveitar;

- Cresce o abandono e subaproveitamento da terra, multiplicam-se as coutadas e as manchas de eucalipto;

- A importante floresta mediterrânica de sobre e azinho definha;

Os sectores produtivos — agricultura, indústria, comércio, estão pelas ruas da amargura. Evidenciam, mais do que todas as palavras, discursos, demagogia e afirmações de sucesso, manipulação informativa e propaganda oficial paga com o nosso dinheiro, que os resultados desta política e deste Governo, podem ser bons para os ricos, para a clientela do PSD e de Cavaco, para os corruptos, mas são maus para os trabalhadores, para o povo.

Quarta nota

No âmbito dos contactos regulares que os Deputados alentejanos do PCP mantêm com o eleitorado e as populações temo-nos avistado e/ou recebido documentos das mais representativas organizações e entidades do Alentejo.

Todas afirmam uma discordância frontal e um descontentamento crescente com a política do Governo, o que nos leva a tecer apenas um comentário:

- A Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de Évora criada pelo Arcebispo de Évora, afirma em carta e documento enviado à Assembleia da República.

«(...) tudo indica que persistem factores de pobreza e atraso de verdadeira decadência

que cada vez mais acentuadamente fazem sentir os seus efeitos».

E acrescenta:

«O verdadeiro desenvolvimento não pode consistir na simples acumulação de riqueza e na maior disponibilidade de bens e serviços se isso for obtido à custa do subdesenvolvimento das multidões e sem a devida consideração pelas dimensões sociais, culturais e espirituais do ser humano».

- O Bispo de Beja considera que o problema do Alentejo «maior que a seca, é de estruturas fundiárias, empresariais e de exploração da terra e das águas», e acrescenta que «falta no Alentejo uma política agrícola».

- Associações Empresariais do Baixo Alentejo (Núcleo Empresarial da Região de Beja; Associação de Agricultores do Baixo Alentejo; Associação de Criadores de Ovinos do Sul; Associação dos Jovens Agricultores de Beja e Associação Comercial do Distrito de Beja), embora apoiando firmemente o empreendimento de Alqueva, consideram «que Alqueva não seja pretexto para adiar ou abandonar o accionamento de mecanismos capazes de, no imediato, travar a crise económica e social de que a região é vítima e promover o arranque para um processo geral de desenvolvimento».

- O Núcleo de Cooperativas de Comercialização e Transformação do Alentejo, em documento enviado à Comissão Parlamentar de Agricultura da Assembleia da República, reclama «uma operação integrada de desenvolvimento para o Alentejo onde os objectivos deverão ter em conta a especificidade do sector agrícola e cooperativo, apoiando as organizações associativas» e reivindicam a «definição de uma política agrícola regional».

- A Associação Técnica dos Olivicultores de Moura enviou ao Ministério da Agricultura uma carta «pedindo uma intervenção urgente nesta região» dado que «a situação económica da agricultura é verdadeiramente catastrófica».

- A Cooperativa Agrícola de Moura e Barrancos «faz um apelo muito sério ao Governo para que tome medidas imediatas para salvar a agricultura da nossa região e com elas outras actividades associadas».

- O Secretariado Sindical Inter-Regional do Alentejo constata «um bloqueamento ao desenvolvimento da agricultura e recursos mineiros, um acentuado aumento do desemprego, dos despedimentos, dos salários em atra-

Para que se saiba o que o «Expresso» não quer que se saiba

so, da paralisação e encerramento de empresas, resultado do cerceamento político e económico do PSD, levando à estagnação e contribuindo para a desertificação social do Alentejo».

• As Associações de Municípios e as Câmaras têm tomado inequívocas posições alertando para a situação. Elaboraram Planos Integrados de Desenvolvimento para os distritos de Beja e Évora e reclamam a elaboração de um Plano Integrado de Desenvolvimento para o Alentejo, com a participação das organizações e entidades representativas da Região, assim como a concretização da Regionalização.

Creio, Senhores Deputados, creio que poucos comentários são necessários, pois só não entende a situação quem não lhe interessa entendê-la.

Apenas um comentário: o fundamental do Alentejo uniu-se na luta contra a ditadura, a opressão e exploração dos latifundiários e dos grandes grupos monopolistas que, antes do 25 de Abril, dominavam o país e impunham a ditadura. Uniu-se na luta pela reforma agrária, pelo poder local, por Alqueva, pelo progresso. O fundamental do Alentejo começa a estar hoje de novo unido na contestação à política do Governo e do PSD e na vontade de trabalhar e lutar por uma política democrática alternativa que permita o progresso da região e restitua os direitos fundamentais aos trabalhadores, às populações.

Quinta nota

Acreditamos no futuro do Alentejo, no futuro de Portugal.

O PCP já apresentou à CCRA-Comissão de Coordenação da Região do Alentejo as suas propostas para o desenvolvimento do Alentejo:

— Elabore-se um Programa Integrado de Desenvolvimento para o Alentejo, que defina uma nova base económica regional assente numa economia mista; base regional que dê relevo à agricultura, indústria e turismo.

— No âmbito do novo Plano de Desenvolvimento Regional e do Fundo de Coesão, definam-se e avance-se rapidamente com os grandes projectos estruturantes:

• Alqueva; Plano de Rega do Alentejo; Posto Comercial de Sines; Metalurgias do cobre e do estanho; Reabertura da «Pirites Alentejanas»; Base Aérea n.º 11 de Beja.

• Aeródromo de Sines/Santiago do Cacém, de Portalegre, de Beja e Amareleja; Infra-estruturas para aproveitamento dos recursos hídricos e saneamento básico; Infra-estruturas ferroviárias e rodoviárias; Projectos de recuperação do meio ambiente e do património.

— Criem-se sistemas de incentivos de incidência regional de apoio ao desenvolvimento regional;

— Baixem-se as taxas de juro para a agricultura, indústria e comércio e o preço dos factores de produção para a agricultura;

— Disponibilizem-se mais verbas para as autarquias;

— Concretize-se a regionalização!

E, é particularmente importante, nos próximos meses, a elaboração do Plano de Desenvolvimento Regional/QCA 1994/1999, no qual a redução das assimetrias regionais seja assumida no concreto, e a partir do país que somos, com os respectivos objectivos, projectos e fundos.

E então, o Alentejo avançará rumo a um futuro de progresso.

Sexta nota

Para que o país possa tomar conhecimento do que se está a passar, reafirmamos o convite feito na Assembleia da República aos deputados eleitos pelos círculos eleitorais do Alentejo e aos membros do Governo que para isso se queiram disponibilizar para um debate público sobre a situação no Alentejo e as propostas e perspectivas futuras.

Nota final

No Alentejo, e foi isso que vos tentei transmitir, há gente que sofre e, ao mesmo tempo, existem recursos e potencialidades e uma esperança adiada persiste em manter-se viva, nos que permanecem e nos que foram obrigados a partir, como que antecipando a certeza, de que tudo é ainda possível, de que seremos capazes, se continuarmos a ousar. E ousaremos!

Nas actuais condições, o Partido Comunista Português pode e deve afirmar-se como o Partido que propõe e luta coerentemente por um projecto de sociedade democrática e participada, alternativo ao projecto centralizador, permissivo e neocapitalista do PSD!

O PCP pode e deve afirmar-se como o Partido séria e firmemente empenhado na criação de condições de convergência democrática para a construção de uma alternativa credível ao actual Governo.

Um célebre poema de Brecht adverte para as consequências das cumplicidades, por omissão e não só, quando se perseguem — e prendem, e torturam, e matam — os comunistas. Porque, logo depois, vêm as indiferenças quando os perseguidos passam a ser os sindicalistas, e, depois ainda, há quem se mantenha distraído quando a repressão bate à porta dos vizinhos.

Timor fica longe. A Indonésia bastante mais. Quando Sukarno dizimou comunistas, encolheram-se muitos ombros. Na boa tradição das ditaduras indonésias, o embaixador da Indonésia na Comunidade, num debate em que respondia a um eurodeputado comunista, entre outros, sobre questões relacionadas com Timor-Leste, não encontrou melhor argumento para confirmar o respeito que a Indonésia tem pelos direitos humanos que elogiar Xanana como um «lutador pela liberdade», que fora preso e condenado por erros e acções ilegais, acrescentando que «se Xanana fosse comunista teria sido abatido».

São assim os direitos humanos segundo a Indonésia. O grave é que esta concepção merece novos e actualizados encolheres de ombros. Mais que indiferentes, quase compreensivos. E será demasiado forte dizer que essa atitude se torna, objectivamente, cumplicidade passiva quando não se lhe dá notícia e, pior ainda, se cala quem o quer gritar, quem quer tornar pública essa concepção e prática?

O «Expresso» quis fazer informação a partir da visita de Ali Alatas a Estrasburgo na sessão plenária de Junho do Parlamento Europeu. Telefonou a deputados, pediu (e recebeu) documentação, fez a notícia. Por nos ter parecido que esta não traduzia o que se passara, e até o adulterava, não aproveitando devidamente o que lhe fora dito e enviado, escrevemos uma carta e pedimos a sua publicação.

A carta foi publicada. Com alterações de pormenor e com cortes de pormenor. Tem, ao que pensamos, o maior significado político o que o «Expresso» alterou e entendeu ter o direito de cortar numa carta que lhe fora enviada com pedido de publicação.

Aqui fica, para arquivo, a carta na íntegra, devidamente sublinhado o que expressamente não se quis tornar público.

«A vossa notícia “Ali Alatas promete maior autonomia a Timor”, publicada na página 3 da vossa edição de 26 de Junho, estão tão recheada de confusões e imprecisões que me sinto obrigado a escrever-vos esta e a pedir-vos publicação.

«É certo que Ali Alatas esteve no Parlamento Europeu, mas não garantiu o que quer que fosse aos eurodeputados do Inter Grupo Timor-Leste... por que não se encontrou com o Inter Grupo.

«O ministro indonésio teve, sim, um encontro com deputados, no prolongamento da reunião interparlamentar PE/AIPO (parlamentos dos países ASEAN), encontro promovido pela “Associação de Amizade PE/Indonésia” (!) com a finalidade de tratar de Timor-Leste como questão bilateral, e para “que foram convidados, expressa e explicitamente” os deputados portugueses.

«O Inter Grupo (com deputados de várias nacionalidades) convidou Ali Alatas para um encontro, mas este recusou, dizendo que os deputados do Inter Grupo poderiam ir, se quisessem aquele outro encontro em que estaria presente.

«Como resposta à ardilosa manobra da diplomacia e do “lobby” indonésios, ainda sugerir, sem resultado, que fossem deputados não portugueses do Inter Grupo a pôr questões a Ali Alatas no



encontro, nessa qualidade e anulando o carácter bilateral com que fora promovido e que recuso liminarmente.

«Não é aceitável a interpretação de que uns deputados portugueses teriam “ousado enfrentar Alatas” e outros não, quando — por mim falo, e julgo poder falar por todos — todos teríamos “ousadia” para o confrontar, e até desejo de o fazer, mas não no quadro e nas condições em que se realizou o encontro, reduzindo Timor-Leste a uma questão entre Portugal e a Indonésia (com holandeses a apadrinharem um “esclarecimento” de Alatas a deputados portugueses) e no domínio redutor dos direitos humanos.

«Se há que apurar “saldos” para o que se passou, lamento encontrar os negativos do nosso lado, isto é, do lado de quem está com o povo de Timor-Leste, pois a diplomacia indonésia e o seu “lobby” no PE atingiram em pleno os seus objectivos, independentemente das palavras que possam ter sido trocadas entre Alatas e deputados portugueses.

«Terão estas precisões alguma importância para o que nos deveria motivar a todos, e que é a solidariedade com o povo timorense? Penso que sim, por isso as faço e por aqui me fico.

«No entanto, ainda deixaria uma observação adicional. Parece-me significativo que a comunicação social tenha, com displicência, ignorado a posição do embaixador da Indonésia quando, em reunião preparatória do encontro PE/AIPO da semana passada e em resposta a este eurodeputado comunista, afirmou que “se Xanana fosse comunista teria sido abatido e não preso e julgado”, ilustrando a concepção de direitos humanos que prevalece em Djakarta. Que também esta carta sirva para tornar público o que a comunicação social entendeu desinteressante, de uma certa maneira se aliando a cumplicidades — activas, passivas, por omissão — com a Indonésia e as suas concepções e práticas.»

A Somália, cenário de uma guerra neocolonial

■ Miguel Urbano Rodrigues

O bombardeamento de Mogadíscio por helicópteros americanos e o bombardeamento de Bagdad por mísseis disparados da esquadra americana estacionada no Golfo foram duas acções bélicas que funcionaram como catalisadores do desmascaramento da nova estratégia imperial dos EUA.

Ambas apareceram ligadas ao esforço para melhorar internamente a desluzida imagem de um presidente cujo prestígio, após alguns meses de governo, desceu abaixo dos 46%. O cinismo do pretexto invocado para o ataque ao Iraque (um suposto atentado contra Bush que não se concretizou) não tapou o óbvio: os EUA estão dispostos a actuar isoladamente, como polícia do mundo, sempre, quando e onde isso corresponda aos interesses e objectivos das forças que em Washington controlam o Poder. A instrumentalização da ONU desempenha um papel fundamental nessa estratégia.

A primeira ilação a tirar das acções militares americanas de Junho é a de que a humanidade se acha agora mais exposta a ter de suportar os chamados «raides cirúrgicos» contra alvos do Terceiro Mundo escolhidos em função de objectivos imediatistas da política da Casa Branca.

Desagregada a URSS e autodestruido o socialismo naquele que foi o seu baluarte, os EUA passaram a localizar o «império do mal» nas áreas mais atrasadas do planeta. O inimigo a abater pode surgir em qualquer continente. Ontem era (e continua a ser) Saddam Hussein; hoje é o somali Mohamad Farah Aidid, uma criatura de cuja existência a humanidade mal tinha conhecimento até final do ano passado; amanhã será outro...

Neste caso da Somália tudo começou com a propaganda massacrante de uma Operação intitulada «Restaurar a Esperança». De repente, um *show* mediático sem precedentes no género foi montado para dar cobertura ao desembarque de um corpo expedicionário de 28 000 soldados e oficiais americanos, vanguarda de uma iniciativa patrocinada pela ONU com fins humanitários.

O mundo teve dificuldade em compreender. Para quê tanta tropa, tanto navio de guerra, tanto avião, tanto tanque, tanto canhão, tanto dinheiro esbanjado, se não havia inimigos à espera, se o objectivo prioritário oficial consistia em alimentar populações famintas e reconciliar tribos desavindas?

Pouca gente se deu então conta de que a Somália, na extremidade do Corno de África, domina o acesso às áreas petrolíferas mais ricas do mundo e é ela também uma zona potencialmente rica em hidrocarbonetos.

Americana pela concepção e objectivos estratégicos, a Operação foi, contudo, publicitada como iniciativa das Nações Unidas, desejada, dizia-se, pelo conjunto da humanidade civilizada.

Na realidade, a ONU (nomeadamente o Conselho de Segurança) cumpriu na Somália o papel instrumental que os EUA dela pretendiam.

Foi necessário o envolvimento dos capacetes azuis do Paquistão num sangrento massacre de civis e, depois, o bombardeamento de bairros de Mogadíscio pelos EUA para que centenas de milhões de pessoas abrissem os olhos. Como sublinha o director de «Le Monde Diplomatique», a «Operação humanitária tomou um rumo sangrento e assume agora, como tudo fazia prever, um cariz ostensivamente neocolonial, sob os auspícios das Nações Unidas. As forças da ONU estão, com efeito, comprometidas ali, em nome de uma concepção do direito, que nada tem a ver com os ideais da sua Carta, numa operação clássica de pacificação». (1)

Os bastidores da escalada

A hipocrisia da Operação «Restaurar a Esperança» principiou na escolha do seu nome. Em Washington, nem os generais do Pentágono nem os altos funcionários do Departamento de Estado estavam minimamente interessados pelo destino do povo somali. O país foi seleccionado por motivos alheios à pobreza da população, às guerras clánicas, à fome.

Para a propaganda da Casa Branca e para as Forças Armadas dos EUA é incómodo reconhecer que o desembarque não envolvia riscos militares. A fase inicial da

Operação foi puro espectáculo. Os americanos evitaram cautelosamente situações que poderiam levar a confrontos. Não tinham pressa em recolher armas. O perigo real principiou quando Washington retirou o grosso das tropas americanas, proclamando que as questões fundamentais haviam sido resolvidas (ficaram apenas 4000 soldados).

Somente então os EUA endureceram as suas posições e do Pentágono chegaram directivas para que os capacetes azuis da ONU desarmassem as milícias dos chamados «senhores da guerra».

Oficialmente, o comando supremo foi transferido para Cevik Bir, um dócil general turco. Mas a mudança foi de fachada, porque o comando operacional permaneceu nas mãos de um americano, o general Montgomery, oficial truculento que entrou imediatamente em atrito com militares de outras nacionalidades que colocaram reservas a operações que implicavam a entrada dos capacetes azuis em áreas de Mogadíscio onde se aquartelavam os bandos do clã dos habrghidir, de Aidid.

Significativamente, o adjunto de Montgomery é um oficial paquistanês e não menos significativamente o general americano criticou desde o início os italianos por discordarem do seu plano de desarmamento.

O primeiro choque entre as forças paquistanesas funcionou como estopim da escalada repressiva. Os factos são conhecidos. A tropa paquistanesa, habituada no seu país a disparar contra o povo, teve um papel importante nos acontecimentos que agravaram a situação. Após a morte de soldados seus, o comando paquistanês, apoiado por Montgomery, optou pela vindicta. A Força Aérea dos

Em Maio, quando os capacetes azuis, sob comando turco, deram início à tarefa de recolha de armas que os americanos haviam evitado, Aidid passou ao contra-ataque. Negou-se a entregar as armas.

O massacre de civis por paquistaneses e americanos contribuiu para que aos olhos de parte ponderável da população esse aventureiro apareça hoje como um herói que desafia simultaneamente os EUA e a ONU.

A instrumentalização da ONU

No início de Julho, um novo e trágico acontecimento veio confirmar o óbvio. Três italianos foram mortos e vinte feridos durante um choque em Mogadíscio, ocorrido quando capacetes azuis peninsulares procediam a uma acção de recolha de armas num bairro da capital dominado pelos habrghidir. A falsa operação humanitária adquiria os contornos definitivos de uma guerra real e absurda.

Encontrava-me nesses dias em Florença e tive a oportunidade de acompanhar quase hora a hora as reacções do povo italiano.

O choque emocional foi enorme, mas a nação dividiu-se na resposta à questão de fundo: deveriam as tropas italianas (3600 homens) ficar na Somália ou regressar?

O Governo e o Exército quase exigiram que ao general Loi, chefe dos capacetes azuis italianos, fossem atribuídas responsabilidades directas no comando da Operação. Os EUA não receberam bem o apelo. O general Montgomery desaprova a brandura e os métodos dialógicos dos italianos e chegou a perguntar a Loi: «Afinal, de que lado estão vocês?»

O episódio italiano dissipou as últimas ilusões. Foi clarificador. Durante meses, a imprensa italiana, com

poucas excepções, defendera a tese de que os italianos conhecem o país, são diferentes e estimados pelo povo da Somália (antiga colónia) que os recebe de braços abertos. Os factos não tardaram a provar que os italianos passaram a ser olhados como invasores iguais aos outros, quando se dispuseram a cumprir tarefas próprias de um exército de ocupação.

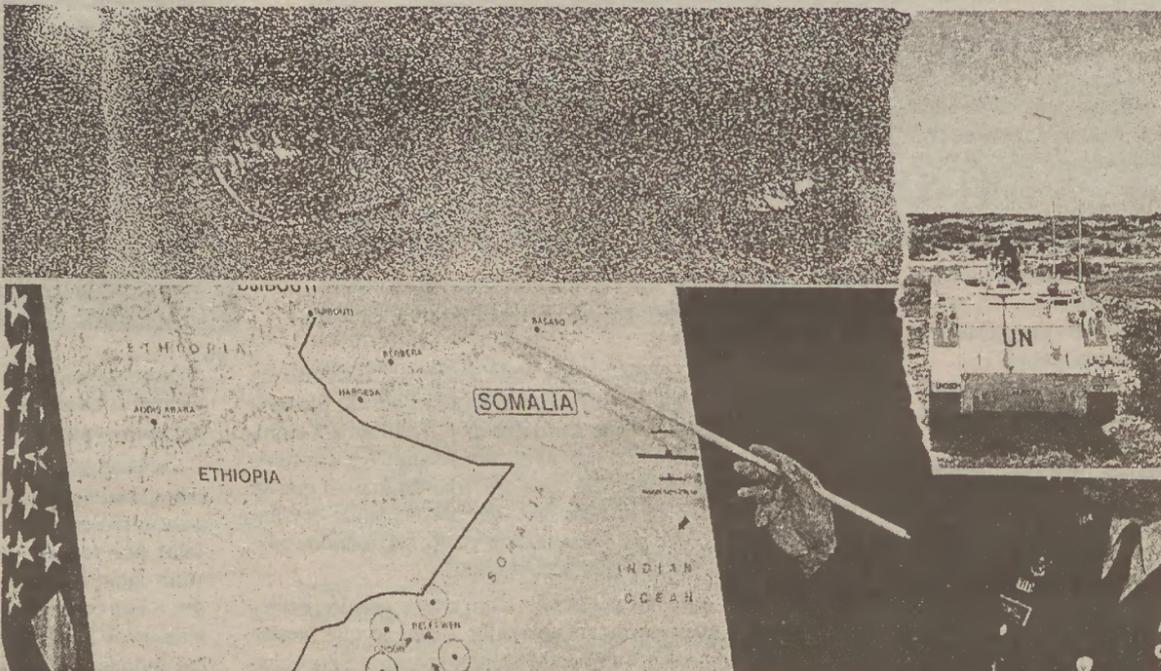
Foi com emoção e surpresa que o povo italiano soube que as mulheres da zona Sul de Mogadíscio desempenharam um papel importante na preparação e no desenvolvimento da emboscada em que os soldados da Italfor foram apanhados. Percebeu-se que não é o general, Aidid o responsável pelos choques entre os capacetes azuis e os habitantes da capital. O que mobiliza o povo somali para a luta desigual é o repúdio da intervenção estrangeira.

Entrevistado em Roma, onde reside actualmente, o ex-presidente da Argélia, Ahmed Ben Bella qualificou a Operação «Restaurar a Esperança» como iniciativa neocolonial. «É verdade — comentou — que na Somália há fome, mas os somalis, tal como nós, árabes, sofrem de uma fome mais grave: a fome da dignidade, o respeito pela dignidade conta mais para eles do que a farinha de Bush.»

Os grandes jornais europeus e americanos, que dedicaram páginas inteiras à morte dos três italianos, deram atenção mínima à chacina de civis somalis. Essa atitude, por si só, é esclarecedora de uma mundividência. A verdade impõe-se: a Somália é no momento cenário de uma intervenção militar de tipo colonialista, concebida e iniciada pelos EUA e prosseguida e avalizada pelas Nações Unidas.

Lamentavelmente, a instrumentalização da ONU pelos EUA tornou-se peça importante da nova desordem internacional. No ano corrente, 54 000 capacetes azuis de 57 países estão envolvidos em tarefas apresentadas como ligadas à defesa da paz no cumprimento de Resoluções do Conselho de Segurança. Os rótulos das operações escondem com frequência objectivos nada claros. Muitas dessas missões são incompatíveis com o espírito e a letra da Carta das Nações Unidas. Resultaram de pressões e imposições dos EUA.

(1) «Autorité Perdue», de Ignacio Ramonet, in «Le Monde Diplomatique», Paris, Julho.



EUA ampliou o fosso entre a população e a ONU ao bombardear indiscriminadamente zonas da capital controlada pela gente de Aidid. As bombas US varreram o que em Mogadíscio restava de esperança.

Quem é Aidid?

Os EUA pretendem agora capturar Mohamad Aidid e julgá-lo como criminoso de guerra. Não se trata de uma personagem cujo passado inspire respeito. Mas as diatribes contra o chefe dos habrghidir são farisaicas. Mohamad Farah Aidid foi até há pouco um aliado dos EUA, quase um homem de confiança. Em Dezembro apoiou o desembarque dos «marines» e Washington sustentou-o nas negociações de Addis Abeba que visavam a reconciliação das tribos e clãs em luta.

Hoje, de Bonn a Paris admite-se que a diplomacia norte-americana tinha um conhecimento insuficiente da realidade social somali e perfilhava ideias esquemáticas acerca da personalidade dos principais líderes do país.

Aidid foi sempre um oportunista. Durante muitos anos colaborou com o governo autocrático de Siad Barre e foi seu embaixador na Índia. Quando o regime de Barre entrou em processo de desagregação, Aidid emergiu como o seu principal opositor e cabe-lhe responsabilidade decisiva na criação das condições que levaram o país ao caos.

Condottiero africano de grande ambição, aproveitou a operação «Restaurar a Esperança» para instalar dezenas de milhares de homens (e mulheres) habrghidir em Mogadíscio, cidade que fora sempre hostil ao seu clã.

Gazetilha

Rica soneca!

Santana Lopes, vós sabeis, o tal que gloriosamente tem a coroa real do CC de Belém... Diz-se agora que vai a criatura falar sobre cultura nove horas seguidas. Parece que é para o Guinness.

Quando eu acabar de parir a Gazetilha, há quem lá por Belém já esteja há oito horas a dormir.

Atrasos

Onde há salários em atraso o Professor não vai. E já porque salários em atraso é caso que já não há.

Não há salários, no caso. Por acaso o Professor não irá às fábricas com salários em atraso pois se sabe que é coisa que não há.

E se não há como é bem visível o Professor tão sensível não vai onde há salários em atraso pra não dar aso a dizer-se lá fora que em Portugal, agora há uma epidemia de salários em atraso.

O governo sem juízo e sem medida mas que atraso de vida!

Editais

Olha a Secreta que é indiscreta louca minhoca já anda à coca nos sindicatos e nos partidos meteu seus ratos bem instruídos na escola, até meteu o pé no tango e valsa diz que é por causa do terrorismo que pode vir. (Este humorismo não me faz rir).

Atenção pessoal isto começa a cheirar mal...

Discurso oficial

O que importa afinal é gastar menos. Guardemos, pois, no cofre os mil milhões. Doentes, o que são? São uns glutões sempre com exigências, com acenos.

E os velhos? Estão em todos os terrenos. Além de rabugentos - comilhões. E os estudantes então? Uns mandriões frascos de escaramuças e venenos.

Gastar com a saúde? Puro vício. Gastar com as pensões? Um desperdício. A educação? Ora! Um lugar-comum.

Tenho dinheiro e ainda mais terei. O que vou fazer dele, ainda não sei. Sei que para o povo é que não vai nenhum.

■ IGNOTUS SUM

PONTOS CARDEAIS

O "PRESIDENTICÍDIO"

Duarte Lima apresenta-se mais uma vez como grande pistoleiro verbal de Cavaco Silva na guerrilha que este mantém com o Presidente da República.

Desta vez, a metralha do chefe da bancada parlamentar do PSD visa não apenas um certo desempenho da Presidência, mas visa o próprio órgão - a Presidência.

A competência do Presidente da República para dissolver a Assembleia e dessa forma interromper o mandato do Governo tem estado em grande evidência na vida política por causa, entre outras, do famoso jantar do Aviz.

Tornou-se evidente, na opinião pública, que o Governo e a maioria que domina a Assembleia da República não estão sozinhos em campo no que respeita ao poder político. Ora, o PSD não quer nada que lhe faça sombra e está cheio de raiva.

Vai daí, pelo verbo do Duarte, dando expressão ao espírito (ou às ordens) de Cavaco, ameaça que na próxima revisão da Constituição vai defender que sejam retiradas ao Presidente da República as competências de dissolver a Assembleia e marcar as eleições legislativas. Isto é, ameaça matar o próprio órgão esvaziando-o - um "presidentício".

Só paleio para impressionar Mário Soares?

Só barulho para desviar as atenções dos graves problemas económicos e sociais que afectam o país? Cuidado. O PSD está a lançar o seu projecto de revisão da Constituição.

UM BRASEIRO

Apesar das repetidas declarações de Guterres de que as disputas internas do PS estão ultrapassadas, os factos continuam teimosamente a demonstrar o contrário.

Como alguém bem colocado observou: "aquilo não é um fogo extinto, é um braseiro".

E que braseiro!

Que o diga o Lacão que viu em Vila Real levantarem-se altas labaredas quando soprou umas acusações aos críticos da direcção chamando-lhes "jogadores que marcam golos na própria baliza".

Ouviu das boas em matéria de autogolos! É fácil dizer agora em face deste incêndio transmontano que o Lacão apesar de pequenino procedeu como um elefante numa loja de loiça (o que lhe acontece amiúde, ao que consta). Mas não foi o próprio Secretário-Geral do PS que estipulou que "nos partidos o que conta é a firmeza da sua direcção"?

"AI DOS FELIZES"

Ainda o discurso chamado do "estado da nação". Cavaco não se limitou a fantasiar sobre a realidade nacional quis, como é próprio de todos os autoritarismos, criar uma atmosfera patrioteira. Com este objectivo até parafraseou, sem citar, o Fernando Pessoa da "Mensagem", exclamando no encerramento do discurso: "É a hora de cumprir Portugal". Também abusou do fingimento. Inchado de

vaidade e arrogância tanto fingiu que a sua governação é um sucesso, como fingiu ignorar a desgraça que vai pelo país.

Pois a este propósito disse o autor da "Mensagem".

"Compra-se a glória com a desgraça.

Ai dos felizes, porque são só o que passa."

FÉRIAS PARLAMENTARES

A Assemblia da República vai para férias.

Os deputados laranja reservaram, no entanto, o dia de hoje, o último de trabalhos, para eliminarem algumas incompatibilidades entre o exercício de mandatos autárquicos e o de outros cargos públicos, de modo a permitir a acumulação de tachos e vencimentos.

Todos sabem que a iniciativa tem beneficiários concretos no partido do Governo. Mas é tudo feito com muita hipocrisia. Para disfarçar o grande ponto da agenda parlamentar é a discussão do PDR. Não é o PDR que lhes interessa é a "política do venha a nós". O melhor é irem mesmo para férias.

Quem devia aproveitá-las para um profundo exame de consciência num dos seus conhecidos retiros é o presidente Barbosa de Melo. A meio do mandato, a generalidade dos observadores considera a sua presidência a mais partidizada da história da Assembleia. Há quem lhe dê a nota mais baixa da escala.

Alguns antecessores é que se riem e lembram o ditado: "Atrás de mim virá quem bom de mim fará."

frases da Semana

"E agora... o professor... Aníbal... Aníbal... Aníbal... Cavaco... Xilba"

(José Meireles, na festa do PSD no Porto, 11.7.93)

"Em Portugal, o desnorte é total. Actuam como cataventos, a coerência não existe, a demagogia é total"

(Cavaco Silva, no Porto, 11.7.93)

"Defendo que o poder de convocar eleições antecipadas, que é o que está na origem do poder de dissolução [da Assembleia da República], deve ser atribuído ao Chefe de Governo e não ao Chefe de Estado"

(Duarte Lima, in "O Independente", 9.7.93)

"Não admito que certos bandalhos de Lisboa se atrevam a pôr em causa a nossa democracia, quando nós aqui estávamos dispostos a morrer para que Portugal fosse de vez um país democrático"

(Alberto João Jardim, na festa do PSD/Madeira, 11.7.93)

"O PS aqui na Madeira é o partido do padre Martins e do Mota Torres. O PS dos radicais. Ao começar a ver os candidatos que têm e quem anda lá dentro, o PS da Madeira é rasca. O termo é este, rasca"

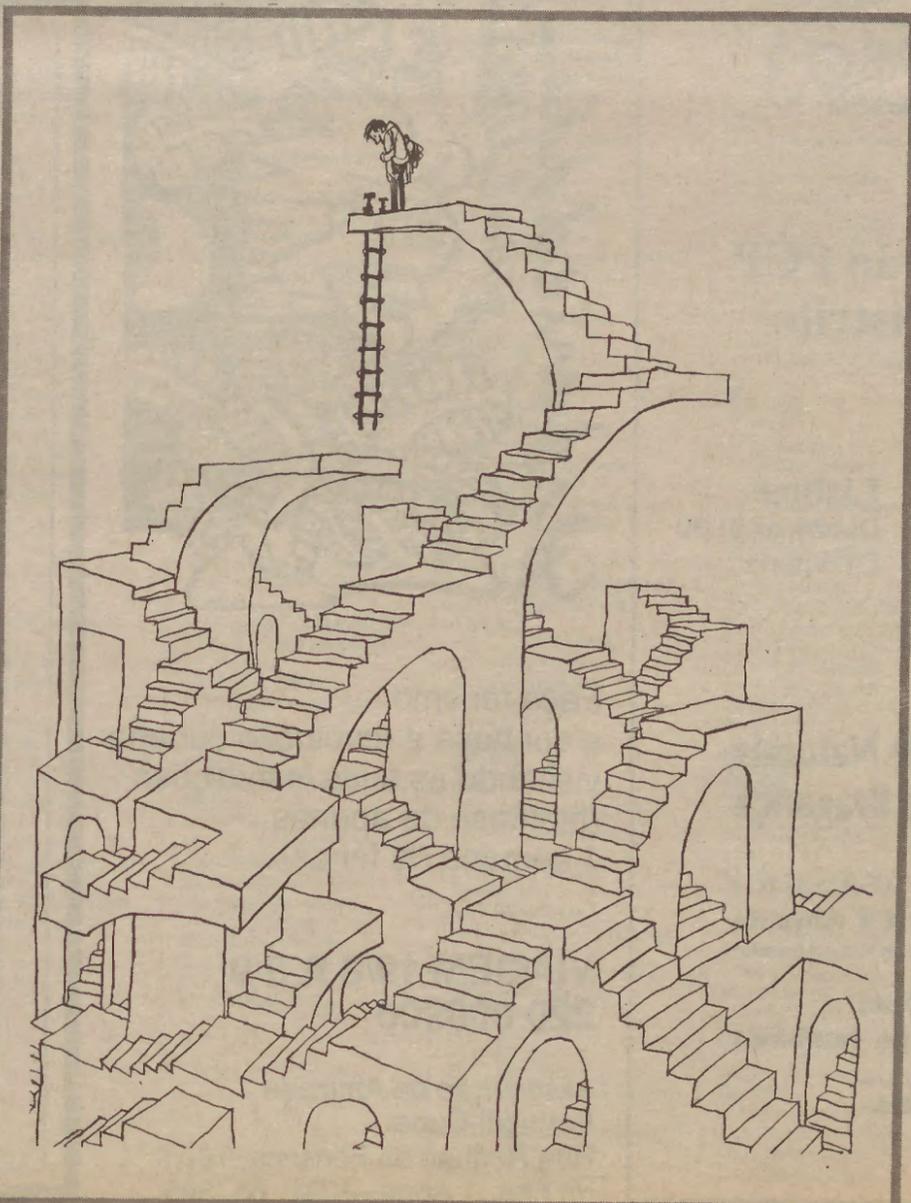
(idem)

"Quando observo o processo que me conduziu a Primeiro-Ministro de Portugal, em Novembro de 1985, e à manutenção do lugar ao fim de quase oito anos, não posso deixar de atribuir alguma 'culpa' à minha formação de economista e professor e, consequentemente, à Universidade de York"

(Cavaco Silva, ao receber o grau de doutor "honoris causa", York, 9.7.93)

"Com certeza que por esse mundo fora existem casos de fracasso, mas espero que se salvem alguns, incluindo em Portugal"

(idem)



Sábado

CARLOS CARVALHAS NO DISTRITO DE SETÚBAL

Coina - Encontro com a população
no Largo da JF - às 11h

Palhais - Encontro com a população
no Largo da Igreja - às 12h

Piquenique CDU na Qta. dos Amassadores
Stº António - às 13h

Stº André - Convívio com a população
na Quinta da Lomba - às 15h30

Alto do Seixalinho - Encontro com a população
no Centro Cultural - às 17h

Verderena - Intervenção na Festa Popular
da CDU - às 18h

Festa Popular na Verderena

Sábado, Torres do Herold

Às 17h

Animação musical
com

Rancho Folclórico Danças e Cantares
da Região do Barreiro

Grupo Coral Os Amigos do Lavradio

Grupo Os Trigais do Lavradio

Às 18h

Intervenção sobre a situação política
pelo Secretário-Geral do PCP

Carlos Carvalho

Agenda

ALGUEIRÃO MEM MARTINS

Plenário de militantes da freguesia: sexta-feira, dia 16, às 21.30, no Centro de Trabalho.

ESTORIL

Almoço-convívio da CDU durante o qual será apresentado o cabeça de lista e equipa candidata à Assembleia de Freguesia do Estoril: domingo, dia 18, às 13.00, no restaurante «O Borlinhas», com a participação do camarada Jerónimo de Sousa.

LISBOA

Marvila - Apresentação dos candidatos do PCP aos órgãos autárquicos da Freguesia: na sede da Antiga Comissão de Moradores da Zona I de Chelas, sexta-feira, às 21.00. Estará presente o camarada Carlos Carvalho.

Alcântara - Apresentação pública dos candidatos do PCP aos órgãos da Freguesia: quarta-feira, 21, às 20.00, na colectividade «Os 31 de Santo Amaro». Jantar volante.

Plenário de militantes das freguesias de Alvalade, Campo Grande, S. Sebastião, S. João de Deus e S. João de Brito, com a participação do camarada Jerónimo de Sousa: sábado, às 15.00, no CT da Av. António Serpa.

LOURES

Apresentação pública da lista da CDU para a Câmara Municipal e do primeiro candidato à Assembleia Municipal: hoje, quinta-feira, às 20.00, no restaurante «A Horta», em Loures, com a participação do camarada Carlos Carvalho.

OEIRAS

Queijas - Apresentação dos candidatos da CDU à Assembleia de Freguesia: nos Bombeiros Voluntários de Linda-a-Pastora, sexta-feira, às 21.00.

Algés - Plenário de militantes sobre a candidatura da CDU à nova Assembleia de Freguesia de Algés: sábado, às 15.00, no Centro de Trabalho de Algés.

SETÚBAL

Reunião distrital de Professores - no CT do PCP no Edifício Arrábida, sábado, das 10 às 13.00. Almoço-convívio, às 13.30.

QUELUZ

Reunião de militantes da freguesia - hoje, dia 15, às 21.30, no Centro de Trabalho.

VENDAS NOVAS

Jantar de apresentação do cabeça de lista da CDU à CM: sábado, às 20.30, no Centro Sociocultural de Vendas Novas. Estará presente o camarada Carlos Carvalho.



PCP-PEV
PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS PARTIDO ECOLÓGICO "OS VERDES"

Apresentação pública de candidatos da CDU aos órgãos autárquicos com a participação de CARLOS CARVALHAS

* em LOURES
no restaurante "A Horta":
hoje, quinta-feira, às 20.30

* em VENDAS NOVAS
no Centro Sociocultural:
sábado, às 20.30

* em MARVILA/Lisboa
(candidatos do PCP à Freguesia)
na sede da antiga Comissão
de Moradores da Zona I
de Chelas:
sexta-feira, às 21.00

AUTARQUIASO3
AUTARQUIASO3

Reuniões de militantes do PCP naturais do distrito de VISEU

Montijo
Dia 23, às 21.30
CT do Montijo

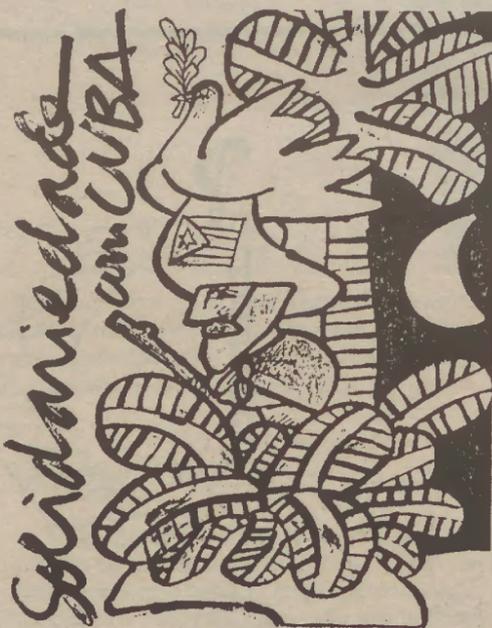
Lisboa
Dia 24, às 21.30
CT Vitória

Reunião de Naturais do Distrito de Bragança

17 Julho • (Sábado)
19.00 horas • CT Almada
(Av. Prof. Egas Moniz, nº48 - Almada)

Participar
Traz outro amigo também!

Com a participação de:
Serafim Brás



Faça turismo
e conheça a revolução cubana
visitando as suas instituições
(hipótese de apenas
1 semana de férias)

VIAGEM 19/8 A 3/9
220 000\$00

Associação de Amizade
Portugal-Cuba
Rua Rodrigo da Fonseca, 107,
r/c Esq., Lisboa — Tel. 657305

EXCURSÕES A CUBA

"EMBAIXADA DE PAZ E SOLIDARIEDADE"

19 de Agosto a 3 de Setembro/9 a 24 de Setembro

15 DIAS

Viagem de avião Lisboa/Havana/Lisboa (pela Ibéria, via Madrid), em regime de meia pensão (dormida, pequeno almoço e uma refeição) em hotéis de 3 e 4 estrelas Esc. 225.000\$00

Esta viagem é organizada pelo CPPC de colaboração com o Movimento Cubano para a Paz e a Soberania dos Povos, que preparará para todos os interessados um importante e oportuno programa político-cultural, que prevê visitas a uma escola, a um acampamento da juventude, à Câmara Municipal de Havana e ao Departamento de Turismo e Artesanato, à Associação de Amizade com os Povos, e encontros com o movimento sindical, com o Conselho Ecuménico, com o Movimento da Paz, etc.

No plano cultural, estão previstas visitas aos centros históricos das cidades que visitar bem como a museus, restaurantes e cafés tradicionais e espectáculos.

O programa turístico prevê visitas às regiões de Havana, Cienfuegos (incluindo Trinidad, património mundial) ou Santiago, e ainda, Varadero onde desfrutaremos as magníficas praias.

AS INSCRIÇÕES ESTÃO ABERTAS



CONSELHO PORTUGUÊS PARA A PAZ E COOPERAÇÃO
Rua Rodrigo da Fonseca, 56, 2.º - 1200 LISBOA
Tel. 386 33 75 - Fax 386 32 11

Avante!
Agenda
Televisão

Quinta, 15

- 08.05 Notícias
- 08.10 Thumbelina
- 08.40 Novas Aventuras de He-Man
- 09.05 Ginástica
- 09.15 Crônicas de Hollywood
- 09.40 As Diaburas do Pimentinha
- 10.10 Eurosul 2
- 10.25 Música 92
- 11.00 O Treinador
- 11.25 Notas para Si
- 11.55 Culinária
- 12.10 Bebê a Bordo
- 13.00 Jornal da Tarde
- 13.35 Vizinhos
- 14.00 As Aventuras de Robin Hood
- 14.15 O Diabo e os Dez Mandamentos (ver «Filmes na TV»)
- 16.45 Rua Sésamo
- 17.10 Brinca Brincando
- 17.40 Calor Tropical
- 18.25 Roda da Sorte
- 19.00 A Banqueira do Povo

Sexta, 16

- 08.05 Notícias
- 08.10 Rua Sésamo
- 08.40 Novas Aventuras de He-Man
- 09.05 Ginástica
- 09.15 Crônicas de Hollywood
- 09.40 As Diaburas do Pimentinha
- 10.10 Malhão, Triste Malhão
- 10.30 Isto é Magia
- 11.00 O Treinador
- 11.25 Notas para Si
- 11.55 Culinária
- 12.10 Bebê a Bordo
- 13.00 Jornal da Tarde
- 13.35 Vizinhos
- 13.55 Fort Boyard
- 15.25 Na Cidade de Londres (ver «Filmes na TV»)
- 17.05 Brinca Brincando
- 17.35 Calor Tropical
- 18.25 Roda da Sorte
- 19.00 A Banqueira do Povo
- 20.00 Telejornal
- 20.30 Pedra Sobre Pedra

Sábado, 17

- 8.00 Programa Infantil e Juvenil
- 12.10 Luta Livre Americana
- 13.10 Crônicas de Narnia
- 13.30 O Trilho da Glória
- 14.20 Clube Disney
- 15.45 Voo de Inverno (ver «Filmes na TV»)
- 17.25 Floradas na Serra
- 18.50 O Herói Relâmpago
- 19.45 Totoloto
- 20.00 Jornal de Sábado
- 20.30 Despedida de Solteiro
- 22.20 Procura-se
- 23.15 Operação Anti-Droga (ver «Filmes na TV»)
- 00.45 Experiência em Arrad (ver «Filmes na TV»)
- 08.00 Caminhos
- 08.30 Novos Horizontes
- 09.00 Universidade Aberta
- 11.55 O Baile dos Malditos (ver «Filmes na TV»)
- 13.50 Parceiros no Crime

Domingo, 18

- 08.00 Programa Juvenil
- 10.30 70 x 7
- 11.00 Missa
- 11.50 Programa Juvenil
- 13.00 Notícias
- 13.05 A Menina da Futuro
- 13.35 Top +
- 14.10 Clips e Spots
- 14.50 A Lei do Deserto
- 15.45 Os Mais Ferozes do Oeste (ver «Filmes na TV»)
- 17.15 Tequila & Bonetti
- 18.20 Beverly Hills 90210
- 19.25 Clube Paraíso
- 20.00 Jornal de Domingo
- 20.40 Casa Cheia
- 21.20 Despedida de Solteiro
- 22.50 Nicky e Gino (ver «Filmes na TV»)
- 08.00 Clínica Veterinária
- 09.00 Grandes Parques Nacionais Americanos
- 10.00 Arte Fantástica

Segunda, 19

- 08.10 Rua Sésamo
- 08.40 Novas Aventuras de He-Man
- 09.05 Ginástica
- 09.15 Crônicas de Hollywood
- 09.40 Vitor e Hugo
- 10.10 Barquinha Feiticeira
- 10.30 Isto é Magia
- 11.00 O Treinador
- 11.25 Notas para Si
- 11.55 Culinária
- 12.10 Bebê a Bordo
- 13.00 Jornal da Tarde
- 13.35 Vizinhos
- 13.55 Santuários Selvagens
- 14.25 As Aventuras de Robin Hood
- 14.55 Ternas Algemas (ver «Filmes na TV»)
- 16.30 O Livro de Thumbelina
- 17.00 Brinca Brincando
- 17.35 Calor Tropical
- 18.25 A Roda da Sorte
- 19.00 A Banqueira do Povo
- 20.00 Telejornal

Terça, 20

- 08.10 Rua Sésamo
- 08.40 Novas Aventuras de He-Man
- 09.05 Ginástica
- 09.15 Crônicas de Hollywood
- 09.40 Vitor e Hugo
- 10.10 Eurosul
- 10.25 Euromúsica 92
- 11.00 O Treinador
- 11.25 Notas para Si
- 11.55 Culinária
- 12.15 Bebê a Bordo
- 13.00 Jornal da Tarde
- 13.35 Vizinhos
- 13.55 A Revolução Electrónica
- 14.25 As Aventuras de Robin Hood
- 15.00 Um Crocodilo Chamado Daisy (ver «Filmes na TV»)
- 16.35 Thumbelina
- 17.00 Brinca Brincando
- 17.35 Calor Tropical
- 18.25 A Roda da Sorte
- 19.00 A Banqueira do Povo

Quarta, 21

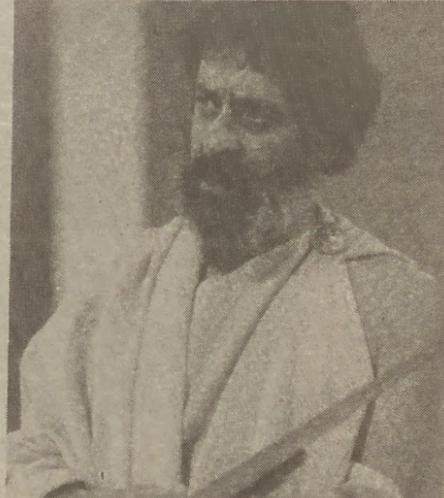
- 08.10 Rua Sésamo
- 08.40 Novas Aventuras de He-Man
- 09.05 Ginástica
- 09.15 Crônicas de Hollywood
- 09.40 Inspector Engenhocas
- 10.10 Reino Animal
- 10.30 Isto é Magia
- 11.00 O Treinador
- 11.25 Notas para Si
- 11.55 Culinária
- 12.15 Bebê a Bordo
- 13.00 Jornal da Tarde
- 13.35 Vizinhos
- 13.55 Meados do Século
- 14.25 As Aventuras de Robin Hood
- 14.55 Cantinflas, o Evadido (ver «Filmes na TV»)
- 16.30 Thumbelina
- 17.00 Brinca Brincando
- 17.35 Calor Tropical
- 18.25 Roda da Sorte
- 19.00 A Banqueira do Povo
- 20.00 Telejornal
- 20.35 Pedra sobre Pedra



O escritor colombiano Gabriel Garcia Marquez em «Artes e Letras» de terça-feira próxima (às 20.20 na TV2)



Tuppence, uma das detectives de Agatha Christie, desvenda mistérios numa nova série: ao sábado às 13.50 na TV2



«As Nuvens», uma comédia de Aristófanes produzida em Portugal para televisão: sábado na TV2



«A Casa das Orquídeas», série britânica em exibição no Canal 1 nas noites de segunda-feira

- 20.00 Telejornal
- 20.30 Pedra Sobre Pedra
- 21.40 Isto Só Video
- 22.10 Palavra Puxa Palavra
- 22.55 Intimas Vozes
- 23.50 24 Horas

- 11.05 Infantil
- 11.40 Férias de Sonho
- 12.30 Le Masque
- 13.30 Agora, Escolha!
- 14.55 «Der Blind Richter»
- 15.30 A Mulher de Meu Pai
- 16.30 A Máquina do Sonho
- 17.20 Madame Moon e Filho
- 18.10 Carrusel
- 18.55 Magazine
- Arquitetura
- 19.20 O Melhor de Ed Sullivan Show
- 20.20 Noel Coward - Histórias de Um Mestre
- 21.25 O Sorriso do Lagarto
- 22.30 TV2 Jornal
- 23.00 Remate
- 23.10 Sexualidades
- 00.05 As Proezas de Hollywood

- 16.30 Notícias
- 16.40 Gladiadores Americanos
- 17.25 Santa Bárbara
- 18.10 Notícias
- 18.20 Roque Santeiro
- 19.10 Praça Pública
- 19.45 Renascer
- 20.45 Jornal da Noite
- 21.30 Minas e Armadilhas
- 22.20 Holocausto
- 23.30 Último Jornal
- 23.55 Repórter da Meia-Noite
- 00.50 MTV

- 12.00 A Casa do Tio Carlos
- 12.30 O Papá das Pernas Altas
- 13.00 Uma Casa na Pradaria
- 13.45 Rica Saúde
- 17.05 A Casa do Tio Carlos
- 17.45 Lágrimas
- 18.30 Telhados de Vidro
- 19.00 A Amiga Olga
- 19.30 Informação
- 20.15 Já Tocou!
- 20.40 Fórum
- 21.00 Só Nós Dez
- 21.35 Prisioneiro da Teia
- 23.05 Telemotor
- 23.35 O Meu Coração Tem Dois Amores (ver «Filmes na TV»)
- 01.10 Informação
- 01.25 Meteorologia

- 21.40 Marina, Marina
- 22.10 A Lenda da Floresta (ver «Filmes na TV»)
- 00.40 Câmara Indiscreta
- 01.10 24 Horas
- 02.00 Polícia Maniaco (ver «Filmes na TV»)

- 11.05 Infantil
- 12.05 Vidas a Meias
- 12.30 Os Italianos
- 13.30 Agora, Escolha!
- 14.55 «Dr Blind Richter»
- 15.30 Encontro com Shakespeare
- 16.25 Segredos da Natureza
- 17.20 Madame Moon e Filho
- 18.10 Carrusel
- 18.55 Rotações
- 19.55 Uma Questão de Palavras
- 20.20 Fiel de Si Próprio
- 21.25 O Sorriso do Lagarto
- 22.30 TV2 Jornal
- 23.00 Remate
- 23.10 As Saias da Revolução
- 00.40 O Funeal (ver «Filmes na TV»)

- 16.30 Notícias
- 16.40 Gladiadores Americanos
- 17.25 Santa Bárbara
- 18.10 Notícias
- 18.20 Roque Santeiro
- 19.10 Praça Pública
- 19.45 Renascer
- 20.45 Jornal da Noite
- 21.30 Labirinto
- 22.05 Correntes de Primavera (ver «Filmes na TV»)
- 00.05 Último Jornal
- 00.30 Playhoy
- 01.30 MTV

- 12.00 A Casa do Tio Carlos
- 12.30 O Papá das Pernas Altas
- 13.00 Uma Casa na Pradaria
- 13.45 Rica Saúde
- 17.05 A Casa do Tio Carlos
- 17.45 Lágrimas
- 18.30 Telhados de Vidro
- 19.00 A Amiga Olga
- 19.30 Informação
- 20.15 Já Tocou!
- 20.40 Fórum
- 21.00 Só Nós Dez
- 21.35 Desporto - «Na Maior»
- 22.05 O Segredo do Sahara
- 23.55 Taggart
- 00.45 Informação
- 01.00 Meteorologia

- 14.40 Pé Grande e os Amigos
- 15.10 Dias de Esperança
- 16.00 TV2 Desporto
- 19.30 Tauromaquia
- 20.00 Gente do Norte (ver «Filmes na TV»)
- 21.45 No Cumprimento do Dever
- 22.40 Teatro: «As Nuvens»
- 00.40 Jornada de Desilusão (ver «Filmes na TV»)
- 02.25 Popoff

- 12.00 O Soldado Joe
- 12.30 Aventuras dos T-Rex
- 13.00 Stingray, o Super Submarino
- 13.30 Batman
- 14.00 Notícias
- 14.10 As Mais Belas Máquinas
- 14.25 Selvagens e Perigosos
- 15.00 A Fuga de Forte Bravo (ver «Filmes na TV»)
- 16.45 Justiça Negra
- 18.25 Portugal Radical
- 18.50 Lei e Ordem
- 19.50 Príncipe de Bel Air
- 20.15 Cara Chapada
- 20.45 Jornal da Noite
- 21.30 Belezas de Verão
- 23.35 Último Jornal
- 24.00 Água na Boca
- 00.50 Diamantes
- 01.25 Box
- 02.00 Superbikes

- 10.00 Os Construtores da História
- 11.00 África Nossa
- 12.00 Documentário Natureza
- 13.00 Informação
- 13.10 Desporto
- 14.05 Cagney & Lacey
- 15.00 Lágrimas (compacto)
- 19.30 Informação Quatro
- 20.10 Espião à Vista
- 20.40 Marés Vivas
- 21.35 Os Bastidores do Espectáculo
- 22.05 O Segredo do Sahara
- 23.05 Em Busca da Felicidade (ver «Filmes na TV»)
- 00.45 Meteorologia

- 10.30 Programa Juvenil
- 11.30 Regiões
- 12.25 Forum Musical
- 13.25 Realce
- 13.55 A Família Chisholms
- 14.45 TV2 Desporto
- 20.00 Meu Filho, Meu Filho
- 20.55 Prêmios Grammy 1993 (2ª parte)
- 21.55 Hemingway
- 22.50 O Pirata Negro (ver «Filmes na TV»)

- 12.00 Livro da Selva
- 13.30 Rugrats
- 12.55 Pássaros de Fogo
- 13.45 Passo a Passo
- 14.10 Notícias
- 14.20 Um Planeta, Uma Família
- 14.50 Conta-me uma História (ver «Filmes na TV»)
- 16.35 Tarzan
- 17.05 National Geographic Magazine
- 18.05 Falso Suspeito
- 18.35 Benny Hill
- 19.05 Cosby Show
- 19.35 Biografias
- 20.45 Jornal da Noite
- 21.30 Prêmios de Cinema do MTV
- 23.35 Último Jornal
- 24.00 Fórmula Indy

- 10.00 A Casa do Tio Carlos
- 11.00 As Histórias Mais Bonitas
- 11.30 Actualidade Religiosa
- 12.00 Vaticano em Directo
- 12.15 Missa
- 13.15 Rica Saúde
- 13.45 Telhados de Vidro (compacto)
- 15.45 Punky
- 16.30 Lassie
- 17.00 Pânico Sobre o Pacífico (ver «Filmes na TV»)
- 18.40 O Marido da Embaixadora
- 19.30 Informação Quatro
- 20.05 Janelas Virtuais
- 20.40 Covington Cross
- 21.35 Fado, Fadinho
- 22.05 O Costa do Castelo (ver «Filmes na TV»)
- 00.20 Meteorologia

- 20.30 Pedra sobre Pedra
- 21.00 O Dono do Mundo (1º episódio)
- 22.00 Jogos Sem Fronteiras
- 23.30 A Casa das Orquídeas
- 00.30 24 Horas

- 11.05 Infantil
- 12.05 Eternos Novatos
- 12.30 Le Masque
- 13.30 Agora, Escolha!
- 14.55 Whoopi Goldberg
- 15.30 Vidas Secretas
- 16.30 Povos Nómadas
- 17.20 Madame Moon e o Filho
- 18.15 Carrusel
- 19.00 Cine Magazine
- 19.30 O Prémio do Escândalo (ver «Filmes na TV»)
- 21.30 TV2 Jornal
- 22.30 Remate
- 23.00 O Sorriso do Lagarto
- 23.05 As Proezas de Hollywood
- 24.00 Os Trintões

- 16.30 Notícias
- 16.40 Gladiadores Americanos
- 17.25 Santa Bárbara
- 18.10 Notícias
- 18.20 Roque Santeiro
- 19.10 Praça Pública
- 19.45 Renascer
- 20.45 Jornal da Noite
- 21.30 Encontros Imediatos
- 22.00 Os Homens não Choram (ver «Filmes na TV»)
- 23.45 Último Jornal
- 00.10 Homens Mal Comportados
- 00.40 MTV

- 12.00 A Casa do Tio Carlos
- 12.30 O Papá das Pernas Altas
- 13.00 Uma Casa na Pradaria
- 13.45 Rica Saúde
- 17.05 A Casa do Tio Carlos
- 17.45 Lágrimas
- 18.30 Telhados de Vidro
- 19.00 A Amiga Olga
- 19.30 Informação
- 20.15 Já Tocou!
- 20.40 Fórum
- 20.55 Só Nós Dez
- 21.35 Telefilme: «O Segredo do Lago»
- 23.05 Saia do Parlamento
- 23.35 Informação
- 23.50 Meteorologia

- 20.00 Telejornal
- 20.30 Pedra sobre Pedra
- 21.00 O Dono do Mundo
- 22.00 Cupido Electrónico
- 22.30 Noivas de Copacabana
- 23.30 A Lei das Ruas
- 00.20 24 Horas

- 11.00 Infantil
- 11.40 Férias de Sonho
- 12.30 «Le Masque»
- 13.30 Agora, Escolha!
- 14.55 Whoopi Goldberg
- 15.30 A Ponte de Adam Rush
- 16.30 Para Além do Ano 2000
- 17.20 Madame Moon e Filho
- 18.10 Carrusel
- 18.55 Aventura do Conhecimento
- 19.20 Miguel Ângelo
- 20.20 Artes e Letras - «Gabriel Garcia Marquez»
- 21.30 TV2 Jornal
- 22.00 Remate
- 22.30 O Sorriso do Lagarto (último episódio)
- 23.05 Corrida de Toiros

- 16.30 Notícias
- 16.40 Gladiadores Americanos
- 17.25 Santa Bárbara
- 18.10 Notícias
- 18.20 Roque Santeiro
- 19.10 Praça Pública
- 19.45 Renascer
- 20.45 Jornal da Noite
- 21.30 A Brincar, a Brincar
- 22.00 Terça à Noite
- 23.15 Café Bagdad
- 23.55 Último Jornal
- 00.20 Internacional SIC
- 00.50 MTV

- 12.00 A Casa do Tio Carlos
- 12.30 O Papá das Pernas Altas
- 13.00 Uma Casa na Pradaria
- 13.45 Rica Saúde
- 17.00 A Casa do Tio Carlos
- 17.45 Lágrimas
- 18.30 Telhados de Vidro
- 19.00 A Amiga Olga
- 19.30 Informação
- 20.15 Já Tocou!
- 20.40 Fórum
- 20.55 Só Nós Dez
- 21.35 Dois Homens e Um Destino (ver «Filmes na TV»)
- 23.25 Farda e Coração
- 00.15 Informação
- 00.30 Meteorologia

- 21.00 O Dono do Mundo
- 22.00 Vamos Jogar no Totobola
- 22.15 Momentos de Ternura (ver «Filmes na TV»)
- 23.55 Chefe, Mas Pouco
- 00.20 24 Horas

- 11.05 Infantil
- 12.05 Amor à Primeira Vista
- 12.30 «Le Masque»
- 13.30 Agora, Escolha!
- 14.55 Whoopi Goldberg
- 15.30 A Ponte de Adam Rush
- 16.30 Os Sonhos do Japão
- 17.20 Madame Moon e Filho
- 18.15 Carrusel
- 18.55 Magazine de Arquitectura
- 19.25 Arsène Lupin
- 20.15 Quem Matou Kennedy?
- 21.30 TV2 Jornal
- 22.00 Remate
- 22.30 Deus nos Acuda (telenovela brasileira, 1º episódio)
- 23.05 Carlos Cruz - Quarta-Feira

- 16.30 Notícias
- 16.35 Gladiadores Americanos
- 17.25 Santa Bárbara
- 18.10 Notícias
- 18.20 Roque Santeiro
- 19.10 Praça Pública
- 19.45 Renascer
- 20.45 Jornal da Noite
- 21.30 Falas Tu ou Falo Eu
- 22.30 Sexo Forte
- 23.35 Último Jornal
- 24.00 Deseja-me Sorte
- 01.00 MTV

- 12.00 A Casa do Tio Carlos
- 12.30 O Papá das Pernas Altas
- 13.00 Uma Casa na Pradaria
- 13.45 Rica Saúde
- 17.05 A Casa do Tio Carlos
- 17.45 Lágrimas
- 18.30 Telhados de Vidro
- 19.00 A Amiga Olga
- 19.30 Informação
- 20.15 Já Tocou!
- 20.40 Fórum
- 20.55 Só Nós Dez
- 21.35 Cartas de Amor
- 22.35 Mancuso
- 23.20 Desporto Motorizado
- 23.55 Os Senhores do Pacífico
- 00.55 Ponto Final
- 01.10 Meteorologia

Filmes na TV

QUINTA, 15

O Diabo e os Dez Mandamentos

«Le Diable et les Dix Commandements» (Fr-Itália/1962). Real.: Julien Duvivier. Int.: Michel Simon, Dany Saval, Charles Aznavour, Lino Ventura, Mel Ferrer, Micheline Presle. P/B, 137 min. *Ver Destaque* (14.25, Canal 1)

O Meu Coração tem Dois Amores

«Woman Obsessed» (EUA/1959). Real.: Henry Hathaway. Int.: Susan Hayward, Stephen Boyd. Cor, 102 min. *Ver Destaque* (23.35, Quatro)

SEXTA, 16

Na Cidade de Londres

«London Town» (GBR/1946). Real.: Wesley Ruggles. Int.: Sid Field, Greta Gynt, Petula Clark, Kay Kendall. Cor, 122 min. *Comédia musical* (15.10, Canal 1)

Esta Terra é Minha

«The Field» (GBR/1990). Real.: Jim Sheridan. Int.: Richard Harris, John Hurt, Tom Berenger. Cor, 107 min. *Ver Destaque* (22.05, SIC)

A Lenda da Floresta

«Legend» (EUA/1985). Real.: Ridley Scott. Int.: Tom Cruise, Mia Sara, Tim Curry, David Bennet, Alice Playten. Cor, 90 min. *Ver Destaque* (22.10, Canal 1)

O Funeral

«Ososhiki» (Jap/1984). Real.: Juzo Itami. Int.: Tsutomu, Nobuko Miyamoto, Kin Sugai. Cor e P/B, 120 min. *Ver Destaque* (00.40, TV 2)

Polícia Manfaco

«Dangerous Game» (EUA/1988). Real.: Stephen Hopkins. Int.: Miles Buchanan, Marcus Graham, Steven Grives, Sandie Lillingston. Cor, 94 min. (Sexta, 02.00, Canal 1)

SÁBADO, 17

O Baile dos Malditos

«The Young Lions» (EUA/1958). Real.: Edward Dmytryk. Int.: Marlon Brando, Montgomery Clift, Dean Martin, Hope Lange, Barbara Rush, May Britt, Maximilian Schell. P/B, 161 min. *Ver Destaque* (11.10, TV 2)

A Fuga de Forte Bravo

«Escape from Fort Bravo» (EUA/1953). Real.: John Sturges. Int.: William Holden, Eleanor Parker, John Forsythe. Cor, 98 min. *Ver Destaque* (15.00, SIC)

Voo de Inverno

«Winter Flight» (Austral/1984). Real.: Roy Battersby. Int.: Reece Dinsdale, Nicola Cowper, Gary Olsen. Cor, 99 min. *Drama* (15.45, Canal 1)

Em Busca do Tempo Perdido

«Face to Face» (EUA/1990). Real.: Lou Antonio. Int.: Elizabeth Montgomery, Robert Foxworth, Lou Antonio, Ronald Lacey. Cor, 97 min. *Comédia* (20.00, TV 2)

Operação Antídoto

«In The Line of Duty: The Two Tonys» (EUA/1992). Real.: Dick Lowry. Int.: Ray Sharkey, Peter Boyle, Courtney B. Vance, Michael Boatman. Cor, 88 min. *Telefilme policial* (23.15, Canal 1)

Em Busca da Felicidade

«The Pursuit of Happiness» (EUA/1970). Real.: Robert Mulligan. Int.: Michael Sarrazin, Barbara Hershey, Robert Klein, Arthur Hill, Ruth White. Cor, 98 min. *Ver Destaque* (23.05, Quatro)

Jornada de Desilusão

«La Campagne de Ciceron» (França/1989). Real.: Jacques Davila. Int.: Tonie Marshall, Sabine Haudepin, Jacques Bonafé, Michel Gautier. Cor, 106 min. (00.40, TV 2)

Experiência em Harrad

«The Harrad Experiment» (EUA/1973). Real.: Ted Post. Int.: James Whitmore, Tippi Hedren, Don Johnson. Cor, 93 min. *Drama* (00.45, Canal 1)

DOMINGO, 18

Conta-me uma História

«Tell Me a Riddle» (EUA/1980). Real.: Lee Grant. Int.: Melvyn Douglas, Lila Kedrova, Brooke Adams. *Drama* Cor, 90 min. (14.50, SIC)

Os Mais Ferozes do Oeste

«The Apple Dumpling Gang Rides Again» (EUA/1979). Real.: Vincent McEveety. Int.: Tim Conway, Don Knotts, Tim Matheson, Kenneth Mars. Cor, 85 min. *Western* (15.45, Canal 1)

Pânico Sobre o Pacífico

«Miracle Landing» (EUA/1992). Real.: Dick Lowry. Int.: Wayne Rodgers, Connie Selleca, Ana Alicia. Cor, 85 min. *Tele-dramático* (17.05, Quatro)

O Costa do Castelo

(Port/1943). Real.: Artur Duarte. Int.: António Silva, Maria Matos, Milú, Fernando Curado Ribeiro, Hermínia Silva. P/B, 135 min. *Ver Destaque* (22.05, Quatro)

Nicky e Gino

«Dominick and Eugene» (EUA/1988). Real.: Robert M. Young. Int.: Tom Hulce, Ray Liotta, Jamie Lee Curtis. Cor, 101 min. (22.50, Canal 1)

O Pirata Negro

«The Black Swan» (EUA/1942). Real.: Henry King. Int.: Tyrone Power, Maureen O'Hara, Laird Cregar, Thomas Mitchell, George Sanders, Anthony Quinn. Cor, 82 min. *Ver Destaque* (22.50, TV 2)

SEGUNDA, 19

Ternas Algemas

«Tendre Poulets» (Fr./1977). Real.: Philippe de Broca. Int.: Annie Girardot, Philippe Noiret, Catherine Alric. Cor, 101 min. *Comédia* (14.55, Canal 1)

O Prémio do Escândalo

«The Prize Pulitzer» (EUA/1987). Real.: Richard Colla. Int.: Chynna Phillips, Perry King, Caitlin Brown. Cor, 92 min. *Tele-dramático* (19.30, TV 2)

O Segredo do Lago

«The People Across the Lake» (EUA/1988). Real.: Arthur Allen Seidelman. Int.: Valerie Harper, Gerald McRaney, Barry Corbin. Cor, 100 min. *Policial* (23.35, Quatro)

Os Homens Não Choram

«Split Decisions» (EUA/1988). Real.: David Drury. Int.: Gene Hackman, Craig Sheffer, Jennifer Beals. Cor, 95 min. *Drama* (22.00, SIC)

TERÇA, 20

Um Crocodilo Chamado Daisy

«An Alligator Named Daisy» (GBR/1955). Real.: J. Lee-Thompson. Int.: Donald Sinden, Diana Dors, Jean Carson, James Robertson Justice. P/B, 98 min. *Ver Drama* (14.55, Canal 1)

Dois Homens e Um Destino

«Butch Cassidy and the Sundance Kid» (EUA/1969). Real.: George Roy Hill. Int.: Paul Newman, Robert Redford, Katherine Ross. Cor, 110 min. *Ver Destaque* (21.35, Quatro)

QUARTA, 21

Cantinflas, o Evadido

«Soy Un Profugo» (Mex/1946). Real.: Miguel M. Delgado. Int.: Cantinflas, Emilia Guiu, Daniel Chino Herrera. P/B, 109 min. *Ver Comédia* (14.55, Canal 1)

Momentos de Ternura

«The Tender» (EUA/1991). Real.: Robert Harmon. Int.: John Travolta, Ellie Raad, Tito Larriva. Cor, 93 min. *Drama* (21.55, Canal 1)

Nota: a Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

— Por isto e por aquilo... —



Paul Newman e Robert Redford em «Dois Homens e Um Destino», de George Roy Hill



Tyrone Power em «O Pirata Negro», de Henry King



Marlon Brando, oficial do exército alemão em «O Baile dos Malditos», de Edward Dmytryk

O Diabo e os Dez Mandamentos

(Quinta, 14.25, Canal 1)

Um filme de sketches que não foi aliás nem o primeiro nem o mais bem sucedido na longa carreira de Julien Duvivier, autor desse e de muitos géneros, e de alguns filmes admiráveis. São pequenas histórias independentes que ilustram, como o título faz prever, os Dez Mandamentos... "tocados" pelo Diabo. Ora divertidas, ora dramáticas, quase sempre carregadas de ironia, vividas por uma notável galeria de actores à época todos de primeiro plano no cinema francês, com destaque para o «monstro sagrado» que foi Michel Simon.

O Meu Coração tem Dois Amores

(Quinta, 23.35, Quatro)

O ciclo dedicado pela Quatro a Henry Hathaway prossegue esta semana com um melodrama, a história da luta de uma jovem viúva e mãe, proprietária de um rancho numa zona de floresta canadiana, pela conservação das suas terras e a reconquista de uma vida afectiva e familiar normal. É um título mediano na obra do realizador, mas sublinha-se-lhe o tratamento da paisagem, a espectacularidade de sequências como a do incêndio ou a da tempestade e a ida a prestação de Susan Hayward, então no período cimeira da sua carreira.

Esta Terra é Minha

(Sexta, 22.05, SIC)

Tendo por cenário o mundo rural na Irlanda dos anos 30, o apego do seu povo à terra e à sua identidade e tradições, «Esta Terra é Minha» é uma adaptação de uma peça do dramaturgo irlandês John B. Keane sobre a luta de um velho patriarca, pequeno rendeiro que tem um dia a possibilidade de adquirir em leilão a terra que ao longo de muitos anos foi conseguindo tornar fértil. O seu opositor é um jovem americano recém-chegado, que lhe disputa, semeando ao mesmo tempo na comunidade as suas ideias acerca do "novo" progresso que a alienação da terra a seu favor e "a maneira americana" de criar riqueza lhe trarão. É um conflito de grande dramatismo, sublinhado pela beleza ruda de homens e paisagens numa Irlanda pobre e violentada, e pela interpretação do protagonista, o actor inglês Richard Harris, nomeado por ela para um Oscar. O realizador Jim Sheridan confirmaria posteriormente o seu talento com «O Meu Pé Esquerdo» - este já não apenas nomeado mas premiado pela Academia.

A Lenda da Floresta

(Sexta, 22.10, Canal 1)

Este é um dos resultados mais espectaculares do recurso aos efeitos especiais no cinema, que bem podiam ter sido inventados para dar expressão ao tipo de ficção de que o filme se socorre: o conto de fadas. Esse reino e essa floresta encantados onde coexistem homens e animais, um herói salvador (Tom Cruise) e a sua terna princesa, forças mágicas, gnomos, fadas e bruxas com todos os seus fantásticos desígnios foram minuciosamente criados ao longo de quatro anos pelo realizador Ridley Scott («Alien», «Blade Runner») e uma numerosa equipa de técnicos, devidamente citados no (quilométrico) genérico.



«A Lenda da Floresta», de Ridley Scott

O Funeral

(Sexta, 00.40, TV 2)

Filme de estreia na realização, em 1884, de um actor de cinema e humorista japonês consagrado, «O Funeral» não é como se poderia esperar um drama, mas uma comédia negra que põe em evidência, a partir da reunião de uma família para um funeral, a violência das contradições que varrem a sociedade japonesa, por um lado profundamente tradicionalista e ritualizada, por outro em processo de acelerada transformação. Aplaudido em 1985 em Cannes, quando ali foi apresentado na Quinzena dos Realizadores, o melhor dos prémios para o «O Funeral» viria contudo do público japonês, que fez dele um grande sucesso de bilheteira.

O Baile dos Malditos

(Sábado, 11.10, TV 2)

De «Os Jovens Leões», o romance de Irwin Shaw de que foi adaptado, respeita O Baile dos Malditos (além do tamanho - de um volumoso romance para um filme de quase três horas...) a estrutura narrativa e também a densidade dramática que fez de um e outro das obras mais lidas/vistas sobre a II Guerra Mundial.. A história apoia-se nas personalidades e trajectórias de três homens de diferentes origens que se irão cruzar durante o conflito: Diestl, um alemão do exército de Rommel que se descobre antinazi, e Michael e Noah, dois soldados americanos, um deles judeu.

A história poderá ser um tanto artificial e as personagens demasiado esquemáticas, mas o filme tem alguns méritos de tomo: a realização segura de Edward Dmytryk, notável na reconstituição da época e na encenação da tragédia, o elenco brilhante em que se destacam naturalmente Brando e Montgomery Clift mas também, surpreendentemente, Dean Martin, a esplendorosa fotografia de Joe MacDonald e a banda sonora de Hugo Friedhofer, com um tema inesquecível.

A Fuga de Forte Bravo
(Sábado, 15.00, SIC)

Um excelente western de um autor clássico, John Sturges. A acção decorre durante a Guerra da Secessão e centra-se na evasão de um grupo de sulistas da prisão de Forte Bravo e na perseguição que lhes é movida por um oficial do Forte (William Holden). Mas ambos, perseguidos e perseguidores, acabam por cair numa emboscada de Apaches - uma sequência fulcral no filme e na própria história do western, considerada que passou a ser como das que com maior rigor reconstituíram as táticas de guerra dos índios.

Em Busca da Felicidade
(Sábado, 23.05, Quatro)

É sempre de bom aviso não ignorar um filme de Robert Mulligan, por escassas que sejam (como são) as referências disponíveis. Os seus filmes reproduzem em regra conflitos e situações pertinentes, dados com inteligência e delicadeza. Será de crer que é o caso desta "história de dois jovens que procuram o caminho certo para a sua vida, tendo que lutar contra uma sociedade dominada por convenções ultrapassadas" - um tipo de prosa que nem sempre quer dizer o que parece...

O Costa do Castelo
(Domingo, 22.05, Quatro)

"O Costa do Castelo" é geralmente um dos dois únicos filmes de Artur Duarte a merecer referência; o outro é "O Leão da Estrela". O próprio Artur Duarte pouco terá a ver com o facto: o segredo foi, como se sabe, António Silva, "esse enorme actor que, nos anos 40, foi o esteio fundamental da chamada 'comédia portuguesa', ... de facto o actor número um de todo o cinema português", como dele diz Jorge Leitão Ramos no Dicionário do Cinema Português editado pela Caminho.

O Pirata Negro
(Domingo, 22.50, TV 2)

Um fascinante filme de piratas, adaptado de um romance de Rafael Sabatini por dois talentosos argumentistas, Ben Hecht e Seaton Miller, e realizado pelo Henry King, um grande senhor da indústria cinematográfica, versátil autor de dezenas de títulos - do musical ao histórico, do filme de guerra ao de piratas, do western ao melodrama, dos quais alguns ficaram como obras-primas.

Este Pirata Negro foi dos que lhe deu glória. É a história, movimentada e divertida, de um pirata que é nomeado governador numa região das Caraíbas com o objectivo de acabar com a pirataria e que para tal recorre à ajuda dos seus velhos amigos - os piratas... O bom-pirata perfeito que é Tyrone Power e a dama rebelde que ele vai salvar, Maureen O'Hara, reforçam o brilho de uma obra que seria aliás premiada com um Oscar para a fotografia de Leon Shamroy.

Dois Homens e Um Destino
(Terça, 21.35, Quatro)

Se se tratasse de escolher o filme da semana é quase certo que Dois Homens e um Destino seria eleito sem hesitações por quantos o viram, recentemente apenas na TV. É um western memorável, que ocorre quando se fala de western ou até quando se buscam, no geral, exemplos do cinema que dá prazer ver. Foi aliás consagrado - vão lá 25 anos - com quatro Oscars: pela fotografia, o argumento (de Conrad Goldman) e, de Burt Bacharach, a música e uma canção, "Raindrops Keep Falling on My Head", que ficou no ouvido e teve milhentas reinterpretações.

Mas Dois Homens e um Destino permaneceu também como referência importante na carreira de todos os outros que nele intervieram. Nomeadamente na obra de George Roy Hill, o realizador, e nas carreiras de Redford, que lançou, e de Newman, já então actor de nomeada, que ao que se diz deixou pela primeira vez que um seu parceiro de set lhe roubasse cenas, o que possivelmente contribuiu por o bom entendimento que doravante se estabeleceu entre os dois mas sobretudo marcou a sua maturidade como actor.

O filme inspira-se na história verdadeira de dois bandoleiros cuja primeira frutuosa actividade foi o assalto a comboios. Perseguidos nesse "seu" território (o argumento é parcialmente baseado em arquivos da Agência Pinkerton, encarregada pelos Caminhos-de-Ferro de os encontrar), fugiriam para a Bolívia, onde assaltaram um banco e acabariam por ser massacrados.

Patentearam entretanto, pelo menos no filme, uma tal humanidade e sedução que não há espectador que não os julgue injustiçados...

Nota: a Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

Teatro

AUDITÓRIO DE BENFICA

Lisboa, Av. Gomes Pereira, 17. Tel. 7154565. De 3ª a 6ª às 21.30, sáb. e dom. às 16.00. **INOX TAKE 5**, de José Pedro Gomes.

CINEARTE

Lisboa, Largo de Santos. Tel. 3965360. De 3ª a sáb., às 21.45, dom. às 17.00. **MACBETT UMA HISTÓRIA DE BRUXAS**, de Ionesco, encenação de Hélder Costa.

PALÁCIO RIBAMAR

Algés. 6ª e sáb. às 21.45. **A BODA (OS NOIVOS E OS CONVIDADOS)**, de Bertolt Brecht, encenação de Armando Caldas, pelo Intervalo-Grupo de Teatro.

TEATRO DO BAIRRO ALTO

Lisboa, Rua Ten. Raul Cascais, 1-A. Tel. 3961515. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00. **7 PORTAS**, de Botho Strauss, encenação de Luís Miguel Cintra, pelo Teatro da Comucópia.

TEATRO DO CALVÁRIO

Lisboa, Rua Leão de Oliveira, 1. Sáb. e dom. às 16.00. Tel. 3639974. **O SOLDADINHO DE CHUMBO**, adaptação do conto de Hans Christian Andersen, encenação de Fernando Gomes, pelo TIL - Teatro Infantil de Lisboa.

TEATRO DA GRAÇA

Lisboa, Trav. de S. Vicente, 11. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 17.00. **O PELICANO**, de Strindberg, encenação de Gastão Cruz, pelo Grupo Teatro Hoje.

TEATRO MUNICIPAL S. LUIZ

Lisboa, Rua António Maria Cardoso. Tel. 3427172. **Companhia Teatral do Chiado**: De 2ª a sáb. Sáb. e dom. às 19.30. **A ÚLTIMA BANDANA DE KRAPP**, de Samuel Beckett, encenação e interpretação de Mário Viegas.

De 4 a 18 de Julho



Festival Internacional de Teatro de Almada

Qui, 15 de Julho

- 21.00 **A BODA (OS NOIVOS E OS CONVIDADOS)**, de Brecht INTERVALO - Algés Escola - Sala Polivalente
- 23.00 **VIAGGIO ORGANIZATO... MANICOMICS** Piacenza, Itália Escola - Palco Principal

Sex, 16 de Julho

- 22.45 **PERSAS, de Esquilo** ATTIS THEATRE Atenas, Grécia Escola - Palco Principal

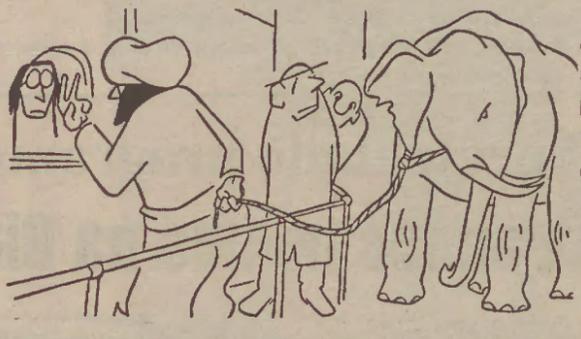
Sáb, 17 de Julho

- 17.00 **DIAS FELIZES**, de Beckett COMP. DE TEATRO DE ALMADA Almada Escola - Palco Principal

- 22.45 **AZUL, BLEU, BLUE**, J. Heredia Sanchez AXIOMA - Almeria, Espanha Escola - Campo de Jogos
- 00.30 **PARA ONDE FORAM OS PEDREIROS...** Colagem de textos TEATRO DA UNIVERSIDADE TÉCNICA - Lisboa Boca do Vento

Dom, 18 de Julho

- 17.00 **DIAS FELIZES**, de S. Beckett COMP. DE TEATRO DE ALMADA Almada Casino da Trafaria
- 22.45 **ENSAIOS PARA SIETE**, de Boguslaw Schaeffer TEATRO NUEVO Madrid, Espanha Escola - Palco Principal



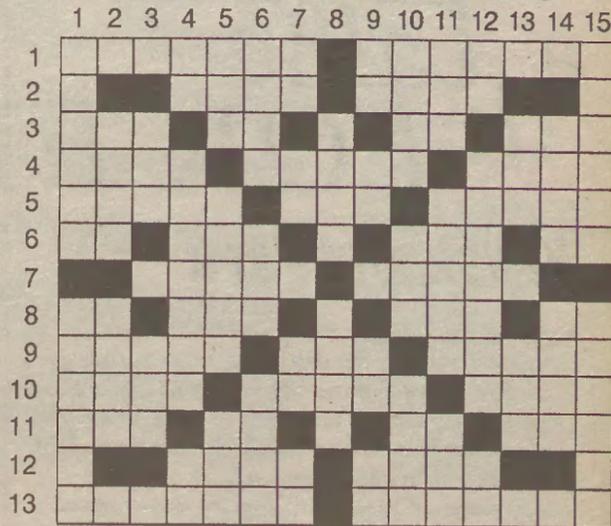
Cinema

| | M. M. Luz | Manuel Neves | Paulo Torres |
|---------------------------------------|-----------|--------------|--------------|
| A Chaplin | ★★ | - | - |
| B Não Há Peixeço que Aguento | ★★ | - | ★★★ |
| C Uma Mulher entre Dois Homens | ★★★ | ★★★ | - |

Classificação de ★ a ★★★★★

- A** - Real. Richard Attenborough - S. Jorge/3 (15.15, 18.15, 21.15) - Lisboa.
- B** - Real. John Landis - Alfa/5 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00); Amoreiras/10 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15); Fonte Nova/1 (14.15, 17.00, 19.15, 21.45); Quarteto/4 (14.45, 17.00, 19.15, 21.45, 24.00); S. Jorge/1 (15.30, 18.30, 21.30) - Lisboa.
- C** - Real. John McNaughton - Amoreiras/8 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00); Quarteto/3 (15.00, 17.00, 19.15, 22.00, 24.00) - Lisboa.

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 - Ladeira; limpam com água. 2 - Curo; erva-doce. 3 - Soberano; nota musical; Alumínio (s.q.); ribeira portuguesa. 4 - Discursas; verbais; grude. 5 - Lodos; dama de companhia; exprimir por palavras. 6 - Arsénio (s.q.); coloração; tempero; apelido. 7 - Espécies; frutos da romãzeira. 8 - Amerício (s.q.); pano de arrás; oceano; o primeiro de todos os números. 9 - Azáfamas; textualmente; Banho de vapor de origem finlandesa. 10 - Existiam; obra de malha feita com fio de linho; em maior quantidade. 11 - Nocivas; Ouro (s.q.); uma vogal (pl.); saudáveis. 12 - Combina; logo em seguida. 13 - Não; mencionaras; pões.

VERTICAIS: 1 - Dobra fazendo rolo; natural da Alemanha. 2 - Épocas; espreita. 3 - Compareciam; ofereces. 4 - Ósmio (s.q.); tiraram com violência; Astatino (s.q.). 5 - Ilesas; esmurras; acolá. 6 - Conjunto de três músicos; batráquios; desmoronar-se. 7 - Àquele; Rádio (s.q.); igreja episcopal; igual (farm.). 8 - Tombar; destino (pop.). 9 - Nota musical; andava; Cádmió (s.q.); Actínio (s.q.). 10 - Enfezadas; emissão de voz; planta herbácea, odorífera, cultivada para fins culinários. 11 - Desprezível; notoriedades; astro-rei. 12 - Carta de jogar; omitiram; isolado. 13 - Resplendor (fig.); umas (ant.). 14 - Remoinhos de água; ligava. 15 - Observara; pasta de farinha para a sopa.

SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

HORIZONTAIS: 1 - Coraram; soleira. 2 - Era; Eva. 3 - Ramas; rasto. 4 - Mó; má; ser; CO; AC. 5 - Are; reatará; uni. 6 - Sama; atoa. 7 - Vira; sina. 8 - Alvo; rosa. 9 - Via; aspirou; sal. 10 - Is; CD; ira; sé; II. 11 - Areca; irara. 12 - Ror; vir. 13 - Mentira; amurada.

VERTICAIS: 1 - Calmas; avisam. 2 - Ora; lis. 3 - Em; vã. 4 - AM; avo; CR. 5 - Remar; aderi. 6 - Ara; erros; cor. 7 - Massa; piara. 8 - Eta; rir. 9 - Serra; raiva. 10 - Ova; reino; rim. 11 - Lasca; usara. 12 - Tó; Aar; ER. 13 - Ut; OS. 14 - Ano; sai. 15 - Amacia; alista.

XADREZ

CDXIX - 15 de Julho de 1993
PROPOSIÇÃO Nº 1993X055
Por: A. PACH
LA STRATÉGIE, 1934

Pr.: [2]: Pg6-Rd4
Br.: [5]: Pg5-Cf7-Ba2-Da8-Rg1



Mate em 3 lances

PROPOSIÇÃO Nº 1993X056
Por: RICHARD RETI
BOHÉMIA, 1923

Pr.: [2]: Pb3-Ra2
Br.: [3]: Bh6-Tc1-R65



Brancas jogam e ganham

SOLUÇÕES DO Nº CDXIX

Nº 1993X055 [A. P.]: 1. Da3, R64; 2. Rf2, Rd4; 3. De3++; SE: 2. ..., Rf4; 3. Dg3++ 2. ..., Rf5; 3. Df3++

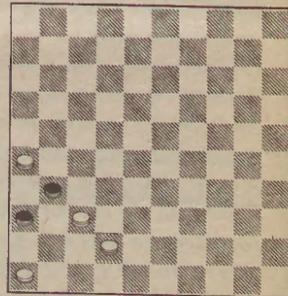
Nº 1993X056 [R. R.]: 1. Tc3, b2; 2. Bc1, b1-D; 3. Ta3++; SE: 2. ..., b1-C; 3. Tc2+, Ra1; 4. Bb2+, Ra2; 5. Bc3+, Rb3; 6. Tb2+, R: c3; 7. T: b1 e ganha. 1. ..., Rb2; 2. Rd4, R-; 3. Bc1 e ganha

A. de M.M.

DAMAS

CDXIX - 15 de Julho de 1993
PROPOSIÇÃO Nº 1993D055
Por: P. VISSER
1001 MINIATUREN - 1938

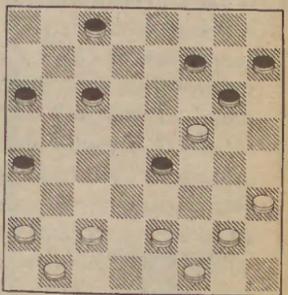
Pr.: [2]: 31-36
Br.: [4]: 26-37-42-46



Brancas jogam e ganham

PROPOSIÇÃO Nº 1993D056
GOLPE Nº 27/93
Por: CARLOS DE ALMEIDA
FRANCISCO - ALMADA

1. 10-14, 22-18; 2. 5-10, 23-20; 3. 12-15, 27-22; 4. 7-12, 20-16; 5. 3-7, 28-23; 6. 15-19, 22-15; 7. 12-28, 32-23; 8. 1-5, 26-22; 9. 14-19, 22-15; 10. 11-27, 30-23; 11. 10-13, 18-14; 12. 13-18, 29-26 DIAGRAMA:



Brancas jogam e ganham

SOLUÇÕES DO Nº CDXIX

Nº 1993D055 [P. V.]: 1. 46-41, (36X38); 2. 37-32, (38X27); 3. 26-37+

Nº 1993D056 [C. A. F.]: 13. 5-10, 14-5; 14. 6-10, 21-14; 15. 10-28, 5-1; 16. 28-32+ [Golpe surgido diversas vezes a C. A. F.]

A. de M.M.

Tempo



Céu limpo em todo o território continental. Subida de temperatura.

a talhe de FOICE

Kavakussi Park

De inculto militante, o Primeiro-Ministro passou anteontem a ficcionista debutante, na entrevista que deu à RTP-1, o que prova não ser apenas Deus que escreve direito por linhas tortas, os ingleses também - pelo menos os da Universidade de York, que afinal sempre sabiam o que estavam a fazer quando embarretaram Cavaco Silva com um doutoramento honoris causa. O homem merece-o e o país também. O de Sua Magestade Britânica, entenda-se.

Adaptando Churchill, que Cavaco admira, nunca tantos ouviram tanto de tão pouco. O rol é vasto e a síntese dura. Esforcemo-nos.

No mundo do Professor há uma Comunidade chamada Europeia que é muito rica e por isso tem duas coisas: uma crise e um líder. A crise resulta da própria riqueza, e ambas se situam principalmente em três sítios chamados Alemanha, Inglaterra e França; o líder nasceu em Portugal e habita um palácio chamado S. Bento.

Definidas as personagens da história, fluem os protagonismos: de um lado a Comunidade, que representa a crise, do outro Portugal, que desempenha a liderança. E o enredo arranca em dois movimentos, concomitantes e no melhor género da narrativa fechada.

Um, com a acção situada na Comunidade, mostra Portugal a liderar todos os bons resultados: a menor taxa de desemprego, o maior crescimento interno, o mais eficaz controle dos fundos comunitários, a menor inflação, as melhores balanças, os maiores investimentos, os grandes planos.

Outro, com a acção localizada em Portugal, mostra o nosso País a vencer todos os maus resultados que se registam na Comunidade: maiores taxas de desemprego, menores crescimentos internos, controles menos eficazes dos fundos comunitários, maiores inflações, piores balanças, menores investimentos e planos.

O Professor garante que os seus parceiros, cumprimentando-o nas reuniões da Comunidade, não cansam de se espantar com isto. Convenhamos que o caso não é para menos: inventar o sucesso ubíquo, é obra.

Quanto ao País que o PSD governa há 13 anos consecutivos e, ele próprio, há dez, esse queixa-se do que não deve.

O desemprego está a diminuir, embora os desempregados cresçam à média de 24000 por mês. As falências encontram-se sob controle, apesar de encerrarem empresas todos os dias.

A agricultura tem problemas, mas o turismo de habitação e o incentivo ao artesanato hão-de recolocar os bois à frente do carro.

Morreram 30 hemodialisados em Évora por incúria dos Serviços de Saúde estatais, mas o mesmo ocorreu na Suíça e na Alemanha e, nem por isso, alguém pôs em causa o Ministério de Arlindo de Carvalho.

As mulheres portuguesas passam a reformar-se aos 65 anos e é muito bem feito, porque também vivem até aos 78, um disparate de longevidade.

Se o porteiro de S. Bento der um murro a um jornalista, o Primeiro-Ministro não tem nada a ver com o caso.

O que o Primeiro-Ministro tem a ver - e gostava de ver reconhecido - é com um interminável curriculum de obras plantadas no País, a quem o seu Governo, qual Spielberg inventando o "Jurassi Park", identificou o ADN e construiu a existência: ele são 10 hospitais que ninguém tinha feito, ele são dezenas de Centros de Saúde que não têm verbas mas existem, ele são escolas que o Governo faz embora as autarquias as paguem, ele são quilómetros e quilómetros de estrada a rasgar por esse País fora, talvez para fugir da miséria.

Neste Parque spielberguiano de realizações, plantadas em Portugal pelo génio cavaquista, só faltou a referência à menina dos olhos do Professor: o Centro Cultural de Belém.

Compreende-se: trata-se do Tiranussaurus Rex do Parque, e o bicho é perigoso até no nome.

HC

Entrevista de Cavaco na RTP Fuga à responsabilidade faltas à verdade e ao confronto com a oposição

O Gabinete de Imprensa do PCP divulgou terça-feira à noite um comentário do Partido à entrevista nessa noite concedida pelo primeiro-ministro Cavaco Silva à RTP. A nota distribuída à imprensa afirma:

1. Num primeiro comentário, o PCP considera que o primeiro-ministro teve como preocupação fundamental fugir às responsa-

bilidades que lhe cabem pela grave situação social e económica do país, refugiando-se na situação de outros países e esquecendo lamentavelmente que o PSD está no governo há 13 anos.

2. O primeiro-ministro faltou à verdade quanto ao número dos desempregados, na situação da saúde - responsabilizando os médi-

cos -, na abordagem dos problemas da segurança social, nos aumentos salariais e repetindo velhos chavões sobre a situação da agricultura.

3. É de salientar a enorme hipocrisia de quem, aparentemente, parece reconhecer a situação difícil e, simultaneamente, mostrar-se auto-satisfeito com a sua governação e

apostado em prosseguir a política que conduziu à grave situação económica e social em que o país vive.

4. No desenho deste debate, mais uma vez o primeiro-ministro fugiu ao confronto directo com as oposições, impedindo assim que os portugueses possam ser esclarecidos acerca de políticas e propostas alternativas.

Relatório e Contas do Banco de Portugal O Primeiro-Ministro deve explicações ao País

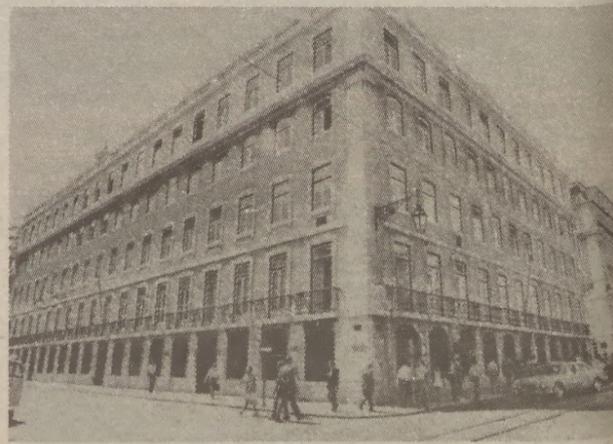
Os valores esta semana divulgados pelo «Relatório e Contas» do Banco de Portugal levaram o Partido Comunista Português a responsabilizar o Primeiro-Ministro e o seu Governo pelos prejuízos registados pela instituição. Numa nota do Gabinete de Imprensa do PCP, divulgada na terça-feira, afirma-se serem aquelas entidades as «primeiras responsáveis» por esses prejuízos, dada «a completa irresponsabilidade das políticas monetária e cambial do Governo», entretanto, «mais uma vez, comprovada pelos factos».

O «Relatório e Contas» do Banco de Portugal relativo ao ano de 1992 explicita que as intervenções do Banco Central no mercado monetário, «tendo em conta as orientações do Governo», para manter a

nível elevado as taxas de juro de forma a sustentar um escudo sobrevalorizado, conduziram a que o Banco registasse, no ano passado, um prejuízo da ordem dos 82 milhões de contos (dos quais 72 milhões de contos foram cobertos por utilizações de provisões criadas até 1986).

O PCP lembra que, o mesmo «Relatório e Contas» afirma que esta situação já vem a verificar-se desde 1988, conduzindo a prejuízos do Banco de Portugal que consumiram 400 milhões de contos das suas provisões, «levando ao seu esgotamento integral em 1992», e implicando «a indisponibilidade do Banco para, a partir de agora, acorrer à cobertura de prejuízos»!

«Além do mais, a política



O relatório e Contas do Banco de Portugal põe em causa as orientações do Governo

irresponsável do Governo de Cavaco Silva do escudo sobrevalorizado e de taxas de juro altas está a provocar um número crescente de falências, encerramento de empresas e de desempregados, e ameaça agora a "banca-rotta" do próprio Banco de Portugal», diz a nota.

O PCP considera que o Primeiro-Ministro deve, com urgência e sem subterfúgios, explicações ao País sobre a delapidação de 400 milhões de contos das provisões do Banco de Portugal e sobre os prejuízos registados pelo Banco até à presente data.

Apresentado programa da Festa Grandes nomes na Bienal

O programa cultural e político da Festa do «Avante!» foi terça-feira apresentado publicamente, numa conferência de Imprensa dada no edifício Vitória por membros da direcção da iniciativa: Henrique de Sousa, Ruben de Carvalho, Fernando Vicente e Margarida Silva. De entre as novidades divulgadas, detalhadamente descritas no suplemento que acompanha a edição de hoje do «Avante!», destaca-se o anúncio de alguns dos nomes participantes na VIII Bienal de Artes Plásticas, a iniciativa cultural mais importante na exposição complementar sobre alguns apontamentos da arquitectura e do design contemporâneo, na qual vão estar, entre outros: Siza Vieira, Alcino Soutinho, Domingos Tavares,



Momento da apresentação do Programa da Festa, cujos detalhes constam no Suplemento desta edição

Maria Gabriel, Rogério Ribeiro, Virgílio Domingues, Maria João Franco, Teresa Magalhães, Hilário Teixeira Lopes, Álvaro Perdigão, Henrique Silva, Gordillo e José Aurélio.

Souto Moura, Fernando Távora, Carrilho da Graça, Manuel Vicente, Santa Rita, Manuel Tainha, Daciano Costa, Eduardo Afonso Dias, Raul Cunca, Marco Sousa Santos, José Viana, Filipe Alarcão e Sena da Silva.

Na Exposição de pintura e escultura são presenças já confirmadas, entre outras, as de: Alberto Pêssimo, Bartolomeu dos Santos, Costa Martins, Edgar Xavier, Fernando Cruz, Isabel Laginhas, Jorge Pinheiro, José Augusto, Luís Ralha,



A Festa!

AMORA-SEIXAL
3, 4 e 5 SETEMBRO

Swante!

Director

Carlos Brito

SUPLEMENTO Nº 1

15 de Julho de 1993

Não pode ser vendido
separadamente

Music
for
Peace



8

FESTA
1993
Swante!

CONEXION Latina



Lissabary



Jorge Pardo

DESPORTO
CAMARA MUNICIPAL
LISBOA

A
76



Avante!
Director
Carlos Brito
SUPLEMENTO Nº 1
15 de Julho de 1993
Não pode ser vendido
separadamente

Festa!
AMORA-SEIXAL
3, 4 e 5 SETEMBRO

Music
for
Peace



ALIAS RON **KAVANA**

MADREDEUS

Delfins



**SÉTIMA
LEGIÃO**

SITIADOS

FESTA
1993
Avante!



XUTOS E PONTAPÉS



Brigada Victor Jara

com
Manuel
FREIRE



A Orquestra Conexión Latina interpreta composições assinadas pelos nomes mais prestigiados da música latino-americana, a que se dá a designação de *salsa*: Paquito d'Rivera, Arturo Ortiz, Tito Allen, Eddie Martinez e Oscar Hernandez assinam essa música contagiante, formada no palpante e energético fulgor dos ritmos das Caraíbas, capaz de fazer pular para a dança qualquer pé-de-chumbo mais pesado.

A orquestra, fundada por Rudi Fuesers, actuou pela primeira vez em Abril de 1981 e nesse mesmo ano gravaria o disco «Calorcito», contando com a participação de Benny Bailey e Bob Coassin, Don Rader e Joe Gallardo. O sucesso obtido com o disco teve a consequência imediata do convite para actuação nos grandes festivais de *Salsa* de Berlim, Colónia e Frankfurt, acompanhando os grandes do género: Tito Puentes, Mongo Santamaria, Ruben Blades, Iraquere, Willie Colon e Tito Allen. É pois uma grande orquestra de *salsa*, esta Conexión Latina que vem à Festa do «Avante!». É a orquestra que a maior

tratou de reunir em toda secção rítmica da banda, músicos de diversos países latino-americanos, dando-lhe a autenticidade necessária para este género musical, abrihantado por uma secção de sopros (trombones e trompetes) capaz de dar temperamento e energia sem os quais a *salsa* não sobrevive.

Depois de «Calorcito» seguiu-se a gravação de «Un Poco Loco» onde se destacam as actuações dos músicos Hector Martignon, Fredie Santiago e, novamente, Joe Gallardo (todos eles membros da banda), para além dos convidados, Heinz von Hermann e Roman Scwaler.

Em 1990 juntou-se a esta orquestra o mundialmente famoso timbaleiro e percussionista, Nicky Marrero, um norte-americano que desde 1966 tem tocado em tudo o que é festival de Jazz e gravou discos com gente tão ilustre como Dizzy Gillespie, Manhattan Transfer, Spyro Gyra, Fania All Stars, Bill Withers, Sther Williams, Jorge Dalto, Jerry Gonzales, Linda Ronstadt e Eddie Palmieri, no que resultou na atribuição de três

Super Salsa



CONEXION LATINA

estação radiofónica de Puerto Rico, a Z 93, transmite diariamente na sua programação, apesar de nunca ter tocado ao vivo naquele país. É a orquestra que com «Bomba Puertorriqueña» ocupou durante semanas o primeiro lugar das vendas de discos no Panamá. E, apesar destas referências elogiosas provenientes dos países onde a *salsa* tem origem, um dos aspectos mais curiosos desta formação é que o seu país residente não estará propriamente vocacionado para dançar os ritmos escaldantes da América Latina. De facto, foi na Alemanha que tudo começou: a ideia de juntar uma formação para uma orquestra de *salsa* partiu do referenciado Rudi Fuesers, um prestigiado trombonista de Jazz alemão, que no entanto

prémios Grammy, os mais importantes no mundo da música popular, anualmente entregues nos Estados Unidos da América.

Estados Unidos onde esta Conexión Latina é presentemente um sucesso de vendas de discos depois de ali ter sido lançado o titulado «Mambo 2000», onde, com Nicky Marrero, se destacam as interpretações do trompetista Benny Baily e do saxofonista Bobby Stern.

Quase não será preciso explicar, no entanto, que, tal como qualquer grande orquestra de *salsa*, é ao vivo que esta Conexión Latina pode mostrar tudo o que vale. Em cima do Palco 25 de Abril vão reunir-se 16 músicos capazes de mostrar as mil e uma razões por que a *salsa* não passa de moda.

Com muito MOLHO

Um senhor chamado Izzy Sanabria, que no início dos anos 70 dirigia e publicava a revista *Latin NY*, isto é, *Nova Iorque Latina*, continua ainda hoje a afirmar que é o inventor do termo *salsa* para designar a música de raiz afro-cubana feita em Nova Iorque.

Ninguém parece conceder grande crédito a esta sua reivindicação, até porque anos antes da *Latin NY* sair dos prelos, Pupi Legarreta, em 1962, via o seu disco *Salsa Nova* ser publicado em NY e um LP do venezuelano Federico y Su Combo Latino seria editado quatro anos mais tarde trazendo em título *Llegó la Salsa*.

Salsa aqui deve, evidentemente, ser tomada no seu significado castelhano e não português: não se trata da ervinha que, juntamente com os coentros, é axial na lusitana culinária, mas sim da forma como nos países hispânicos se designa o *molho*. E, de facto, musicalmente falando, estamos, no fundo, face a música cubana (rumbas, guangancós, son, mambos, guajiras, etc.) temperadas com ritmos e estruturas de jazz, de blues, por vezes mesmo de rock, concedendo-lhe uma sonoridade algo diferente, mas, sobretudo, um ritmo mais vivo e acelerado.

Como sempre sucede nestas circunstâncias, as influências foram múltiplas e, depois dos ritmos do Caribe e da América Central terem ido para o Norte, a *salsa* veio para o Sul, em muito contribuindo para desenvolver expressões musicais que tendiam a cristalizar em modelos com poucas alterações desde os anos áureos das décadas de 40 e 50 em que todo o mundo dançou ao som dos mambos, rumbas e boleros. Os últimos anos trouxeram à *salsa* uma especial popularidade entre o público europeu, certamente como reacção à hegemonia dos sons eléctricos de guitarras, sintetizadores, computadores e outras peças da parafernália de qualquer grupo musical pop ou rock. Diferentemente disso, a *salsa* propõe o som puro e vibrante dos metais, das percussões e dos saxofones, exigindo aos executantes uma qualidade e um vigor que desde sempre fizeram dos percussionistas e sopros latino-americanos padrões respeitados pelos mais exímios *jazzmen* norte-americanos e pelos mais requintados músicos da área clássica.

Esta popularidade permitiu ultrapassar o que fora um factor de condenação das grandes orquestras nas décadas de 70 e 80: o grande número de músicos e os custos inerentes. A verdade é que uma banda rock de cinco elementos, armada de amplificadores e teclados, produzia um volume sonoro tão grande ou maior - dependendo da amplificação... - do que uma *big band* de quinze músicos. Mas os ouvidos também se tornaram mais exigentes e a generalização do CD veio revelar a muita gente a riqueza dos timbres, dos arranjos, dos ritmos de uma orquestra de instrumentos acústicos a abrir...

Folk/Rock Wolfstone

Wolfstone é o nome para a mistura exuberante de um *rock* que se exprime em qualidade suficiente para poder mostrar-se consequente nos dias de hoje, com a alma e o sentimento da música tradicional da nação de origem dos membros que formam este grupo: a Escócia. Acima de tudo, a Wolfstone afirma-se uma banda de música tradicional das Highlands, entusiasticamente apaixonada pelo tempo que vivemos e pelo tempo que fará o futuro. O resultado é uma explosão de música, só possível de transmitir pelo talento e capacidade de oito dotados instrumentistas, entusiasticamente recebidos na Europa através de dois discos e muitos espectáculos. É daí que nos vem a reputação com que esses músicos chegam à Festa: «monstros do rock escocês», nem mais!

No final dos anos 80, Duncan Chisholm (que toca *fiddle*) e alguns amigos formaram na Escócia um

grupo de dança que tocava música tradicional da sua terra. Foi a formação original da Wolfstone que incluía já o teclista Struan Eaglesham, o guitarra eléctrica Andy Murray e o compositor/cantor Ivan Drever.

Ao longo da experiência de trabalho em comum, os membros da Wolfstone foram a pouco e pouco pisando os trilhos do *rock*, numa fusão com a *folk* que se tornava possível pela instrumentação utilizada no esqueleto musical do grupo mas, sobretudo, pelo partilhar de influências comuns aos músicos. A verdade é que essa mistura acabou por dar forma a uma música capaz de granjear cada vez maiores audiências, congregando à sua volta públicos de origens e gerações diversas: desde os amantes da *folk* mais tradicional aos mais «radicais» adeptos do *rock* contemporâneo. A prová-lo, as sucessivas digressões feitas pela Wolfstone nos circuitos britânicos,

habitualmente restritos ou exclusivos, dos festivais *folk* por um lado e dos clubes *rock* por outro.

Na Primavera de 1991, a banda assina contrato com uma editora que procurava novos talentos no domínio da música tradicional britânica, a Iona Records, e grava, com produção de Phil Cunningham, o álbum «Unleashed» que rapidamente se tornou no maior sucesso de vendas da etiqueta. Na sequência dessa edição, a Wolfstone cumpriu um produtivo e enriquecedor ano de digressão, transformando-se em embaixatriz da música escocesa, em festivais de música no País de Gales, Inglaterra, Irlanda, Holanda, Dinamarca e Espanha e Canadá. Um ano depois

O que é o RAP

Um qualquer dicionário de inglês esclarece que *rap* pode ter na língua de Shakespeare e de Laurie Anderson dois tipos de significados: pancada (a pancada de bater a uma porta, por exemplo) ou bagatela, coisa de pouca importância. Curiosamente, em ambos se pode buscar a origem da adopção de tal designação para o fenómeno musical surgido nos bairros pobres de Nova Iorque - nomeadamente os bairros negros e os hispânicos - no final dos anos 60.

Do ponto de vista da música, o *rap* começa essencialmente com a moda do disco, a sua batida obsessiva e a sua vocação intensamente dançável. A questão colocou-se quando o disco revelou a sua quase nula versatilidade, a sua pobreza intrínseca que dele faria, aliás, uma das mais efémeras modas musicais das últimas décadas. No crepúsculo do consumo disco, os disc jockeys das discotecas em todo o mundo começaram a intervir directamente sobre os próprios discos, utilizando os efeitos das suas mesas (ecos, dubbings, etc.), os *pitchs* dos gira-discos (acelerando ou atrasando a velocidade de rotação dos discos) e a sua própria voz, cantando ou falando sobre as músicas gravadas.

Daqui a criação de peças próprias de cada DJ, resultando de montagens de vários temas sobre os quais o DJ cantava ou falava foi um passo, sendo o seguinte o que tirou os DJs detrás das consolas de discoteca para os pôr a dançar e actuar em palco como cantores e dançarinos sobre um fundo de música gravada por eles próprios montada e produzida. O aparecimento dos mini-estúdios com possibilidade de gravação de cassetes em várias pistas e o desenvolvimento dos sintetizadores, caixas de ritmos, etc. ainda mais facilitaram esta possibilidade de realizar montagens para utilizar como fundo de actuações.

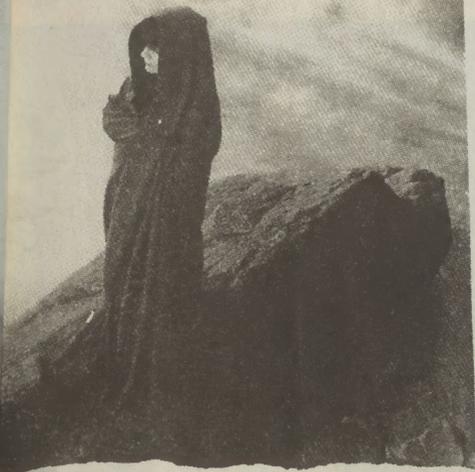
Naturalmente, os trechos de discos utilizados para estas montagens privilegiavam as sequências rítmicas mais marcadas, os solos de percussões, fossem as das orquestras afro-cubanas, fossem as de rhythm & blues e rock. Ou seja, a batida, a pancada - o *rap*.

Entretanto, a pobreza dos bairros periféricos de Nova Iorque, e muito especialmente os maioritariamente habitados pela população negra e originária da América Latina, é suficientemente dura e violenta para afastar mesmo de discotecas e *dancings*

relativamente marginais uma vasta população juvenil que tem nas ruas o seu habitat constante. O aparecimento no início dos anos 80 dos potentes aparelhos a pilhas portáteis leitores/gravadores de cassetes, com reprodução e gravação estéreo e com potências de saída da ordem das dezenas de watts, vieram criar condições para trazer a discoteca para o meio da rua.

Em torno da música transmitida pelos «tijolos», surgiu primeiro uma dança - a *breakdance*. Tão depressa os tijolos passaram a incluir a possibilidade de se lhes ligar um microfone, o DJ saltou também para o meio da rua e a generalização do *rap* como um fenómeno cultural de massas, com uma linguagem própria na sua poesia, com uma inesperada criatividade rítmica e técnica nas montagens sonoras, com uma expressão plástica na explosão dos *graffiti* feitos a aerosol e um público entusiasta maioritariamente negro e hispânico, que nele encontrava uma forma de afirmação. Primitivamente considerado pelos críticos e pelas editoras uma... bagatela, o *rap* ganhou a cidadania que leva a que um homem como Quincy Jones o considere como a mais autêntica e criadora expressão





Wolfstone

surge, com o mesmo produtor, o álbum «The Chase», que lhe dá a consagração não só nas nações célticas mas em toda a Europa, onde a banda chega através da gravação *video* de um fabuloso espectáculo efectuado no Aberdeen Music Hall. Entretanto o grupo fora enriquecido com a participação do baixista Wayne MacKenzie e do baterista «Mop» Youngson (que fazem uma secção rítmica inebriante). Na gaita-de-foles e flautas surge Roddy McCourt enquanto Stuart Eaglesham contribui para o som do grupo com guitarras e voz, que partilha com Ivan Drever em canções como aquela que serve de referência do grupo: «The

Prophet». Com a atribuição de galardões em ouro e prata pelas vendas obtidas, a Wolfstone transformou-se, com apenas dois discos, numa força importante na cena musical britânica e com as digressões feitas em inúmeros países da Europa, chega à Festa referenciada como possuindo um dos mais poderosos sons ao vivo provenientes da Escócia. O interesse da sua presença na Atalaia vem acrescido de um facto: a possibilidade de escutarmos pela primeira vez canções do futuro terceiro disco do grupo. Tudo ingredientes para enriquecer a tradição de espectáculos musicais da Festa do «Avante!».

Alias Ron KAVANA

Grandes discos e grandes espectáculos são promessas já por diversas vezes cumpridas pelo grupo formado em torno da personalidade de Ron Kavana: indicado pela revista *Folk Roots* como a melhor banda do mundo em espectáculos ao vivo, ou considerado pelo *New Musical Express* como tendo produzido, com a sua última gravação, um álbum «assinálável», «emotivo» e «glorioso», os elogios da crítica e o aplauso do público não são poupados para o trabalho do Alias Ron Kavana, formação este ano visitante da Festa do «Avante!» e que desde 1989 contabiliza, em digressões, a bonita soma de uma audiência estimada nos seus espectáculos de... quatro milhões de pessoas! Mick Molloy (guitarras eléctricas ou acústicas, banjos, mandolins, etc.), Fran Byrne (*bodhrán*), Richie Robertson (baixo), Les Morgan (bateria e percussões) e, naturalmente, Ron Kavana (voz, guitarras e sintetizadores) constituem a formação original deste «Alias...» que provém da Irlanda e que no último par de anos transformar-se-ia numa banda de culto da música com raízes célticas, aplaudida não só na Europa mas também no exigente mundo musical dos Estados Unidos da América.

A esta formação base do grupo juntar-se-iam dois músicos de gaita-de-foles: Francie & Jack Macilduff, um dia descobertos por Ron Kavana, quando procurava um bom executante da complexa e difícil *Uilleann piper*, uma gaita-de-foles irlandesa mais sofisticada e versátil que a mundialmente conhecida gaita-de-foles escocesa. Ao ouvir os Macilduff, Kavana acabou por convidar dois novos músicos, e não apenas um, para integrarem o seu grupo. Também por essa altura, a meio de 1992, Miriam Vandebosch (hoje Mrs. Kavana), uma alemã, virtuosa executante do *fiddle*, iria aumentar a formação deste grupo que seria ainda alargada com a entrada de um segundo percussionista: Charlie Grima. Fica assim a banda constituída por nove músicos, correspondendo a um antigo projecto de Ron Kavana de formar uma espécie de *big band* da música *folk*. Eles chegam até nós prontos para demonstrarem no Palco 25 de Abril as razões por que se apresentam em todo o mundo munidos de tão elevadas credenciais, sendo legítimo alimentarem-se as melhores expectativas para o que vai acontecer, em Setembro, na Atalaia. O primeiro álbum do grupo,

intitulado *Think Like a Hero* e editado em Outubro de 1989, apresentou um grupo de *folk* electrificado que imediatamente obteve elevada repercussão nos Estados Unidos e na Europa, reforçada posteriormente pelo lançamento em 1991 de *Coming Days*. Nesse mesmo ano, Ron Kavana, gravaria a *solo* um álbum inteiramente acústico, que revelaria uma nova faceta da sua capacidade criativa. Música de fusão enraizada na melhor tradição *folk* da Irlanda, o grupo Alias Ron Kavana coloca-se nestes anos 90 à frente da evolução proporcionada, a partir dos anos 70 e com significativas expressões no final dos anos 80, pelas sucessivas gerações de novos músicos que protagonizaram o movimento da chamada *revival folk*. O Alias Ron Kavana parece ultrapassar largamente o alcance habitual de outros prestigiosos agrupamentos, invadindo o mercado com canções que falam desassombradamente do mundo que nos rodeia: da política, dos políticos, da liberdade, da opressão, da injustiça mas, também, do amor, da generosidade, da beleza, da capacidade criadora da humanidade. Ideal para a Festa? Obviamente que sim.



O auditório 1.º de Maio vai receber José Eduardo e Lusitânia Expresso, uma formação que como o nome indica vem de Espanha, trazendo composições originais de uma música construída entre as raízes da música ibérica e o jazz. José Eduardo é um português, que vive em Barcelona, já conhecido do público da Festa: tem uma carreira dividida entre o ensino da música e a execução do instrumento que adoptou: o contrabaixo. Depois de ter dirigido e fundado a Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal, José Eduardo radicou-se em Barcelona onde dirige há alguns anos o programa de estudos do Taller de Musics. Como músico trabalhou praticamente com alguns dos nomes mais importantes do Jazz europeu e com *big bands* como a que ajudou a formar ainda no Hot Clube de Portugal. Na Festa apresentara-se já com José Eduardo Unit, no ano de 1991. Jorge Pardo já esteve também na Festa, mas em 1983, quando trouxe ao Alto da Ajuda o seu Quinteto. Na altura, os portugueses já o conheciam como o flautista que acompanhou Paco de Lucía num espectáculo em Portugal. Mas a carreira do músico passa pelo trabalho com nomes como Chick Corea, Tania Maria, Astrud Gilberto, Michael Gralier e George Arvanitas e por uma extensa discografia que o coloca no ponto cimeiro do Jazz proveniente do país vizinho, rotulado que é pela imprensa especializada como «um dos melhores saxofonistas europeus do momento». A originalidade deste José Eduardo e Lusitânia Expresso está na inclusão de um músico de guitarra flamenca, Rafael

JAZZ & FLAMENCO



Canizares, um jovem que acompanhou os mais prestigiosos «cantaiores» de flamenco: El Lebrijano, El Cabrero, Manuel Gerena com o qual esteve em Portugal, entre outros. Esteve nos Estados Unidos da América para uma série de concertos em universidades para regressar o ano passado a Espanha onde, desde então, tem actuado com o seu irmão, José. Curiosamente, os dois irmãos fizeram a primeira parte dos concertos do grupo *Dire Straits*, na recente digressão destes por Espanha. A acompanhar estes três músicos de eleição, vem um jovem pianista apelidado de «revelação» britânica e que contabiliza vários prémios como «melhor pianista de jazz britânico», «pianista mais promissor», etc. Chama-se Jason Rebello, percorreu todos os festivais de Jazz importantes da Europa, e da sua biografia musical faz parte uma *tournee* no Japão como pianista de um grupo de Wayne Shorter. Actualmente dirige o seu próprio grupo, com o qual gravou recentemente o seu segundo LP, significativamente produzido pelo mesmo Wayne Shorter. Este grupo inclui ainda Stephen Keogh, um baterista irlandês que é também um percussionista clássico, tendo trabalhado com várias orquestras sinfónicas do seu país. Estudou bateria em Nova Iorque com Billy Hart e tocou, no entanto, com Art Farmer, Harold Land, Charles McPherson ou Sonny Fortune. Finalmente, a percussão latina e as tablas fazem parte do José Eduardo e Lusitânia Expresso através de Bondo, um músico nascido em Goa, que depois de alguns anos passados em Londres, viveria algum tempo em Lisboa onde trabalha regularmente com Rão Kyo. Em Madrid grava assiduamente com os nomes mais importantes do moderno flamenco, tais como Ketama, Jorge Pardo, etc. José Eduardo e Lusitânia Expresso: uma proposta original para a Festa.

José Eduardo

Lusitânia Expresso

cultural norte-americana depois do jazz. Pelas suas origens em comunidades pobres e segregadas, o rap afirma-se desde sempre à esquerda. Uma posição de esquerda que se manifesta antes de tudo e acima de tudo num anti-racismo militante que acaba em si próprio a constituir também o passaporte que o leva a ser adoptado junto de comunidades com vivências semelhantes, como o sejam as comunidades africanas da Grã-Bretanha ou as maghrebins e negras da *banlieue* de Paris. Mas que desperta também perplexidades pelo recurso ao vocabulário, ao calão contudente e expressivo que constitui a linguagem corrente dos bairros populares onde o rap nasceu e cujo uso acaba a ser exactamente um dos claros índices da sua autenticidade e do seu poder de comunicação e de expressão. O rap chegou já a Portugal. Não apenas em disco, mas feito, criado, correspondendo afinal a uma realidade urbana que se alarga ao nosso país. É um facto cultural novo, de futuro incerto, mas correspondendo desde já a alguns dos traços mais apaixonantes que assume em todo o mundo: é jovem, é solidário, é anti-racista. Vai estar na Festa. Em português.

PORTUGUESES

Sétima Legião



Desde a sua primeira edição, a Festa do «Avante!» foi o local que, com regularidade, melhor espelhou e evoluiu, desde o final dos anos 70 até aos nossos dias, da produção contemporânea de música portuguesa, sobretudo nas suas diversas componentes que formam o todo da sua expressão popular. Mais uma vez, este ano, um conjunto extremamente significativo de participações de grupos e artistas portugueses vai mostrar na Festa o que tem sido a produção musical no nosso país, quais as correntes que se mostram dominantes, quais as alternativas que surgem... porque é que a música portuguesa gosta tanto de estar nesta Festa!

Madredeus e Xutos

Da programação para este ano, o difícil será destacar do conjunto uma ou outra participação, já que a popularidade e qualidade dos grupos e artistas participantes é semelhante. Teremos no entanto de começar por alguém: seja então pelo grupo **Madredeus**, chegados à Festa depois de um ano de intenso trabalho que incluiu a comercialização de um álbum duplo que reproduzia o espectáculo no Coliseu dos Recreios de Lisboa, em 1991, quando o grupo de Teresa Salgueiro, Rodrigo Leão, Francisco Ribeiro, Pedro Ayres de Magalhães e Gabriel Gomes tocou com Carlos Paredes e Luísa Amaro. Depois foi uma digressão europeia, com coroa de glória em sucessivas lotações esgotadas, em locais como o prestigiado **Théâtre de la Ville** em Paris e a internacionalização consequente da sua música: os discos do **Madredeus** vendem-se na Bélgica, França, Espanha, Japão e Grécia, seguindo as pisadas do sucesso dos espectáculos do grupo. O álbum «*Dizer Não de vez*» trouxe de regresso aos discos, após dois anos de ausência, os **Xutos & Pontapés**, novamente capazes de ser protagonistas da «pedrada no charco» que de vez em quando a música feita em Portugal necessita. Os autores de «*Chuva Dissolvente*» vão à Festa no ano em que comemoram 15 anos de carreira, agora com o projecto revitalizado depois de um paragem para «recarga energética» e aproveitamento dos músicos que formam a banda para envolvimento em trabalhos como o da **Resistência** ou o **Johnny Guitar**. Para breve promete-se a edição de novo álbum dos **Xutos**, banda de palavras inequívocas e de música cuja única rotulação possível também não deixa espaço para dúvidas: puro *rock*.

Sitiados e Delfins

De como o *rock* pode ser genuinamente português percebem os **Sitiados**, protagonistas o ano passado de um dos mais entusiasmantes espectáculos dos últimos anos da Festa do «Avante!». Agora regressam à Atalaia prontos para mostrarem novas canções de um novo disco e de reafirmar uma das forças da sua natureza: alegria contagiante! É a recriação e a nova forma de interpretar as habituais abordagens que ao longo dos anos têm sido feitas sobre a música tradicional portuguesa, é a conseguida adesão do público à festa permanente que os membros da banda entendem que deve ser a música. Se quisermos escolher quatro ou cinco espectáculos inescusáveis de música portuguesa na Festa do «Avante!», teremos também de incluir num dos lugares do topo a presença em 1991 do grupo **Delfins**, que provaram, a quem tivesse dúvidas, como os espectáculos *rock* no nosso país podem atingir elevados níveis de profissionalismo e porque é que acenta tão bem no grupo o temerário rótulo de: melhor banda portuguesa em espectáculos ao vivo. Ainda por cima estes são os autores dos dois versos mais populares da música portuguesa da última década: «Quando alguém nasce/nasce selvagem...»

Sétima Legião

O grupo **Sétima Legião** é um caso de unanimidade nacional. No final do ano passado foi lançado o disco «*O Fogo*», um acontecimento aprioristicamente marcante no mundo musical do nosso país, tal como aconteceu com os trabalhos anteriores de uma banda que há meia-dúzia de anos se mostrou percursora de um movimento de reafirmação da música com carácter português. Através de uma expressão multi-instrumental, do mais ignorado e etnológico instrumento tradicional ao mais avançado e tecnológico sistema digital, a música do **Sétima Legião** encontrou essa forma de se identificar inequivocamente como portuguesa mas também a capacidade de transmitir uma linguagem universalista, porque receptora e manipuladora de influências que chegam das mais diversas partes do mundo. O resto é a poesia das canções, agora participantes da Festa.

Fernando Girão e Paulo Gonzo

Fernando Girão passou pelo *rock*, fez música com base nos ritmos africanos, cantou o jazz americano, o Brasil, produziu grupos em Espanha. Tal como a sua vida, a sua música tem o lugar de todas as terras. Resultados de uma eterna viagem que começou na sua própria gestação: o pai, **Fernando de Freitas** (guitarrista e compositor), conheceria a mãe do futuro músico, a cantora brasileira **Maria Girão**, quando acompanhava **Amália Rodrigues** numa digressão pelo Brasil. Da união nasceria em São Paulo, **Fernando Girão**, educado no Rio de Janeiro até aos 17 anos, altura em que viria para Portugal, onde rapidamente se inseriu na cena *rock* local, fundando o grupo **Pentágono**. Este ano o cantor e autor lançou um álbum

intitulado «*Outros Fados*», um trabalho onde se interpretam seis temas compostos por **Girão** e outros quatro fados clássicos, entre os quais «*Sardinheiras*» composto por seu pai, **Fernando de Freitas** e com letra de **João Linhares Barbosa**. Na Festa, **Girão** vai mostrar como reinterpreta o fado, levando-o de novo até às suas origens mais profundas, lá onde encontrou África...

Paulo Gonzo, o líder da «histórica» **Go Graal Blues Band**, deu-se a conhecer a um novo público ao editar no princípio deste ano o álbum «*Pedras da Calçada*», que para além da canção que deu título genérico ao longa duração, criou ainda um outro *hit*: «*Caprichos da Lua*». Ao cantar em português (ao contrário do que fez na **Go Graal** ou em anteriores discos *solo*, onde o inglês foi a língua adoptada) um conjunto de boas canções românticas que constroem um *blues* à portuguesa, legitimado por uma longa e coerente carreira do músico, **Paulo Gonzo** conseguiu o sucesso comercial que a qualidade do seu trabalho há muitos anos reivindicava. Um dos lugares de destaque na Festa, para uma das melhores vozes deste país... seja cantando em português ou em inglês.

Quadrilha Brigada... Manuel Freire

Um grupo que se autodescreve como sendo de música *folk* actual, «com raízes na tradição Celta e na Música Popular Portuguesa» lançou no princípio deste ano o álbum «*Contos de Fragas e Pragas*». O nome da formação onde pontificam a voz e as letras de **Sebastião Antunes** é **Quadrilha**, que talvez alguns conhecessem quando há cinco anos se apresentavam como **Peace Makers**. O álbum de estreia deste grupo mereceu generalizados elogios da crítica portuguesa e para além de temas originais como «*Ai Caramba*» e «*Temporal*», inclui versões para temas de **José Afonso**: «*Chamaram-me Cigano*» e «*A Mulher da Erva*». Vão estar na Festa! Finalmente, uma referência para aquele que será um dos principais espectáculos da edição de 1993 da Festa do «Avante!»: o reaparecimento de **Manuel Freire**, o cantor e compositor da letra de **António Gedeão**, a encantada «*Pedra Filosofal*», há já quase vinte anos. «O sonho comanda a vida» poderia ser o mote para um espectáculo em que participa a **Brigada Victor Jara**, talvez o grupo com trabalho mais consistente no domínio da Música Popular Portuguesa, que se juntará a **Manuel Freire** para um acontecimento especialmente preparado para a Festa.

Madredeus



FESTA 1993 (Avante!) O sonho comanda a vida

Vinte anos é um número redondo. Dentro dele crescem gerações inteiras, com ele 20 vezes a Terra gira a sua longa viagem à volta do Sol e nestas contas, que o homem deita para celebrar o que vive, os números ganham e dão magia às coisas com sentido. Há 20 anos, em Portugal, o sentido das coisas consistia no claro afrontamento às coisas sem sentido que «estrangulavam o País: uma guerra colonial em paroxismo, um regime fascista corrupto e assassino, um quotidiano de sombras, revolta e medo. E de luta em todas as frentes porque, como havia dito o Poeta na frente das palavras, «eles não sabem nem sonham que o sonho comanda a vida». Um sonho de paz e de liberdade, de justiça e de progresso, de igualdade e de bem-estar. Enfim de cultura, porque «sempre que o homem sonha, o mundo pula e avança como bola colorida entre as mãos de uma criança». Há 20 anos, em Portugal, a

luta pelo sonho também se fazia de canções. Poetas e Trovadores, de engenho e arte a tiracolo, joradeavam em palcos cada vez mais numerosos e menos clandestinos a intervenção do talento, o protesto da

arte, a mobilização da cultura na luta geral contra o regime fascista. Está por fazer a história completa da «música de intervenção» e intervenção da música, quer na luta do povo português contra a ditadura, quer na

luta pela construção e defesa do Portugal de Abril. Será, todavia, pacífico homenageá-la através de uma canção que a todas pode simbolizar, pois todas, nela, podem encontrar ecos de si próprias. Referimo-nos

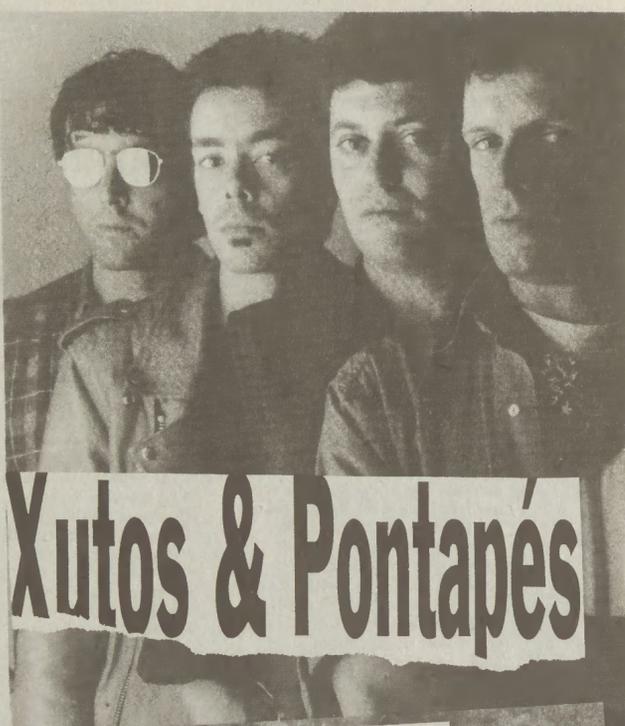
à «*Pedra Filosofal*», o magnífico poema de **António Gedeão** que **Manuel Freire** musicou com grande inspiração, faz dentro de alguns meses 20 anos. Vinte anos é um número

redondo. A «*Pedra Filosofal*» tem essa idade e a Festa do «Avante!» vai assinalá-la com o próprio **Manuel Freire**, que será devidamente acompanhado pela **Brigada Victor Jara**, um

grupo que se formou em 1977 e que tem um papel fundamental na recriação da música tradicional portuguesa, tal como o demonstrou em sucessivas participações na festa do «Avante!».



Brigada Victor Jara Manuel Freire



Xutos & Pontapés

Quadrilha Fernando Girão



Paulo Gonzo



Issabary

A música africana criou largas tradições na Festa do «Avante!», seja pelos importantes nomes que por ela passaram e que foram responsáveis pela popularização destes ritmos endiabrados na Europa e nos Estados Unidos, seja pela presença constante dos nomes mais representativos da música dos países africanos de língua oficial portuguesa. Este ano, o grupo guineense Issabary volta a actuar na Atalaia, depois da recente edição de um disco compacto onde se espelha uma nova fase da já longa carreira do grupo. Os ritmos, instrumentos e a força da música africana vão estar de novo nos palcos da Festa.

E vão oito

A VIII Bial de Artes Plásticas é o acontecimento dentro do grande acontecimento que em si mesma é a Festa do «Avante!».

Desde a primeira iniciativa que a Bial se tornou por excelência num lugar de encontro entre a obra de artistas plásticos e o vasto e heterógeno público da Festa. Pessoas de todas as idades, de todo o país, dos mais diferentes níveis económico-culturais dispõem assim de uma oportunidade, única para muitos, de ver e conhecer o trabalho dos nossos artistas. Como sempre, a Bial - sendo uma homenagem à criatividade - constitui uma oportunidade para aproximar artistas e público, estimula a criação individual e colectiva, promove a criação e fruição cultural.

E porque o objectivo é sempre ir mais além, a Bial apresenta este ano duas modalidades que não poucas vezes consideramos dissociadas da arte: a Arquitectura e o Design Industrial. Fotografias, reproduções de projectos e algumas maquetas na área da arquitectura, a que se acrescentarão protótipos e objectos do design industrial, preencherão o espaço físico dedicado a esta componente da Bial do «Avante!», onde para além das preocupações estéticas se dará particular relevância à componente didáctica da exposição. Essa componente didáctica será preenchida com a edição de um catálogo que incluirá um texto explicativo.

Se muitos são os nomes conhecidos do público dos mais importantes arquitectos portugueses, dada repercussão nacional e internacional de muitas das suas intervenções, o mesmo não sucede com os nossos designers industriais, apesar do grande prestígio de que também disfrutam. A verdade é que nesta área, nos últimos anos, surgiu uma nova camada de designers, gente muito jovem, que apresenta trabalhos de alto nível que importa conhecer.

Uma oportunidade que a Bial dará a todos os visitantes da Festa. A não perder. Como o «Avante!» tem vindo a divulgar, para além dos artistas convidados da VIII Bial de Artes Plásticas, ela é aberta, nos termos do regulamento já publicado, a todos os que nela queiram participar. A selecção das obras dos artistas não convidados é da responsabilidade do júri de admissão, que determinará a sua participação ou exclusão. O júri, lembra-se, é constituído por cinco membros da Comissão Consultiva (eleitos entre si) e dois representantes dos artistas participantes (escolhidos entre os mais votados e que aceitem assumir essa função).

A preparação desta significativa mostra das artes plásticas nacionais conta com a colaboração de entidades como a Sociedade Nacional de Belas-Artes, ARCO, Cooperativa Arvore, AGA (Associação de Gravura da Amadora), Escola Superior de Belas-Artes do Porto, ARTES (Associação Cultural do Seixal) e Galeria João Hogan, onde podem ser encontradas as fichas de inscrição para os artistas que desejem participar nesta mostra, de características únicas no nosso país.

A Comissão Consultiva da Bial é constituída por Alberto Pêssimo, António Abreu, Aurélio Santos, Bartolomeu dos Santos, Costa Martins, Edgardo Xavier, Fernando Cruz, Isabel Laginhas, Jaime Azinheira, Jorge Pinheiro, José Augusto, José Rodrigues, Leopoldo de Almeida, Luís Ralha, Maria Gabriel, Pedro Vieira de Almeida, Rogério Ribeiro, Sena da Silva e Virgílio Domingues.

A VIII Bial de Artes Plásticas ficará instalada no Pavilhão Central da Festa do «Avante!».

Bial de Artes Plásticas vai dar que falar



FESTA
1993
«Avante!»

PONTAPÉ DE SAÍDA LEVE EP? COMPRE JÁ!

Você ainda não comprou a EP? Você ainda não comprou a EP? Se é este o vosso caso, então lamentamos ter de informá-los que acabaram de perder a oportunidade de se candidatarem a ser um dos felizes contemplados com um dos três prémios do primeiro sorteio, realizado no passado dia 11, na Atalaia.

Não vale a pena chorar sobre o leite derramado. O que vale mesmo a pena é porem-se já em campo e comprar imediatamente a sua EP, garantindo deste modo a participação do respectivo talão no segundo - e último - sorteio. Os prémios para o último sorteio são um vale de férias/viagens no valor de 125 contos; uma máquina de lavar louça (de bancada) e um vale de livros no valor de 40 contos.

Se ainda não sabem, fiquem a saber que o talão deve ser enviado para os serviços administrativos da Festa (na R. António Serpa, 26 - 2º Esqº, Lisboa, ou na Atalaia) até ao próximo dia 28 de Agosto. O sorteio realiza-se a 29 de Agosto, sendo os resultados publicados nas edições do "Avante!" de 2, 9 e 16 de Setembro. Mais cedo ou mais tarde, a EP é mesmo para comprar. Porque não já? A Festa dá jeito e até pode ser que seja desta que a sorte esteja virada para esse lado.

Pavilhão Central UM ESPAÇO DE DEBATE

O Pavilhão Central, ponto de passagem obrigatório de todos os visitantes, apresenta-se este ano diferente do habitual. As duas exposições nobres da Festa estarão aí instaladas: a **VIII Bienal de Artes Plásticas** e a **Exposição Política** central. Esta última é dedicada à actividade do PCP na sociedade portuguesa, à sua luta na defesa dos interesses dos trabalhadores e das massas populares, ao papel dos

comunistas e da CDU nas autarquias, à preparação das próximas eleições. Recorrendo a painéis, computadores, diaporamas, fotografias, gráficos, televisores e a um vídeo-wall, entre outras formas inovadoras, os temas abordados na **Exposição Política** serão igualmente tema de debate público no **Forum** que aí ficará instalado. São as seguintes as principais questões propostas para

debate:

- O PCP, o processo de integração europeia e a defesa dos interesses de Portugal;
- A crise na economia e na sociedade portuguesa: os combates necessários para uma política diferente;
- A crise capitalista na Europa: a resposta dos trabalhadores;
- As eleições autárquicas em debate: os caminhos da alternativa;
- As cidades, o litoral e o

interior: a CDU e as estratégias de desenvolvimento necessárias. Integrados no espaço dedicado ao Pavilhão Central estarão ainda o **Café da Amizade**, a **Banca** e o **Espaço da Imprensa** do PCP ("Avante!") e "O Militante"), incluindo este último um mini-auditorio para debates. Prevista está ainda a edição de um número especial do "Avante!" alusiva às 17 Festas já realizadas.

FESTA 1993
Avante!

Palco Arraial

De características marcadamente populares, o **Palco Arraial** apresentará mais uma vez uma programação própria, estando a abertura no primeiro dia da Festa entregue à actuação da **Banda da S. F. U. Arrentense**, a que se seguirá o conjunto de baile **Niger**, oriundo de Torres Novas. A programação do **Palco Arraial** inclui manhãs infantis, com artistas circenses, e a

presença da ranchos folclóricos juvenis. À tarde o folclore será dançado por adultos, estando já confirmadas as presenças dos ranchos de **G. E. das Aves** (Santo Tirso), **R. F. R. Sorraia** (Coruche), **G. F. Lumiares** (Armamar-Viseu), **R. F. S. João do Campo** (Coimbra), **R. F. Pinhal de Frades** (Setúbal), **R. F. C. P. Corroios** (Setúbal) e **R. F. Cerejeiras de Fetais** (Sobral de Monte Agraço).



TRANSPORTES

Costuma dizer-se que é fácil ir e voltar à Atalaia nos dias da Festa, já que o trabalho que organiza, ano após ano, a melhor forma possível de os milhares de visitantes da Festa do Avante poderem chegar e partir, com maior rapidez possível, tem reconhecidamente obtido bons resultados. Os parques de estacionamento para excursões e privados estão assegurados, estando até previstas algumas melhorias que em tempo oportuno serão anunciadas. Assegurado também está a regularidade das carreiras da Transtejo e a sua ligação com as carreiras da Rodoviária Nacional que, por sua vez, garante transporte até ao fim efectivo da Festa. Embora ainda não seja possível dizer tudo a este respeito, já que daqui até Setembro poderá ser possível anunciar mais alternativas e mudanças de localização de alguns Parques de Estacionamento, aqui publicamos a, já de si muito boa, informação disponível.

Se vem de automóvel para a Festa

1. De Lisboa

Atravessa a Ponte 25 de Abril, segue pela auto-estrada do Sul, desvia no nó do Fogueteiro.

Ou então, segue por Almada EN 10 pelo Laranjeiro, Corroios, Cruz de Pau rumo aos Parques de Estacionamento.

2. Do Norte do País

Se vier por Lisboa, siga as indicações anteriores. No entanto, aconselhamos a não vir por Lisboa e, nesse caso, será melhor ir a Vila Franca de Xira e depois seguir por Porto Alto, Infantado, Alcochete, Montijo, Coina, Paio Pires e Torre da Marinha ou nó do Fogueteiro.

3. Mas se vem do Sul

Recomendamos a auto-estrada do Sul até ao nó do Fogueteiro e depois siga a sinalização pela Cruz de Pau e Amora.

Ou então, vindo também pela AE do Sul, saia via Barreiro e, depois de Coina, siga por Paio Pires e Amora ou pelo Casal do Marco, Torre da Marinha, siga as indicações locais.

Parques de Estacionamento

Parque das excursões. Vindo da Ponte da Fraternidade pela marginal da Amora, à direita do Amora Futebol Clube há um grande espaço reservado às excursões que vêm de todo o País.

Parqueamento assegurado aos visitantes da Festa



Transportes Rodoviários

A — Cacilhas/Quinta da Princesa

Terminal: Quinta da Princesa (cruzamento com a Estrada do Talaminho).

Horário: Assegurados, nos 3 dias, transportes até às 02.00 h com a frequência necessária ao escoamento de todos os passageiros (aprox. de 15/15 minutos).

(* no Domingo até às 01.30 h)

Percursos: Via Estrada do Talaminho (sendo o mais rápido para Cacilhas).

B — Cacilhas/Paio Pires (Via Seixal)

— Carreira 7113

Terminal: Bairro da Medideira (junto ao Campo do Amora).

Horário: Assegurados, nos 3 dias, transportes até às 02.00 h com a frequência necessária ao escoamento de todos os passageiros (aprox. de 15/15 minutos)

(* no Domingo até às 01.30 h)

Percursos: Da carreira normal.

C — Cacilhas/Seixal (Directo)

— Carreiras 7112/7114

Paragem: Cruz de Pau

Horário: Regresso até às 00.45 h.

D — Baixa da Banheira/Medideira

Terminal: Bairro da Medideira (junto ao Campo do Amora).

Transportes Fluviais

— Transtejo

Idas — De Lisboa para Cacilhas — Horários normais, com frequência de 15 a 20 minutos. **Regresso — De Cacilhas para o Cais do Sodré,** na 6ª Feira e no Sábado até às 02.45 h, no Domingo até às 02.00 h, com frequência de 20 minutos das 24.00 h às 02.00 h.

Nota: Estão asseguradas carreiras da RN de Cacilhas para a Quinta da Princesa e Medideira, de acordo com as necessidades. O regresso da Quinta da Princesa e da Medideira está conjugado com o horário dos barcos. Assegurados, nos 3 dias da Festa, transportes até às 02.00 h com a frequência necessária ao escoamento de todos os passageiros (aprox. 15/15 minutos).

Terra...



Verdes são os campos.... Lembra-se? Hoje mais acertado seria dizer *verdes eram os campos*, pois salvo raras e honrosas exceções, a floresta de betão tomou conta dos nossos espaços. Fatalidade? Nem pensar. O concelho do Seixal aí está a provar o contrário e, dentro dele, a Quinta da Atalaia onde a Festa do "Avante!" se instalou para ficar.

A experiência dos primeiros anos não foi famosa, o que só confirma o velho ditado de que *Roma e Pavia não se fizeram num dia*.

Os assíduos frequentadores da Festa e a generalidade dos leitores de jornais e revistas estarão lembrados de certas crónicas em que as referências ao pó, ao calor e/ou à lama - para já não falar da incomodidade de sentar o traseiro no chão para assistir a espectáculos - não deixaram espaço para outras apreciações à Festa. Independentemente das reflexões e ilações que tais crónicas merecem, por reducionistas, parcelares e raras vezes isentas, a verdade é que também nós não gostamos (ao contrário do alguns parecemos pensar) de engolir poeira, suar em bica ou enterrar os pés na lama, ainda que isso não chegue para nos retirar o prazer da Festa.

Por isso mesmo é que desde a primeira hora na Atalaia o Gabinete de Projectos da Festa anda a estudar a melhor forma de tornar o local o mais aprazível possível. E acabou por chegar a uma conclusão,

depois transformada em plano, onde a par de nomes tão estranhos como "ácer negundo, pseudoplátano, pinheiros mansos, freixos, choupos, prunos lusitana, sobreiros, azereiros, zambujeiros, amieiros, carvalhos, castanheiros, lodões, grevilca, miósporo, piracanta, medronheiros e diversas folhosas, gramínea e trevo subterrâneo", se fala de lagos, alamedas, calçadas, linhas de água, etc., etc., etc.

Trata-se, ao fim e ao cabo, do plano de florestação da Atalaia, seja na parte aberta ao público nos três dias da Festa, seja na área mais restrita da Quinta, com o objectivo de organizar o espaço de forma a permitir a um tempo a ampla fruição das suas potencialidades enquanto local de uma iniciativa do tipo de Festa e a sua protecção contra as múltiplas agressões, ambientais e humanas, a que o terreno está sujeito. Prevista está, numa primeira

fase de implantação deste plano, a remodelação da alameda e praça centrais do terreno, com a construção de zonas laterais de estadia, com duas faixas paralelas. A alameda será revestida a betuminoso, dividida a meio por uma zona arborizada que terá uma pavimentação permeável (com calçada à portuguesa ou lajetas) fazendo desta faixa o suporte para uma nova linha de água, que recolherá e encaminhará as águas pluviais.

Numa outra fase, a iniciar-se num futuro próximo, o projecto prevê que a ornanentação da praça central com um lago, cujo envolvimento será definido por quatro segmentos em arco decorados com muretes, encimados e enquadrados com espécies arbustivas e trepadeiras. Quanto ao povoamento florestal, o critério de escolha de plantas e árvores dá prioridade à utilização de espécies indígenas, preferencialmente já existentes na Atalaia, permitindo a execução faseada ao longo de vários anos.

Os objectivos são: combater a erosão hídrica, modificando a actual linha de água na parte mais baixa do terreno (a chamada «concha»), minimizar os efeitos negativos resultantes da construção da variante à estrada nacional 10 junto à Atalaia, dividir a «concha» em espaços mais ou menos iguais ao longo da alameda central, criar socacos de maneira a reduzir as inclinações do terreno

na zona onde se implanta a Festa, criar zonas de estar com sombras e jogos de água, arborizar as zonas onde não é possível implantar pavilhões, utilizando materiais rústicos que se integrem bem no ambiente. O projecto prevê ainda modificações nos arnuamentos, na zona do polidesportivo e nas entradas.

Como é natural, um tal projecto exige tempo, que a capacidade humana (e material) tem as suas limitações, e a natureza ainda não se compadece com as nossas urgências, exigindo que se cumpra o seu ciclo natural de desenvolvimento. Posto isto e os factos, fica-nos a certeza de que ano para ano a Atalaia ficará mais verde, mais aprazível, mais protegida para o futuro. E a Festa também, ainda que não se garantam sofás para assistir aos espectáculos.

Jornadas de trabalho Até ao lavar dos cestos...

Pois é, que se saiba, ainda ninguém inventou uma forma de construir sem fazer nada. Ainda bem? Ainda mal? As opiniões dividem-se, mas a questão de fundo subsiste. Quer isto dizer que a Festa, para ter pernas para andar, precisa de braços e mãos que trabalhem. Os camaradas e amigos que na Atalaia têm como tarefa dar corpo ao que vai ser a nossa Festa/93 são bons, mas poucos. Por isso mesmo é que precisamos de ajuda. Os fins-de-semana até à Festa já não são muitos, o que não se poderá dizer do trabalho ainda por fazer. Que tal então dar um maozinho?

Com as organizações, por sua conta e risco, em excursões com familiares e amigos ou mesmo sozinho, quem chegar à Atalaia com força e vontade para arregaar as mangas e meter mãos à obra é sempre bem recebido. Há trabalho para todos os gostos e habilidades.

E até pode ser divertido. Reveem-se amigos, criam-se novas amizades, escapa-se à barafunda do trânsito de fim-de-semana, convive-se, ganha-se uma cor, partilha-se o prazer de contribuir para o sucesso que a Festa vai ser. Só é preciso lá ir. E trabalhar, claro.

COMICÓ

DOMINGO
ÀS 17H



Desporto na Festa SEMPRE MAIS E MELHOR

As actividades desportivas da Festa do "Avante!" conquistaram um lugar que há muito extravassou o espaço e o tempo em que a mesma ocorre. Todos os anos, milhares de atletas começam cedo a preparar-se para as competições e ainda a estrutura da Festa mal começou a ganhar formas já eles andam por esse país fora a conquistar classificações para a final. É o que sucede, por exemplo, no Futebol Salão, cujos torneios de apuramento se iniciaram em Maio; nos torneios de xadrez a decorrer este mês; na prova de ciclismo

mo, que terá lugar em finais de Agosto; para já não falar dos torneios de damas e chiniquilho, os concursos de pesca desportiva e diversas provas de atletismo a decorrer nos distritos de Beja, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Lisboa, Santarém e Setúbal. Este ano, com mais razões, os nossos atletas têm de fazer juz ao título. A par das tradicionais provas, há novas modalidades. O caso mais significativo, e exigente, é a organização de uma prova de triatlo, onde os participantes terão de jogar xadrez, disparar o

tiro com dardo e fazer a eslada de uma parede artificial. Uma ideia que procura trazer à Festa novos desportistas, jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 20 anos. Mas as provas de canoagem e ciclismo não se ficam atrás e quem pretender, por exemplo, subir o Tejo da Trafaria ao Seixal (é a Avantejo, a 22 de Agosto), sob o olhar protector dum fã, mesmo com corrente a favor, o melhor é não descurar os treinos. Bom será também estar atento ao Polidesportivo, onde se realizarão exhibições

de basquetebol (feminino e em cadeiras de rodas), ténis de mesa, jogo do pau, andebol, futebol de salão (as meias finais do torneio nacional da Festa e feminino) e, na noite de sábado, um grande sarau com ginástica, judo, karate e luta greco-romana. A já tradicional Corrida da Festa (13 km), que marca o início da temporada de atletismo, realiza-se na manhã de domingo e continua a ser uma das provas mais populares e de maior número de participantes, a provar que as actividades desportivas na Festa vieram para ficar.



Prazeres da vida

Não é preciso levar uma vida de prazer para se saborearem os prazeres da vida. Às vezes basta um pouco de atenção para o que se passa à nossa volta para descobrir coisas que farão as delícias de miúdos e graúdos.

promessa de um artesão, fabricante de adufes de Idanha-a-Nova, bem como de grande variedade de presuntos, queijos, enchidos e vinhos da Covilhã e do Fundão.

Na Festa, como é tradicional, as organizações prometem não se poupar a esforços para juntar o útil ao agradável e dar a conhecer aos visitantes o que cada região tem de melhor. A par de outras iniciativas, a gastronomia e o artesanato ocupam um lugar de relevo. Para provar, saborear e levar para casa.

À beira-Tejo e não só

Leitão da Bairrada, com vinhos castiços, maduros ou espumantes com a mesma origem a acompanhar, mais uns ovos moles e outros doces regionais, é a promessa que chega de Aveiro, a par de uma decoração representando a respectiva estação da CP e produtos típicos. De mais ao sul, de Évora, onde a reconstrução de um aglomerado urbano tipicamente alentejano já se tornou tradição, virão o enopado de borrego, o entrecosto, os queijos de ovelha, os vinhos e bagaceiras do Redondo, Reguengos e Borba, o mel e os bolos regionais, com os indispensáveis barros, chocalhos, cutelaria e madeiras do Redondo, São Pedro do Corval, Estremoz, Viana do Alentejo e Alandroal. Viseu promete uma varanda beirã com a reprodução de uma casa em granito, artesanato, e um "Pátio Beirão" para saborear os vinhos do Dão, Terras do Douro e Lafões, degustar uma sopinha de cebola, um entrecosto à Beirão, vitelina à tia Lurdes, sempre com a inevitável broa ou o folar de Vouzela. A Guarda não se fica atrás, com o fabrico e venda de cestos regionais, uma taberna típica com feijoadas, enchidos, salada de bacalhau, orleira de vinagrete, presuntos e queijos da Serra, regados com vinhos de Pinhel, Figueiró e Meda. Mais um salto ao Alentejo e descobre-se Portalegre, que promete reproduzir ruas e praças para melhor se saborear o inevitável borrego, os queijos e enchidos, os vinhos da Serra de São Mamede e da Adegas Cooperativas de Portalegre, e onde se poderá encontrar peles, couros, feltros bordados, barros e outra olaria, capotes alentejanos, vimes e diverso artesanato de Terrugem, Elvas, Monforte, Nisa ou Santa Eulália.

Variedade é o que não falta em Santarém, que se propõe reproduzir a zona ribeirinha e uma casa de pescador do Tejo, pano de fundo da celeberrima sopa da pedra, dos não menos conhecidos figos e bolos secos de Torres Novas e Alpiarça, das tigelas de Abrantes ou do pão-de-ló de Rio Maior, a rivalizar com o barro pintado à mão da Chamusca e Golegã, a serralharia artística da Chamusca, os candeeiros de palhinha de Pernes e as mantas e peles de Minde.

Da Madeira prometem chegar chapéus de palha, bordados, vimes, brinquinhos, tão famosos quanto o bolo de mel, o ponche, os licores e o vinho da Madeira, ou ainda a carne de vinho e alhos, a sopa de trigo ou o bolo de coco. Beja não se fica atrás e promete reconstituir uma vila alentejana para melhor se apreciarem os cestos e madeiras de Moura, os barros de Beringel, as mantas de Castro Verde e Mértola, os cobres de Beja e as peles de Serpa; bem aviado ficará quem levar como lembrança o azeite, o vinho, o mel e os queijos da região, depois de se ter consolado com umas febras ou um enopado de borrego.

A chanfana chega, está bom de ver, da região de Coimbra, devidamente acompanhada de uns vinhos da Bairrada. Já a Emigração promete trazer-nos duas torres enquadrando um espaço que simboliza a ligação entre Portugal e as comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo; é o espaço privilegiado para o artesanato internacional, dos famosos lenços árabes e indianos aos colares luminosos de Paris, sem esquecer as salsichas alemãs, os pratinhos de caracóis e as farturas, tudo bem regado com uma sangria a preceito.

De tudo um pouco

Lisboa escolheu como tema, bem apropriado à época, a água e os espaços de lazer. Por aí, a par de espetáculos vários, poderá encontrar-se um café-concerto, um recanto para o fado, um restaurante típico de Vila Franca, uma queijadaria de Sintra, em amena confraternização com a marmelada de Odivelas ou a bilhas de Sacavém, artesanato vário e um pavilhão que fará as delícias dos filatelistas, entre muitas outras coisas.

Vinho verde e vidros

De Braga chega também a promessa de reprodução da Pousada de Santa Maria (Guimarães) e de fachadas de prédios da Praça de Oliveira, a servir de pano de fundo ao bacalhau frito, à broa caseira, à feijoadas, à sopa de milho, ao arroz malandro, sem esquecer o imprescindível caldo verde, chouriço, morcelas e chispe, tudo acompanhado de malinhas de vinho verde. O artesanato da região não dispensa os barros, cantarinhas de namorados, mantas, cestos, chapéus de palha e linhos.

O Algarve promete trazer a típica touca de Almansil, os cestos de Odeleite e as especialidades da serra, para além do sempre apetitoso arroz de marisco e grande variedade do mesmo (camarão, ostras, percebes, sapateira, lagosta), cocktails variados, mel, medronho e os imprescindíveis bolos de amêndoa, de figo e D. Rodrigues. Do distrito, que o mesmo é dizer de Setúbal, chegam (entre outras) promessas de baile popular para ajudar à digestão das caldeiradas de Sines, do arroz de tamboril de Setúbal, das enguias do Seixal, dos churrascos da Moita e dos mariscos de Sesimbra ou ainda das tortas de Azeitão. O Porto aposta no artesanato, em que se destacam as peças em madeira (barcos rabelos, carros de bois), barros de Santo Tirso, sandálias de Amarante, filigranas de Gondomar, tapetes, camisolas e mantas da Póvoa e de Vila do Conde, até mesmo mobiliário de Paredes. Para os estómagos, para além do já famoso solar do vinho do Porto, não faltarão as tripas, a sopa à mineira, o arroz de cabidela, os bolinhos de bacalhau com feijão frade, entre muitas outras especialidades.

A decoração de Leiria, zona da maltratada indústria vidreira, vai reproduzir a frontaria da fábrica Irmãos Stephens; entre uma dentadas no pão com chouriço acabado de sair do forno, há que ver e comprar as peças de vidro, feitas no momento ou não, sem esquecer a cerâmica das Caldas da Rainha e Alcobaça. Também Bragança promete trazer um artesão, para se apreciar no local como se produzem cestos e outras peças, que a região é rica no trabalho de madeiras, cutelaria, sem esquecer o mel de Montezinho, o azeite de Vila Flor ou os vinhos maduros e generosos. Por estes lados, o prato forte é a feijoadas à transmontana, que rivaliza com as alheiras de Mirandela, os chouriços e os canelos. Javali, cristas de galo e petiscos vários vão também poder ser apreciados em Vila Real, onde se espera uma boa contribuição em vinhos do Douro. Bem conhecida pelos seus bordados, Viana do Castelo promete palmitos de Vila Franca e Vila Praia de Ancora, louça pintada à mão, grês, rocas de Ponte da Barca, lenços regionais, latoaria e tamancos de Parede de Coura, artefactos que não fazem esquecer o chouriço de sangue de Ponte de Lima, as tradicionais receitas de arroz de sarrabulho, arroz seco com rojões e outras especialidades, como o doce de ovos com amêndoa e o vinho engarrafado, caseiro e das adegas cooperativas. De Castelo Branco chega a

Espaço Internacional Lugar de convívio e solidariedade

Próximo do Pavilhão Central vai ficar instalada a Cidade Internacional. Espaço privilegiado para a afirmação da solidariedade internacional que caracteriza o PCP, a Cidade

Internacional trará, como de costume, informações da actividade e lutas de outros povos e partidos, a par de pavilhões de artesanato, locais de debate e animação cultural e, como não podia deixar de ser, restaurantes com especialidades de cada país. Uma oportunidade para experimentar entre outros, os sabores cabo-verdianos, chineses, cubanos ou mauberes, para além das já bem conhecidas cerveja e salsichas alemãs.

Uma campanha de solidariedade material com o povo de Angola irá decorrer durante os três dias da Festa, para o que se apela desde já à contribuição de todos. Neste momento estão já confirmados, entre outros, Pavilhões representantes da Alemanha, Espanha, França, Grécia, Itália, Cuba, Coreia, China, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Fretilin, OLP, Líbano, Argentina, Bolívia, Perú e Frente Polisário.



Centro do Livro e do Disco A Vértice no vértice

O Centro do Livro e do Disco é já uma instituição nas festas do "Avante!". Com a sua tenda de circo atrai a atenção do mais distraído e não falta quem ali se abasteça, e bem, de livros e discos para as longas noites de inverno. A organização promete que vale a pena passar por lá. A par das últimas novidades editoriais, não faltam brinquedos, discos compactos e em vinil (uma quase raridade nos tempos que correm) e grandes, grandes saldos de livros. É aproveitar, que a Feira do Livro só volta para o ano e as compras de Natal não tardam. Este ano o Centro promete ainda um programa cultural dedicado ao tema "A Vértice e o Neorealismo 50 anos depois", com uma exposição organizada pelo Museu do Neorealismo de Vila Franca de Xira. Trata-se de uma retrospectiva histórica da Vértice - um dos mais importantes órgãos de informação do séc. XX -, com destaque para o seu perfil político antifascista, a formação cultural de massas, a criação estética e a polémica. A revista tornou-se um órgão fundamental do neorealismo nas artes, nas letras e no pensamento, tendo aberto as suas páginas a outras correntes intelectuais.



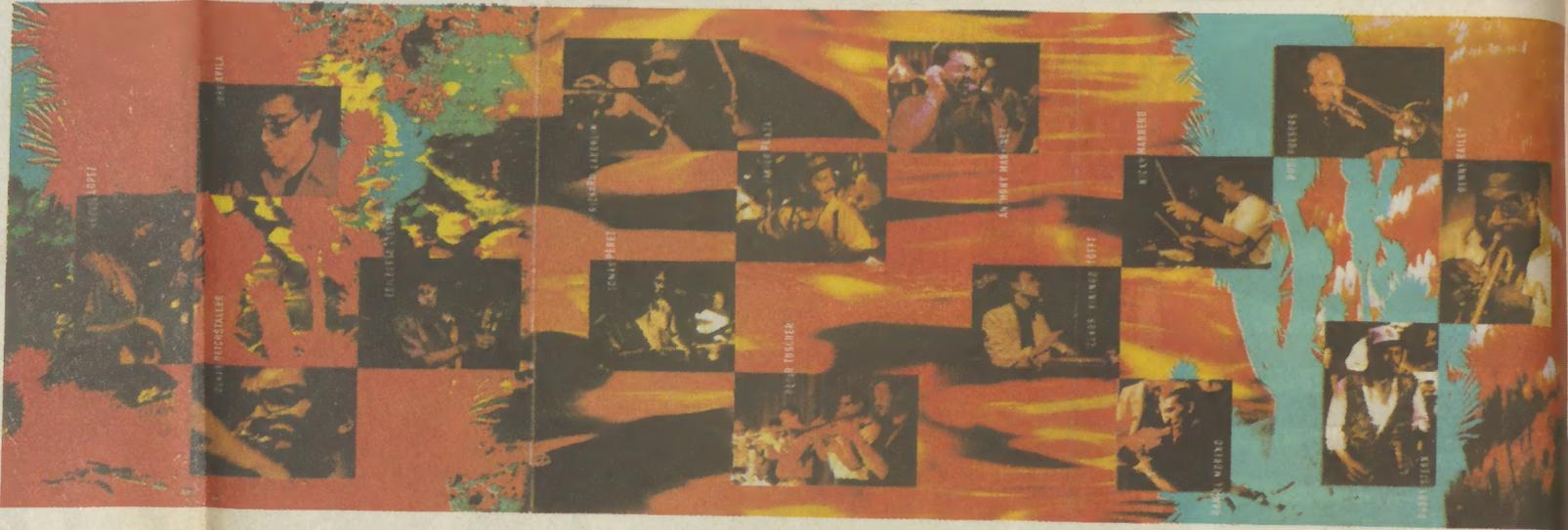
AVANTEATRO

O teatro vai à Festa, destacando-se este ano a presença, entre outros, dos seguintes grupos: Teatro Municipal de Almada, com a peça *D. Quixote*; o grupo Papa-Léguas com *«hoje sou rei... amanhã não sei»*, o CDIAG-Teatro da Malaposta com a peça *Sorte Malvada* e o grupo Intervalo que apresentará a peça de Brecht, *A boda dos pequenos*

burgueses. As manhãs desta edição do Avanteatro serão dedicadas às crianças e antes das sessões da noite programaram-se momentos musicais com a colaboração de: Camerate Juvenil e Orquestra Ligeira da B. M. do Barreiro, o Grupo de Metais do Seixal e o Quarteto Charlumeau

FESTA 1993 Avante!

CONEXION Latina



Wolfstone

José Eduardo



Jorge Pardo



Issabary



MATISSE MULHER

A mulher vista por Matisse. No ano em que, em França, se realizou a maior exposição de sempre dedicada ao pintor, uma imagem particular da Mulher vai ser reproduzida nas paredes que farão o Pavilhão que na Festa do «Avante!» é dedicado às mulheres. O olhar...



JOGOS LISBOA '94

8ª EDIÇÃO

...a festa vai continuar em setembro!

